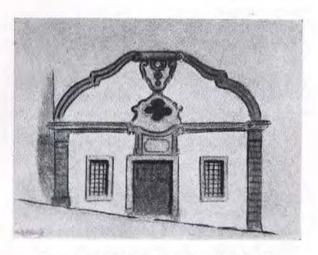


CAPÍTULO XXVI

Agora, lugar para outro Grande, É Bocage. Ao entrar um Poeta nestas páginas caóticas de velharias escuras, raiou uma luz. A poesia é um clarão da alma; a esse clarão estudemos o Poeta.

*

Subindo a travessa das Merces, topamos na esquina oriental da rua dos Caetanos um edificio, que chega até à rua do Carvalho (hoje de Luz Soriano), e cujo aspecto eclesiástico ainda há cinco anos nos denunciava claramente a sua antiga destinação: foi o cemitério das Mercês. A capela paroquial era acanhada; cemitérios ao ar livre, largos e desafrontados, como agora, não os havia: serviam pois estes recintos apropriados, com o seu consagrado chão, à sombra da ideia religiosa.



Frontaria do antigo Cemitério da freguesia das Mercês na rua dos Caetanos



Quem ali passava há poucos anos, ainda por 1897, julgava estar vendo uma igreja vasta mas pobre; a frontaria para a rua dos Caetanos, pesada e acachapada, sobrepujou-a até 1834 o simbolo cristão. Ao topo, na parede sobre a rua do Carvalho, levantava-se um massiço de alvenaria, onde, entre duas janelas, se erguia o altar para os sufrágios piedosos. À banda do Norte ficava a sacristia, e um pátio interior que ainda lá está. À parte do Sul, sobre a travessa, corria uma parede nua, apenas rasgada lá no alto por cinco frestas. O ar desamparado e tristonho do casarão causava melancolia; e, contudo, poucos saberiam já ser ali um cemitério, que se alugava a uma fábrica de carruagens! Ao som do martelo e da lima,

entre a orquestra da serra e do malho

os mortos continuavam a dormir.

Vendido o profanado edificio pela Fazenda nacional, comprou-o o sr. Alberto Neves para a sua fábrica de carruagens; mas não arrematou só paredes; incluiram-se na aquisição os ossos numerosissimos ali acumulados desde longo tempo, e sepultados em noventa covas, que tapisavam o longo pavimento, a seis de largo sobre quinze. Sim, vendeu-se o coval, venderam-se os ossos, venderam se as memórias íntimas que ali se tinham encerrado, vendeu-se tudo, porque os Governos deste regime só tratam de demolir e fazer dinheiro.

Assim, ao menos, hão-de ficar lembrando no futuro.

Muita gente notável se encontraria entre as noventa covas, certamente; de duas sei eu, de que ninguém fez caso, e que deviam ter merecido menos desprezo da parte de quem ordenou a venda pública; refiro-me a Tolentino, e a Bocage.

Da sepultura do primeiro nada sei; do segundo direi alguma coisa; mas vamos por partes.

*

Na travessa de André Valente faleceu o incomparável Manuel Maria Barbosa do Bocage; confesso que não conheço muito ao certo a casa. Tenho ouvido duvidar da indicada pelo sr. José Feliciano de Castilho Barreto de Noronha na sua Vida do poeta; é ponto que ainda, me parece, está para averiguar (1).

^(!) Não havia razão para davidar da indicação de José Feliciano de Castilho. A casa onde faleceu o Poeta em 1805, era a que nesse ano tinha o número 11 e mais tarde o n.º 25. O folheto (separata do Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses) publicado, como comemoração centenária, em 1905, pelo meu saudoso amigo António César de Gouveia Leite Farinha e Mena, compadre de Mestre Júlio de Castilho, prova-o exuberantemente. "A casa onde faleceu Bocage" — tal é o seu título — compendia todos os informes essenciais à demonstração da verdade. Bocage morreu no terceiro andar dessa modesta residência, e sua irmã, D Maria Francisca, companheira dos seus últimos instantes, ali continuou a viver, até 1809 pelo menos. (Nota de M. S.).

Seja como fôr, foi ali que o pintor Henrique José da Silva (Henrino), irmão do célebre calígrafo Joaquim José Ventura da Silva, mais conhecido pelo Ventura, pintou do natural o fiel retrato do seu infeliz amigo, quando este, já nas últimas do aneurisma que o levou, ensaiava os seus derradeiros carmes, tão sentidos sempre, tão vigorosos ainda.



Planta do antigo cemitério das Mercês

Esse retrato, gravado pelo eminente Bartolozzi, é reproduzido aqui. Henrino partiu para o Brasil, onde se fixou e faleceu, mas em 1812 ainda cá estava, e anunciava, na Gazeta n.º 55 de Março, ter concluido o desenho do retrato de Beresford, gravura do mesmo Bartolozzi.

Um filho dele teve no Rio de Janeiro o emprego de Porteiro da Academia de Belas Artes, e deixou duas filhas, que certamente são defuntas a esta hora. Ora o retrato original de Bocage, pintado do natural pelo avo dessas senhoras, existia em poder delas, no Rio de Janeiro; e tendo tido não sei que demanda, entregue aos cuidados de um jurisconsulto afamado no Brasil, viram-se em graves dificuldades quando foi necessário satisfazer ao seu defensor os honorários profissionais. Como este era apreciador de Belas-Artes, pediram-lhe que entre os vários quadros e esboços, que ainda possuiam do pincel paterno, escolhesse os que pudessem agradar-lhe. O advogado apenas se contentou com a pequenina tela bocagiana.

Este quadro foi por ele emprestado a meu tio o sr. José Feliciano de Castilho, que o mandou reproduzir a óleo, ampliado a dimensões naturais, por um bom pintor francês do Rio, *Moreau*, se não me falha a memória), e fez presente dessa nobre recordação, devidamente emoldurada, à Câmara Municipal de Setúbal.

E basta, que, de assunto em assunto, percorremos todo o orbe terráqueo.

200

O sr. Neves, proprietário do terreno e das paredes do antigo cemitério das Mercês, projectou várias obras para melhorar a instalação da sua fábrica de carruagens; encarregou delas em Abril de 1897 o hábil mestre de obras o sr. Oliveira da Silva. Ora este tem amor às tradições respeitáveis, e interessa-se pelos trabalhos de que se encarrega; aconteceu prestar ouvidos ao que lhe



MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE



FRANCISCUS BARTOLOZZI

disseram em conversação várias pessoas antigas da paróquia, que lhe falaram de Bocage, sepultado naquele mesmo cemitério. Vê-se que a lembrança do grande Poeta ainda tinha calor; ainda por ali se falava dele. Acrescentavam essas pessoas que Bocage, falecido em 21 de Dezembro de 1805, ali perto, na travessa de André Valente, fora enterrado na cova n.º 36. Para um espírito afectuoso e atento, essa revelação foi um raio de luz; o sr. Oliveira contou, começando de baixo, à mão direita, e achou, até certo ponto, autenticado o aparecimento dos restos mortais de Elmano!

Por si mesmo pouco podia; mas dirigiu se a uma pessoa influente, hoje falecida, cuja posição especial lhe aconselhava não descurar matéria de tamanha importância; comunicou-lhe o achado, e suplicou-lhe promovesse a remoção oficial dos despojos do poeta para sitio apropriado e condigno de tal nome.

Nisto, começava-se, por ordem da autoridade, a brutal transferência, sem mais cerimónias, sem mais exame, sem mais reclamação, de todas as sessenta e nove ossadas para as valas do Alto de S. João e dos Prazeres; o sr. Oliveira o mais que pôde foi ir sustando esse trabalho, e adiando a saída dos ossos da cova 36.

Tinha passado um mês, sem que pessoa alguma lhe dissesse o destino daqueles ossos, quando ele de novo procurou o funcionário a quem primeiro se dirigira. Novos elogios ao zelo do oficioso procurador, lástimas de não ter podido ainda tratar do pedido, e protestos de ir em breve proceder ao exame e remoção do achado. Decorreram mais semanas; e como nada de novo se desse, o sr. Oliveira pela última vez instou no indicado sentido junto do funcionário.

— Não me tem sido possível, pelos meus muitos afazeres, pensar no caso — disse ele. — Olhe, sr. Oliveira; trate pessoalmente de tudo; mande fazer uma urna, mande exumar a ossada, meta-a na urna, chame uns moços de fretes, ou uma carroça, ou uma carruagem, e mande-me esses restos para cá.

O outro, que tinha a paciência exausta, que julgava ter já prestado alto serviço à nossa História literária tomando a iniciativa, que tinha plena consciência de ter diligênciado mais do que faria uma Comissão de Académicos, e se achava farto de andar a mendigar a esmola de uns minutos de atenção, que não chegavam, levantou mão de tudo; e, não lhe sendo já possível demorar por mais tempo a conclusão da obra do pavimento, deixou que afinal a vala engulisse para sempre o pó que foi BOCAGE,

*

Pergunta-se: como tinha Oliveira tanta certeza àcerca da cova 36? unicamente pela tradição das tais pessoas antigas. Não sei quem eram, nem conheço o seu critério; só lamento que esses esclarecimentos nunca tivessem tido a felicidade de chegar (para serem devidamente avaliados) aos ouvidos de um Inocêncio Francisco da Silva, de um José da Silva Mendes Leal, de um José Maria da Costa

e Silva, de um António da Silva Túlio, de um Visconde de Juromenha, de um Joaquim Martins de Carvalho, de um Inácio de Vilhena Barbosa, de um José Feliciano de Castilho, ou de um Alexandre Herculano.

A certidão obituária diz apenas:

"Certifico que, no L.º 90 dos assentos dos óbitos desta freguesia das Mercês da Cidade de Lisboa, se acha o seguinte termo:

Aos vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e cinco na travessa de André Valente, faleceu com todos os Sacramentos Manuel Maria Barboza du Bocage, solteiro, natural de Setubal, filho do Bacharel Luiz Soares Barboza du Bocage e D. Maria Anna Joaquina Barboza. Não fez testamento. Foi sepultado no Jazigo desta Egreja, de que fiz este assento que assignei. — Coadjutor José Luiz de Souza.

"Está conforme. P. das Mercês II de Março de 1903.

"O Prior João Manuel Rodrigues Lima" (1).

*

Houve acaso maldade propositada neste sumiço de umas relíquias celebérrimas? não. Da parte das estações públicas houve a costumada cegueira;

⁽¹) A êste respeitável Eclesiástico, o sr. Rodrigues Lima, agradeço a amabilidade e presteza com que me enviou a certidão.

as repartições públicas não avistam certas bagatelas. Da parte de tal pessoa invocada com tanta fé, com tanta insistência, pelo sr. Oliveira, também não houve crime; houve apenas o nosso terrível e dissolvente amanhã português; era um sujeito de altas e variadíssimas aptidões, a quem o País deveu muito, e cuja actividade se subdividia por numerosos assuntos de interesse literário, político e científico. O seu indiscutível talento, a sua tenacidade, chegavam para muitíssimo, mas não chegavam para tudo. Bocage, por mais uma fatalidade do poeta, ficou fora da esféra da acção do funcionário.

*

O sr. Oliveira contou-me estes pormenores, e até me deu a planta e os alçados do edifício, num dia célebre; 10 de Junho de 1902. No aniversário da morte de CAMÕES entravam no meu cartório os documentos da frustrada achada dos ossos de BOCAGE.

212

Se faltou a Bocage mausoléu condigno, se a fatalidade ordenou que os ossos deste grande Poeta nunca pudessem vir a honrar o Panteão dos Jerónimos (caso os mandões o achassem digno de lá entrar), pagou-lhe a Nação uma parte da sua dívida, erigindo-lhe em Setúbal um monumento. A história deste pertence a outro livro meu. Aqui limito-me a transcrever o Soneto, que à inauguração da estátua dedicou António Feliciano de Castilho em 1871; ei-lo; a Poesia é também uma vingadora histórica:

NA INAUGURAÇÃO

DO

MONUMENTO DE BOCAGE

EM SETÚBAL

no dia 21 de Dezembro de 1871

Sexagésimo sexto aniversário do falecimento do Poeta.

Ta, que nos revelaste a mágica harmonia da Lira nacional, antes de ti latente, espírito de laz, relâmpago esplendente, que descobriste à Pátria um mundo de Poesia,

ao Capitólio de Arte ascende entre a alegria, entre os vivas da Lusa e da Brasília gente. Se um supulcro não tens, do berço teu florente qual fénix imortal resurges neste dia.

Emudeceste à inveja os pérfidos agoiros; redaziste-la ao nada, ao pó donde provinha. Em vez de ciprestal, rodeiam-te só loiros.

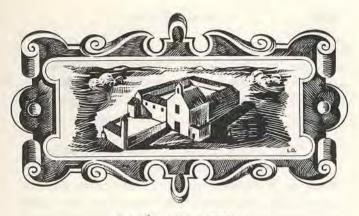
O vate lê no fado, e os tempos adivinha. Não de balde exclamaste aos séculos vindoiros: «Zoilos, estremecei! Posteridade, és minha».

*

Noto ao leitor o engenho com que o autor do Soneto uniu nesse último verso o princípio e o fim da célebre Ode de Bocage a Filinto:

> Zoilos, estremecei, ragi, mordei-vos! Filinto, o grão Cantor, presou meus versos.

Fadou-me o grão Filinto! am vate! am name! Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!



CAPÍTULO XXVII

Se a ermida do Alecrim, estudada no meu volume II, teve por fundadora uma boa mãe, inspirada pela veleidade inocente de uma criança piedosa e nobre, existia outra fundação mais para o Poente, ligada com os pobresinhos plebeus da antiga Lisboa. Vamos a visitá-la; é a ermida dos Fiéis de Deus.

H

Nos princípios do século xvi (já o tenho dito) tudo aí eram campinas a perder de vista, olivais, mato, e terras de pão,

Vivia no sítio da actual ermida um ermitão, como os havia em muitas outras partes. Este assumira a si um extraordinário encargo: era ele só o asilo de infância desvalida, ou antes a créche da era de quinhentos. Recolhia no seu albergue de colmo todos os meninos perdidos, que encontrava extraviados de seus pais, e mantinha-os em quanto lhos não iam reclamar. Di-lo o autor do Santuário Mariano.

O que era isto de meninos perdidos? pois Lisboa era tão desordenada, que as crianças se andassem a sumir, como se perdem contas desenfiadas, meu caro Frei Agostinho?

> Pelas ruas mil cambos, mil recambos, cargas vem, cargas vão, mil nós, mil traves.

escrevia o nosso Horácio quinhentista, ao atravessar de manhăzinha a rua *Nova* e a porta do *Ferro*, de caminho para a Casa do cível no Limoeiro; mas ainda assim, não percebo que o sumiço de *bambinos* portugueses fosse tão considerável, que necessitasse estação especial. É esta a lenda que nos ficou; o aceitá-la não prejudica a chamada severidade da História.

Quando os pais, depois de farejarem por todos os recantos da populosa Capital, se lembravam de ir àquelas terras ocidentais interrogar, cheios de lágrimas, o bom do ermitão, com um sorriso benévolo e paternal os acolhia ele, e tirava da manga do borel o menino perdido, que era coberto de beijos.

Eu cá por mim estou persuadido de uma coisa: os tais meninos sumiam-se por querer; provàvelmente o bom modo do santo velho, as histórias da carochinha com que os fazia rir, e as gulodices com que os regalava, tinham mais atractivos para a pequenada pobre de Alfama, do que todas as cartilhas de João de Barros ou Inácio Martins. O segredo deve ser esse. Os carinhos são o segundo pão dos pequeninos; fazem milagres!

É lenda; será; e então que tem? a origem da História também é fabulosa. Roma tem por avó uma loba; Pompeia era filha de Hércules; Lisboa conta por progenitor a Ulisses. Não admira que principie por lenda este ramo da beneficência portuguesa.

Pobres começam muitos rios nobres,

diz algures o Viriato trágico.

Foi no ano de 1551 que um tal Afonso Brás, cuja personalidade é completamente obscura, segundo creio, fundou ali mesmo, à sua custa, uma capela decente, dedicando-a às Almas do purgatório. Lembráva-se talvez dos montes de pedras que ali se acumularam (segundo indiquei num dos capítulos do volume I) em memória dos fiéis de Deus.

Ainda hoje quem entra a porta da ermida lê ao seu lado esquerdo a seguinte inscrição:

NA HERA DE-1551-SE Æ
DEFICOV-ESTA-CAPE
LA-DAS ALMAS-DO PR
VGATORIO-EHO FOÑ DA
DOR-DELA-FOI-A-BRAS
O QL-IAZ-AQI-PEDE HÑA-AVE
M-FALECEO-A-20-D-IAÑ-D-569

Quer dizer:

Na era de 1551 se edificou esta capela das Almas do Purgatório, e o fundador dela foi Afonso Brás, o qual jaz aqui. Pede uma Avé Maria. Faleceu a 20 de Janeiro de 1569. Daí se vê que Afonso Brás ainda dezoito anos se comprouve de ver florescer, cantar, e rescender



irmida dos Fiéis de Deus segundo Bráunio (século XVI)

amores místicos a sua piedosa fundação, que, segundo disposição testamentária, passou para a administração de umas sobrinhas do instituidor, e delas para a da Misericordia.

Se pedirmos a Bráunio indicações gráficas da ermida dos Fiéis de Deus, dar-nos-á na sua vista uma capelinha vol-

tada ao poente, com seu campanário, e três janelas por banda no corpo do templo. Junto deste um quintalão para o sul.

*

Esta capelinha das Almas, ou dos Fiéis de Deus, como também se dizia já no primeiro quartel do século xvII, tinha o seu ermitão, encarregado de arrecadar os tais meninos perdidos; mas no assento da Vereação de Lisboa de 21 de Maio de 1592 ainda não vem mencionado para o efeito; Esse assento diz:

Assento da Vereação, de 21 de Maio de 1592

Acordou-se "que toda a pesoa q achar menino ou menina perdidos, os leue e entregue na hermida da acenção, aa calçada do congro, aa hermitoa, ou no hospital do Palmeiros, ou em nosa sñra dos remedios, em alfama, aos hermitaës ou p^{as} q̄ tem cuidado do dito hospital e hermidas; e p^a q̄ seus pais e maïs e p.^{as} q̄ delles tem carreguo saibão onde os podem hir buscar, se fação escritos p^a se noteficarē nos pulpitos» (¹).

Daqui percebo que fui precipitado em chamar lenda o que foi realidade. Neste labirinto de Lisboa, sem policia, com uma população adventícia de muita casta, não admira que a ociosidade e a falta de escolas desenvolvessem a vadiagem e a corrupção. Da criança vádia e díscola fazia-se o arruador, o volteiro, o ladrão, o assassino. A Vereação quis obviar ao mal, e fêz o que pôde: assinalou as paragens em que os pais podiam procurar os fugitivos, e pediu à grande voz do púlpito que lhas denunciasse.

Já o alvará Régio de 21 de Junho de 1628 quis que a ermida dos Fiéis de Deus fosse contada como um dos cinco sítios destinados a albergue dos meninos perdidos (²). Triunfava o ermitão, como receptador oficioso da criança brava. Não lhe invejo a reitoria.

*

Vejo que em 1620 quis alguém fundar na ermida um Recolhimento da Ordem dos Trinitários; mas vejo também proibida a fundação, sem se darem os motivos, pela Carta Régia de 17 de Junho do mesmo ano.

⁽¹⁾ Cartório da C. M. de L. — Livro I de Assentos, fl. 7 v. — Sr. Freire de Oliveira — Elementos, T. II, pág. 68.

⁽²⁾ Citados Elementos do sr. Freire de Oliveira, T. III, pág. 288.

O motivo seria a necessidade de coibir o desenvolvimento demasiado que iam tendo as instituições monásticas; era um não acabar de conventos de Frades e Freiras; uma espécie de moda, a que foi urgente pôr um dique.

Hoje a ermida nada tem de notável; é uma nave pequenina, com pouca ornamentação, e nenhum cunho artístico. Os quadros, trechos da vida de Nossa Senhora, atribui-os Taborda a Bento Coelho da Silveira. Raczynski acha-os muito somenos (1).

Mencionarei o antigo adro, que era realmente um desnecessário empacho em viela tão estreita, e existiu até 1837. Em Novembro oficiou a Câmara ao Administrador do Julgado ordenando a demolição (²).

Ainda hoje quem passa percebe na cantaria o sinal do antigo adro, e nas ombreiras das portas o vestígio do rebaixamento, que obrigou a acrescentá-las pela parte inferior.

E fiquemos por aqui quanto à ermida dos meninos perdidos.

*

Junto desta havia um Recolhimento, onde se albergavam mulheres, mães, irmãs, e filhas, de criados do Paço, e de outros servidores de fora do Reino. Na colecção da Legislação encontrei algumas providências governamentais relativas

⁽¹⁾ Les Arts en Port., pág. 521.

⁽³⁾ Syn. dos princ. act. adm, da C. M. de L. em 1837 pág. 35.

a esse Recolhimento, para acrescentar ao que li nos manuscritos do Padre Luís Cardoso. O alvará de 2 de Outubro de 1624 consigna lhe, por tempo de seis anos, 100,6000 réis anuais para o custeio doméstico, saindo metade do Desembargo do Paço, e a outra da Casa da Suplicação. O alvará de 21 de Julho de 1644 renova por mais seis anos a mesma mercê.

Outros há, de 22 de Agosto de 1629, e 22 de Julho de 1644.

O Recolhimento durou até 1671 (1), e não sei que destino deram depois às recolhidas.

Esse Recolhimento de mulheres funcionou no prédio contiguo à ermida dos Fiéis de Deus, cujo portão tem hoje o n.º 10; num quarto se percebe (ou percebia à poucos anos, que o vi eu, quando aí morava a sr.º Baroneza de Almeida) vestígios de tribuna sobre a ermida.

⁽¹⁾ Padre Luis Cardoso. - Dicc. mss. T. 20.



CAPÍTULO XXVIII

De um bom livro, que tenho neste momento aberto diante dos olhos, o excelente Dicionário teológico do Abade Bergier, extráio o seguinte. Se sou plagiario ele que m'o perdôi, e o leitor que m'o agradeça.

*

Era no primeiro quartel do século xvi Arcebispo de Chieti, no Reino de Nápoles (a antiga Teate Marrucinorum dos Romanos), o Cardeal João Pedro Caraffa, que depois, em 1555, subiu, já muito velho, ao Trono pontifício, sob o nome de Paulo IV. Auxiliado dos bons oficios de Caetano de Thiene, fidalgo lombardo, ao diante canonisado, de Paulo Consiglieri, e de Bonifácio Colle, fundou ele em Roma no ano 1524 uma Ordem religiosa, ou Congregação de Clérigos regulares. Ficou assim



Nossa Senhora da Divina Providencia venerada no convento dos Caetanos



S. Caetano de Thiene e Nossa Senhora da Divina Providência estabelecido, com o Cardeal Caraffa por primeiro Superior, um respeitável instituto, cujas constituições eram, em resumo, estas:

instruir e ensinar o povo ignorante; auxiliar os enfermos; combater os erros da heterodoxía; incitar os seculares às práticas piedosas; pela força contagiosa do exemplo desenvolver no cléro o espirito desinteressado, o fervor, o estudo da Teologia, e o respeito às coisas sagradas.

Graças ao porte sizudo e virtuoso dos filiados na Congregação, foram sempre estimados de grandes e pequenos, e deram à Igreja vários Bispos, Cardeais, e homens dedicados não só às práticas religiosas, mas à ciência e literatura.

Em honra de Teate, sede do Arcebispado do Cardeal fundador, chamou-lhes o público Teatinos (ou Theatinos); e em honra do mais ilustre dos companheiros, o bom S. Caetano de Thiene, chamaram-lhes Caetanos, ou Clérigos regulares de S. Caetano, ou da Divina Providência.

Com efeito, à Providência fiavam tudo; e sendo-lhes expressamente proibida a mendicância, aceitavam qualquer esmola ou auxílio das pessoas devotas,

Aprovada a fundação pelo Papa Clemente VII, trabalharam, lutaram, civilizaram, de modo admirável.

*

Logo no século xvII expediram missionários para a Arménia, para a Mingrélia, para a Geórgia, para a Pérsia, para a Arábia, para as ilhas de Bornéo e Sumatra, etc., e espalharam por todo o mundo a fama da sua utilidade e da sua dedicação.

*

Pensava-se geralmente que a regra lhes impunha, entre outras asperidades, o não poderem guardar sustento algum de um dia para o outro; mas era engano. Tornava-se-lhes lícito fazer provimento de pão, vinho, azeite, legumes, etc.; o que lhes ficava proibido era possuirem bens de raiz, e mendigarem como os Franciscanos, contentando-se apenas com o que lhes ofereciam os devotos, já em dinheiro, já noutra qualquer espécie (¹).

*

Ao porto de Lisboa vinham muitos Teatinos franceses e italianos esperar a saída das náus de viagem para a Índia, e para lá se encaminhavam, a fim de trabalharem na conversão de infiéis. Tinham de aluguer um resumido hospício, no sítio onde veio depois a construir-se a actual igreja nova dos Mártires (²); mas era-lhes pouco conveniente essa interinidade, e quiseram ter raízes em Lisboa, a mais adequada escala para as peregrinações africanas e levantinas.

⁽¹⁾ Bluteau - Vocab. - verb. Providência.

⁽²⁾ D. Tomás Caetano de Bem — Mem. dos Cler. reg. — Tom. I, pág. 154.

Aparece o alvará de 12ºde Dezembro de 1650 (¹) pelo qual el-Rei D. João IV, convencido dos benefícios que poderiam prestar os Teatinos, permitiu ao Padre D. António Ardizzoni a fundação de uma casa em Lisboa.

Era este D. António um venerável Clérigo regular, napolitano (como o fundador principal da Congregação), Doutor em Teologia, e muito afecto aos Portugueses e à nova Dinastia de Bragança.

Como parecia já crescidíssimo o número de ordens religiosas em Portugal, a ponto de motivar providências coercitivas, baixou seis anos depois do citado alvará um decreto de 22 de Setembro de 1656, continuando a conceder a estes Clérigos faculdade para fundarem casa em I isboa, mas com o carácter de hospício apenas, e não de convento.

*

Procurou-se no novo Bairro alto um dos melhores sítios, e achou-se um na rua então chamada dos Fiéis de Deus (hoje, desde então, dos Caetanos), freguesia das Mercês, lugar sádio e desafogado, com belas vistas de terra e mar. Era aí o palacete de um nobre, não sei quem, com horta, pomar, e logradouros até à rua Formosa, mais uns prédios contíguos e quintais, o que tudo se comprou, e se converteu na decente habitação dos Clérigos (²).

⁽¹⁾ Vi-o na Coll. da Legisl., e também a pág. 734 do tomo IV das Provas da Hist. gen., assim como nas Mem. dos Cler. reg. por D. Tomás Caetano de Bem, e na Torre do Tombo, Chanc. d'el-Rei D. João IV, L. 22, fl. 36 v.

⁽²⁾ D. Tomás Caetano de Bem - Mem., T. I. pág. 166.

Quem delineou o edifício foi outro Teatino, o Padre Guarino Guarini, de Modena, então bastante novo, pois nasceu em 1624; era Arquitecto do Duque de Sabóia Carlos Manuel (1). Não me parece ter feito grandes gastos de imaginação no traçado daquela arca rasgada de janelas; também, em consciencia, não o devia. Aquilo ficou em alvenaria um símbolo da singela vida dos Clérigos, a quem os fundadores da Ordem tinham imposto a pobreza como primeira das riquezas. Guarini era perito na sua arte, escritor didáctico, e seguidor dos melhores mestres, desde Vitrúvio até Palládio; trabalhou em Modena, em Verona, em Vicenza, em Praga, em Paris, e a final em Lisboa; mas a decadência da era não desenvolveu o seu talento criador.

4

Com o entusiasmo que nos espíritos de bem acordaram os virtuosos Teatinos, fundou-se logo em Lisboa uma Congregação de senhoras nobres, denominada «da Divina Providência», e reuniam-se para fins piedosos no palácio Nisa, a S. Roque, sob os auspícios da Marquesa D. Inês de Noronha (²).

Coube a outra senhora ilustre, D. Maria Ana de Noronha e Castro, o maior auxílio pecuniário à construção do Convento. Era filha de D. Álvaro de Castro, Comendador da Redinha, Senhor de Fontearcada, e de D. Maria de Noronha. Casou muito nova com D. Álvaro de Portugal, que morreu

⁽¹⁾ Menciona-o Cyr. Wolk. Machado — Mem., pág. 162.

⁽²⁾ Bem - T. I, pág, 158.

pouco depois deixando uma filha, enlevo dos olhos da mãe, e falecida aos treze anos. Cheia de amargura sumiu se a jóvem viúva, e na solidão do lar consumiu santamente o resto de seus dias, até passar a melhor vida em 25 de Maio de 1681.

Na igreja dos Teatinos, a expensas suas edificada, a sepultou a gratidão dos seus protegidos, com o seguinte epitáfio:

D. O. M.

Qui vivoram Dominator simal et mortaoram.
Marmore sub hoc requiescant in Cemclerio
Ressarrectionem expectantes novissimam
Illustrissimi Cineres Heroinæ longe præclarissimæ
D. Marianæ a Noronha et Castro
D. Alvari a Portagallia olim Conjugis.
Quæ post charissimoram pignoram fata
Clericos Regulares quos habuit in spirita Patres
Adoptavit in Filios.
His condidit asceterium

His condidit asceteriam In quo hane extraxit Domam Deo Viventi, Sibi mortuæ;

labens sapremis tabalis sepeliri In eodem sepalchreto, quo Clerici Regalares, Superbum arbitra Mausolæum Quod commendarat hamilitas.

Denique post annos LXVII Laudabiliter traducti s Magnum suum relinquens desiderium

Sacris rite communita
Abilt ad meliores ipsa Pentecostes XXV Maii
Anno a nascente Deo M.DC.LXXXI.
Eidem matri saæ optimæ

Hajas cænobii manificentissimæ Fandatrici Clerici Regalares In perenne gratitadinis monimentam S. H. P. P. (1)

⁽¹⁾ Memórias sepulcrais, que para benefício da História de Portugal ofereceu à Academia Real D. António Caetano de Sousa, Clérigo Regular.

Tradução:

A Deus Óptimo e Máximo, que rege a um tempo vivos e mortos.

Debaixo deste mármore descançam na sepultura, aguardando a derradeira ressurreição, as ilustrissimas cinzas de uma heroina por muitos motivos preclarissima, D. Mariana de Noronha e Castro, que foi mulher de D. Alvaro de Portugal; a qual, depois da morte dos seus queridissimos venhores, adoptou por filhos os Clérigos Regulares que foram pais directores da sua alma. Para eles edificou um ascetério, em que levantou esta casa para o Deus vivo, e para si própria depois de morta; ordenando no seu testamento ser sepultada em campa tão modesta como o fosse a dos Clérigos Regulares, julgando soberbo esse mausoléu que encomendara a sua humildade. Finalmente, depois de sessenta e sete anos louvávelmente empregados, descansou da sua grande saudade, e bem apercebida com os Sacramentos, passou a melhor no dia do Espírito Santo 25 de Maio do ano do Nascimento 1681, A mesma sua mãe óptima, munificentissima fundadora deste cenóbio, os Clérigos Regulares, como perpétuo monumento de gratidão, puseram esta sepultura.

25

Voltemos um pouco atrás.

Foi em 29 de Junho de 1653 que os Padres se mudaram para a casa nova, não concluida certamente, mas já capaz de os receber (1); casa apenas considerada hospício, e não convento, pelo citado Decreto de 22 de Setembro de 1656.

A cerca venderam-na, e ficou reduzida ao que ainda vemos, que é apenas um quintal (2).

Segundo nos conta um dos habitantes mais ilustres da casa, o eminente Bluteau, faziam os Teatinos trabalhos, que mais competiriam a uma comunidade numerosa. Eram apenas dezasseis Sacerdotes capitulares; todos subiam ao pulpito; seis tiveram a honra de prégar na Capela Real.

No tempo de Bluteau havia entre eles dois Lentes de Teologia, quatro Compositores, dois Qualificadores do Santo Oficio, três Lentes da Academia dos Generosos, um Deputado de Bula, um Examinador das Ordens militares, um Cronista da Casa de Bragança, e dois mestres de Príncipes.

Pois entre tão variadas e pesadas obrigações, frequentavam o coro, faziam duas horas diárias de oração mental, administravam os Sacramentos a qualquer hora e em qualquer parte, e ao mais leve aviso iam dois deles ajudar os padecentes de pena última a bem morrer. Que faina! que pontualidade! que dedicação! (3)

⁽¹⁾ Bem - loc. cit., T. I, pág. 174.

⁽²⁾ Bem - loc. cit., T. I, pág. 181.

⁽³⁾ Vocab. - verb. Teatino.



CAPÍTULO XXIX

Em 1671 e 1672 tiveram os Teatinos um hospede *Real*. Querem ouvir? aparecem muita vez no caminho do cronista enigmáticas figuras, ora terríveis, ora cómicas; são os *máscaras de ferro* da investigação.

*

Trata-se de um impostor famoso, um daqueles sujeitos problemáticos, que se tornam o encanto dramático da História, e a desorientam. Sem falarmos agora dos falsos Dons Sebastiões, lembro o célebre Tilon Colup, que no século xiii se dava pelo Imperador Frederico II! Este de que vou falar não ergueu tão alto as suas ambições, mas fez palrar a Europa, e boa parte dos magnates da era renderam homenagens sinceras ao espertalhão.

Dizia ser seu nome João Miguel Cigala, oriundo de família italiana que vários homens notáveis produziu. Seu pai apresentou-o ao Vaivode da Valáchia (1), Matias, que se lhe afeiçoou.

Contava João Miguel a quem o queria ouvir, certa aventura sucedida aos seus:

Iam o avô e o pai navegando não sei para onde, quando os captivou um navio turco de corsários. Levados a Constantinopla, aí viveram: o avô como cristão que nunca abjurou; o pai, então criança de doze anos, fez-se muçulmano, e depois de mancebo casou com uma irmã do Imperador. O Vaivode de Valáquia nomeou-o seu Residente em Constantinopla.

Foi seu filho o espertíssimo João Miguel (ou Mohamed Bey, como era conhecido entre os Muçutmanos). Levado do seu talento, e muito protegido do Sultão, parente pela linha materna, subiu a altos lugares. Sendo Vice-Rei (ou Bachá plenipotenciário) de Jerusalém, converteu-se ocultamente à Religião de seus maiores, e com disfarce protegeu os seus novos correligionários. Governador de Cândia, continuou esse papel dúbio, mas rendoso, tendo ao mesmo tempo a velhacaria de transferir sorrateiramente, a pouco e pouco, para a Alemanha fundos no valor de mais de dois milhões. Um belo dia deu-se a viajar pela Europa, tratando-se como Príncipe, e espalhando por toda a parte o embuste da sua grandeza, o esplendor do seu

⁽¹⁾ Esta palavra significa chefe de guerra, ou (mais à portaguesa cabo de guerra. Usaram esse título os Governadores de provincias no antigo Reino da Polónia, e os Príncipes soberanos da Moldávia e da Valáguia.

Vice-Reinado de Jerusalém, a sua soberania em Babilónia, Trebizonda, etc. O homem sabia-a toda.

Na Polónia foi recebido com grandes honras pela Rainha Luísa Maria, mulher de Ioão Casimiro V (1648-1669). Essa respeitável senhora, que era uma Gonzaga de Mantua, convenceu João Miguel a fazer-se cristão, e fê-lo abjurar o islamismo e baptisar-se. De Cracóvia abalou o novo cristão para Roma, onde foi muito acolhido pelo Papa Alexandre VII (1655-1657); e com o seu zelo de neófito não duvidou entrar nas guerras contra o seu antigo amo o Grã-Turco, em defensa do Cristianismo. Esteve na Sicília, em Nápoles, voltou a Roma, onde alcançou audiência de Clemente IX (1667 1669), passou a Veneza, a París, onde o Rei Luís XIV o recebeu muito bem, e daí transferiu se a Inglaterra, onde, depois de tantos Capitólios, achou a sua perdição, porque foi descoberta a impostura do sujeito, e desmascarado o seu papel de grande senhor.

Dotado certamente de loquela de primeira ordem, figura nobre e insinuante, audácia imperturbável, foi recebido em Lisboa entre 1671 e 1672, e hospedado pelos Teatinos, donde abalou para Compostela a visitar o corpo de Santiago. Era já viúvo da Serenissima D. Candor, como lhe chama o noticiário, quási sempre bem informado, do livro Monstruosidades do tempo e da fortuna (1).

^{(&#}x27;) Além do conhecido e carioso livra portagaês Monstruosidades do tempo e da fortuna, pág. 192, tratam dele João Baptista Rocoles. Les imposteurs insignes, qui ont usurpé

É esse o rasto que deixou o misterioso figurão, cujo talento natural merecia à sorte outro destino do que teve.

Não daria um conversador inesgotável?

Não daria um activíssimo fundador de companhias, um delineador imperturbável dos *Panamás* do tempo?

Não daria um politiqueiro sagaz, inventor de expedientes e salvatérios para o seu corrilho?

Não daria um aplaudido fabricador de mágicas para os teatros das Avenidas de Constantinopla?

Não daria um Dulcamára vendedor de unguentos de virtude universal?

E não daria também um estadista sério, ousado, antecipando-se à sua era, e adivinhando a mais alta civilização?

Responda (se o sabe) o Livro misterioso, e tanta vez truncado, dos destinos humanos.

la qualité d'empereur, Bruxelles, 1829—8.°, 2 vol., e qualquer Dicionário histórico. O meu bom Moreri é que me encaminhou na melhor parte das notícias que aí deixei.



CAPÍTULO XXX

Se, como notei, não brilha pelo lado artístico, brilhou esta casa conventual pelas muitas virtudes e letras dos seus habitantes. Quem passasse, podia dizer com verdade inteira:

— Ali dentro é um ninho de sábios, e homens bons. Ali dentro estuda-se. Ali dentro pensa-se. Cada Congregado é um aluno, e um mestre; assimila sempre, e produz. Aquele enxame fabrica para o público o melhor mel intelectual.

Traz Bluteau na palavra Theatino do seu Vocabulário uma lista assombrosa de obras de confrades seus. Ele próprio rutilou entre todos com uma luzintensa e pura, que nunca mais tem de apagar-se em quanto se conhecer a língua portuguesa.

Daquelas paredes a dentro, naquelas celas se recolheram, naqueles corredores e claustros foram vistos espairecendo, naquela igreja oraram e foram sepultos, homens bondosos e aplicadissimos, a quem deve serviços incalculáveis a nossa ingrata e revolucionária Literatura hodierna.

:

Não falando já do incansável Ardizzoni, fundador da casa, nem nos seus beneméritos companheiros, citarei os nomes académicos de D. Manuel Caetano de Sousa, de D. Luís Caetano de Lima, de D. José Barbosa, de D. Tomás Caetano de Bem. de D. António Caetano de Sousa, de D. Rafael Bluteau; por outra: apontando para aquela vivenda, digo ao leitor: ali nasceram, nos estudiosos serões e nas estudiosas manhãs do cláustro, o Cenáculo mistico, a Geografia histórica, o Catálogo das Rainhas, as Memórias dos clérigos regulares, a História genealógica da Casa Real, e dali brotou um livro enciclopédico, um dos nossos mais eficazes vulgarizadores, que o autor intitulou modestamente Vocabulário português e latino. Ali nasceu todo esse tesouro, Geração nova, respeito àquele santuário!

:

O que é bem verdade, é que a poucas mãos deve mais a Literatura portuguesa, do que a este bom e simpático Bluteau, Inglês pelo nascimento, Francês pelo sangue, mas Português pelo coração. O seu carácter austero e concentrado, a sua índole investigadora cheia da bonhomia fácil e comunicativa, que dos retratos se revê, e o seu alastradissimo saber, quasi universal, fazem do Padre Bluteau um luminar, que ainda hoje resplandece sobre as letras do século xvIII.

Criei-me na veneração do douto Clérigo; meu Pai era seu entusiasta; e lembro-me da devoção (mais do que só literaria) com que uma vez ele visitou comigo a cela humilde, onde faleceu o nonagenário escritor em 14 de Fevereiro de 1784; era, no tempo de Duarte de Sá, Director do Conservatório, o seu gabinete; ele próprio nos mostrou o sítio.

Não valeria a pena colocar uma lápide naquele lugar histórico?

Mas além de Bluteau aparecem-me outros. Recordemo-los outra vez.

D. António Caetano de Sousa, Clérigo Teatino,

DAT Jacano de faring

foi duas vezes Prepósito na casa de S. Caetano, Deputado da Bula da Santa Cruzada, e um dos primeiros cincoenta Académicos da muito célebre Academia Real da História. Nasceu em Lisboa a 30 de Maio de 1674, e faleceu na mesma cidade a 5 de Julho de 1759.



Foi o autor imortal da *História genealógica* da Casa Real portuguesa, e de outros muitos livros não menos notáveis (1).

D. José Barbosa, Clérigo Regular, nasceu em

DozeBarbora Jan.

Lisboa, a 23 de Novembro de 1674, esfaleceu nesta casa de S. Caetano a 7 de Abril de 1750. É o consciencioso autor do muito apreciado Catálogo das Rainhas, e de outras numerosas obras de investigação e piedade. Conta o seu ilustre confrade Bluteau tê-lo Barbosa presenteado com um manuscrito de sua lavra, cheio de erudição, intitulado Indice das palavras e frases portuguesas tomadas de vários autores, e que bastante serviu ao mesmo Bluteau na elaboração do seu imortal repositório. E uma glória para ambos.

⁽¹⁾ Inocêncio — Dicionário.

D. Caetano de Gouveia Pacheco, Cliérigo Regular, Qualificador do Santo Oficio, Examinador das três Ordens militares, Académico da Academia Real. Nasceu em Riudades, termo de Paredes, a 20 de Novembro de 1696, e faleceu

I Caerano de Gouveaf. R.

em Lisboa a 4 de Março de 1768. Despendeu o seu talento em obras históricas e piedosas, de que o nosso bom Inocêncio dará conta ao leitor.

*

D. Luis Caetano de Lima, Clérigo Regular, Aca-

Deni Carino to Roma

démico, e aplicado escritor, cujo talento, e cujos vastos conhecimentos se empregaram em beneficio das letras e da moral. Além das obras que deu ao prelo, cumpre mencionar uns cadernos de sua lavra, em que por ordem alfabética se continham expressões e locuções portuguesas sacadas de autores de boa nota. Esses cadernos deu ele a Bluteau, que os aproveitou como subsídio no seu Vocabulário.

Está-se a ver o gosto e a alacridade com que todos concorriam para a obra monumental do seu imortal companheiro.

E quantos mais não poderia eu mencionar aqui, para incitamento a brios, e admiração das gerações modernas! porém bastam esses, cujos nomes, cujos serviços, e até cujas assinaturas fielmente reproduzidas de calcos tirados por minha mão em documentos da Torre do Tombo, considero como brasões deste livro de memórias, não só lisbonenses, mas nacionais.

*

A propósito do nome de família do insigne Dicionarista, farei uma rápida digressão antes de prosseguir.

Nós pronunciamos *Blutó* o apelido *Bluteau*; e o latim académico dos poetas luso latinas barbarizou o em *Bluteavius*. Seja assim; mas não se descontente o bom do Padre; há muito pior.

Miguel Leitão no Diálogo X da Miscelânea chama ao Condestável Bertrand Du Guesclin o Condestable Dom Beltrão de Caliquim... Isto porém é apenas deturpação do som, porque os Franceses pronunciam Guéclain; quando a metamorfose invade a significação, o delito é pior. Exemplos vários:

Pascasio é hoje um simples, um mentecapto, um pobre de espírito, um toleirão (perdôem me o termo); pois foi nome próprio latino ou alatinado; Paschasius. Houve assim chamado um Papa

(século 1x), um Teólogo erudito (século xII) e outros sujeitos de pôlpa.

Sacripante, hoje tomado à muito má parte, como quem dissesse um avezado a felonias, a extorsões, a alicantinas, é apelido de família italiana; a ela pertenceu D. José Sacripante, natural de Narni, Cardeal em 1700.

Alfarrabio, livro velho, indigesto, mal impresso, à venda nos alfarrabistas, provém do sábio muçulmano do século x, Al-Farabi, poeta, filósofo, músico, teólogo, etc. A depreciação das suas obras deu certamente causa a este apelativo, que foi próprio.

Em francês un calepin não se toma tão mal; é um livro de consulta, mas antiquado, e de formato grande. Pois Ambrosio Calepino, o sábio humanista, foi o autor de um valioso vocabulário latino polygloto; e das escolas, e do grupo dos admiradores, saíu esta generalização de significado.

Mas há mais notáveis metamorfoses:

Trabuco, logarejo ou vilória na costa da Berberia, desfechou em bacamarte; porquê?

Picardia, velhacada traiçoeira, mariolada, ou coisa assim, como é que provem do nome de uma provincia de França?

Galopim, hoje activo agente ou corrector de eleições, encontra-se no som com o ilustre nome de um sábio Benedictino francês, Georges Galopin.

Valdevinos, que foi, ou é, apelido de família onde certamente houve pessoas sizudas e morigeradas, significa hoje o que nós sabemos: um doido, um estroina, um cabeça de vento, com laivos de pouca probidade.

Calino, o proverbial idiota do noticiário moderno, o editor responsável de todas as sandices, tirará nome do ilustre Teólogo e Jesuita Cesar Calini, ou de Calino, o antiquissimo elegiaco de Fpheso?

Não sei; decidam eles a contenda entre si. Só direi que me lembra de um amabilíssimo Abade Tomás de Calino, irmão do Ministro da Sardenha em Lisboa, Conde de Valperga, e homem tão agradável, tão instruido, de tão boa companhia, que muito do coração o menciona Alfieri, ao narrar nas suas *Memorie* a sua curta demora em I isboa em 1772.

Um disparate é na linguagem familiar um despautério. Que diria a isso o gramático flamengo dos séculos xv e xvi, João Despautério. trabalhador infatigável, sábio profundo, e consideradissimo dos seus contemporâneos?!

E porque se chamará zanaga a uma pessoa torta dos olhos, quando Zanhaga é uma conhecida região do Sahará?

Em suma: são problemas de má morte, ronceiros de explicar, como sucede à alcunha de certas raparigas numa aldeia do termo, as Pularicas, quando Pilarick é apelido alemão com que elas nada teem, e que deu ao mundo homens bem recomendáveis pelo seu saber.

Mas basta, basta. Tudo isto a respeito de Bluteavius, Bluto, ou Blutiáo.



CAPÍTULO XXXI

Mencionarel agora algumas das grandiosas festividades, que alegraram a casa dos Teatinos, e que sempre me lembram quando ali passo.

Chego a ver, na lanterna mágica da sugestão, os coches e as liteiras ocupando a rua, e oiço ressoar lá dentro da nave as cantorias do ritual.

3

Nas três últimas tardes do mês de Janeiro de 1693 recitou o grande Bluteau orações gratulatórias na sua igreja, celebrando a chegada da Rainha D. Catarina de Bragança, da Grã-Bretanha a Lisboa (1).

Grande alegria foi para o público tornar a ver em Lisboa a Filha do Restaurador!

⁽¹⁾ Prosas académicas, T. I, pág. 397 e seg.

Em aplauso da canonização de Santo André Avelino, houve nos Teatinos um festejo a 19 de Novembro de 1713; e ai recitou Bluteau uma dissertação interpretativa do sentido da inscrição enigmática do célebre e riquíssimo calix do mosteiro de Alcobaça (¹).

A morte del-Rei de França Luís XIV foi comemorada na casa dos Teatinos em três consecutivas tardes de Janeiro de 1716, assistindo os dois Núncios, ordinário e extraordinário, o Embaixador de França, Abade de Mornay, e toda a Lisboa culta. Os discursos fúnebres proferidos pelo inolvidável Bluteau existem (2).

Grassou em Lisboa no ano de 1728 uma epidemia maligna. No fim desse ano amainou o mal, e a igreja dos Clérigos Regulares celebrou um tríduo gratulatório nos dias 28, 24, e 25 de Janeiro de 1724, assistindo el-Rei e a Côrte. Orou o Padre Bluteau (3).

⁽¹⁾ Acha-se a pág. 362 do T. I, das suas Prosas portuguesas.

⁽²⁾ Acham-se de pág. 107 em diante do T. II das suas Prosas portuguesas.

⁽³⁾ Os seas sermões encontram-se de pág. 229 em diante do T. II das suas *Prosas portuguesas.* — *Gazeta de Lisboa*, n.º 4, de 27 de Janeiro de 1724.

A casa dos Teatinos celebrou, como toda Lisboa, a erecção da Patriarcal com festas brilhantes, três tardes consecutivas. Na igreja dos Caetanos recitou três discursos o mesmo Bluteau perante el-Rei e a Nobreza. O próprio orador nos deixou os seguintes pormenores interessantes:

Na parede fronteira à catedra onde ele se sentava, erguia-se na primeira tarde o retrato do Santo Padre Clemente XI; na segunda, o retrato del-Rei D. João V; na terceira, o do novo Patriarca D. Tomás de Almeida; o templo via-se alumiado de muitas tochas, e no príncipio e no fim de cada discurso os músicos, cantores e instrumentistas da Capela Real enchiam a nave com as mais selectas melodias, distribuindo-se a todos os assistentes muitos versos impressos em louvor do Sumo Pontífice, do Soberano Português e do Chefe da Igreja lisbonense (¹).

*

As pessoas Reais visitavam muita vez esta casa. Em 7 de Agosto de 1735 aí foi a Rainha D. Maria Ana de Austria com a Princeza Real, o Infante D. Pedro, e a Infanta D. Francisca, assistir à festa de S. Caetano. Do templo passaram a ver a livraria nova, onde, examinando os retratos, recentemente colocados sobre a porta de entrada,

⁽¹⁾ Veja-se o T. I. das *Prosas* de Bluteau, pág. 267 e seguintes.



SENHOR JESUS DOS PASSOS que se venerava no Convento dos Caetanos

dos Padres D. Rafael Bluteau, e D. Manuel Caetano de Sousa (1), disse a Rainha aos que a iam acompanhando:

- Perda irreparável teve a nossa Religião na

morte destes dois grandes homens (2).

Na véspera, a 6 de Agosto, tinha visitado os Teatinos el-Rei D. João V.

*

A minha Narração manuscrita diz a respeito da catástofre de 1755:

"A igreja e o convento dos Padres Teatinos da Divina Providência se arruinou em várias partes. Um pedaço de abobada matou ao Padre D. Joaquim no confessionário, onde estava confessando e encontrou a morte quando entendia livrar a vida." (3).

Creio que, ainda assim, o aspecto geral exterior do edificio, o da igreja, do claustro, etc. pouco difere do que sempre foi; o interior foi de certo bastante modificado.

Quanto aos habitantes, esses não degeneraram dos fundadores; houve sempre ali sabedores de alta esfera.

^{(&#}x27;) Acham-se hoje na Biblioteca Nacional,

⁽²⁾ Gazeta de Lisboa, de 11 de Agosto de 1735, citada por Feo, Mem. dos Duques, pág. 455.

⁽³⁾ Pág. 32.

Os aplicadíssimos Teatinos apreciavam antigualhas; o notável Padre D. Tomás Caetano de Bem possuia um belo gabinete de medalhas e antiguidades em 1791 (1).

Em 1803 o noticioso Almanaque de Lisboa ainda lá menciona um gabinete e medalheiro, que seriam de certo os do Padre Bem falecido em 1797.

No tempo do senhor D. Miguel numa parte desta casa estiveram aquartelados os Voluntários Realistas (²).

⁽¹⁾ Almanaque de 1791 - pág. 461.

⁽²⁾ Castilho (Adriano) - As vinte e cinco prisões, pág. 26.



CAPÍTULO XXXII

Descrição completa da casa dos Teatinos, tal como ficou depois do terremoto de 1755, essa não conheço eu; só me ocorre que foi o notabilíssimo engenheiro Manuel da Maia quem reconstruiu a casa da livraria, «em que gastou — diz o Gabinete histórico — 7.000 cruzados, sómente com o interesse do bem público, desejando que todos se aproveitassem» (1).

*

O ano de 1884 com o seu decreto de Maio foi a iníqua destruição dos Clérigos regulares e de todas as outras Ordens religiosas. Terremoto pior que o de 1755!

⁽¹⁾ T. XVI, pág. 220.

Há na bibliografia estatistica portuguesa um volume, que me horrorisa e enoja; chama-se Colecção das contas correntes dos objectos preciosos de ouro, prata, e joias que pertenceram aos conventos, e corporações extintas do continente do Reino (Lugar das Armas Reais).

É a confissão desbragada e acintosa do roubo traiçoeiramente perpetrado pelo Constitucionalismo nas casas religiosas de Portugal; é a lista dos objectos valiosos, a custo acumulados em muitos séculos por seus legítimos donos, e rapinados por um decreto em nome da mais flagrante imoralidade de princípios. Vê-se no título que transcrevi muito mais do que ele próprio declara.

"Colecção de contas correntes". A conta corrente supõe-se aberta entre um devedor e um crédor.

Quem é neste caso o devedor? o roubado, ou o ladrão?

"Objectos preciosos de ouro, prata, e jóias." Aqui vêem-se reluzir os olhos do legislador com as concupiscências raras do salteador de estrada ao abrir as malas do inerme viajante. Ouro! prata! jóias!

"Que pertenceram aos conventos." Esse verbo no pretérito perfeito é lugubre. Pertenceram; quer dizer: já não pertencem; roubámo-los nós; é um facto consumado.

"Corporações extintas." Sim, extintas por nós, em nome do ódio e da cubiça; extintas por nós sem atenção aos longos serviços dessas sociedades benéficas, ordeiras, civilizadoras, que eram o



IGREJA DOS CAETANOS EM 1833 (segundo Luiz Gonzaga Pereira)

C. 18. 7..
GATH STE
S E (U.D.)

justo equilíbrio, e a mais respeitável forma da liberdade de associação, que nós preconizamos nos nossos códigos.

"Logar das Armas Reais." É triste ver as victoriosas Armas de Afonso Henriques, Sancho I, João I, Afonso V, João II, cobrirem com a sua augusta protecção esta façanha cobarde cometida contra a propriedade inacatável de milhares de Portugueses vivos, e milhares de Portugueses mortos!

E note-se: o de que trata este livro honrado e leal a que me estou referindo, é apenas o oiro, a prata, as jóias; os edifícios em si mesmos, ou foram aplicados a fins seculares, ou arrazados, ou desonrados, ou vendidos por baixas quantias em papel moeda, com a pressa de quem quer fazer dinheiro de objectos furtados, antes que chegue o polícia e o regedor.

Mas o livro não só enoja; faz rir pelas anotações. Frequentes vezes se lê no baixo das páginas: Estes objectos foram roubados; trata-se de indagar a forma do roubo; ou Estes objectos foram sonegados; o roubador fugiu para Hespanha; ou outras tais declarações, que me fazem ver até onde chegaria o desplante de um ratoneiro, que, depois de me tirar à força, de cima daquela mesa, bagatelas de valia, se confessasse roubado por mim quando eu lhe podesse subtraír algumas.

Outras notas afirmam terem alguns desses objectos sido distribuídos a egrejas e freguesias pobres. Muito bem; assim procedia nos *Miseráveis*

de Victor Hugo aquele salteador, que em hora de bons humores repartia com alguma ermida serrana as alfaias arrancadas por ele às catedrais.

Os vandalismos, que no espólio dos inermes e indefesos despojados perpetraram os roubadores e assassinos, foram inacreditáveis. Propriedades urbanas, propriedades rústicas, tudo foi vendido ao desbarato depois de saqueado. O resto que se agazalhou nas bibliotecas e nos museus, e continua cada dia a recolher-se, tem sido miserávelmente vandalizado, sem que o tempo nos ensine a venerar tantos despojos de um passado venerando.

Possuo com sumo apreço um fragmento de uma folha de certo livro do coro do mosteiro de Tomar, representando a venda de Cristo por Judas, como fundo a um grande A inicial de fantasia. Deu-mo em 8 de Agosto de 1891, na minha casa de Sacavém, o meu sempre saudoso Possidónio da Silva, que o tinha comprado por baixo preço a não sei quem, e provinha dos fragmentos que em 1834 qualquer gaiato ia cortar áqueles codices monumentais, e vendia a vintém!!! Este meu fez parte dos livros iluminados em 1531, e é do pincel de António de Holanda, pai do célebre Francisco de Holanda.

No catálogo do leilão do museu do Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, realisado em 18 de Dezembro de 1901, lê se sob o n.º 512:

"Uma miniatura em pergaminho, em forma de R, representando como ornamento O nascimento de Jesus, o Anjo, e várias outras figuras, tendo escrito numa faixa GLORIA IN ALTISSIMIS DEO ET INTER...

"Fez parte dos livros do côro do convento dos Jerónimos de Lisboa, que os rapazes da casa, quando para ali foram, cortavam a seu talante para fazer talabartes."

2/4

Mas basta com a roubalheira; estas lamentações levavam me longe, se eu me entregasse a elas. Caiba a responsabilidade dos vandalismos a quem couber; e antes de sairmos da casa dos ilustres Teatinos, mais duas palavras históricas.

Bem sei que nada posso; bem sei que nada consigo; o meu sincero protesto aí fica. A probidade das nações é dever tão imperioso, como a dos indivíduos; mas, humilde como sou, não lha sei impôr.

2/4

Em quantos tantos e tantos conventos eram miserávelmente profanados pela aplicação que lhes deram, esta casa dos Teatinos teve em sorte continuar a servir a instrução e o bem. Coube-lhe em 1836 um papel importante: vinculou-a á restauração da Arte dramática o Visconde de Almeida Garrett, colocando ali, cheio de santo entusiasmo de iniciador, o Conservatório Real e a Inspecção geral dos Teatros.

Pobre foi a instalação do Conservatório; era a casa mesquinho albergue, segundo depreendo de palavras de certo documento muito autentico: um requerimento dirigido ao Governo em 27 de Julho de 1841 pelos membros da fundação garretiana.

Referindo-se ao tempo da entrada dela no convento dos Teatinos, diz o documento citado:

"O antigo e pequeníssimo convento dos Caetanos em que está o Conservatório, não tinha uma telha inteira; chovia lhe por toda a parte; faltavam·lhe portas, janelas, e sobrados, como verificaram diferentes vistorias das Obras públicas."

E mais a diante:

....."O pequeno edifício do extinto convento dos Caetanos.... não tem outra coisa mais, ainda depois das obras que se fizeram, do que estreitissimos e pequenos dormitórios, com dez celas, ou cubículos, no pizo baixo, e quatorze no superior." (1)

Destruida e inutilisada na sua maior parte a obra de Almeida Garret, como no livro Auroras da instrucção conta brilhante e eloquentemente D. António da Costa, lá está ao menos o Conservatório a recordá-lo. (2)

Memórias do Conservatório, pág. 308 (aliás 208, visto que a numeração está errada).

⁽²) No nosso recente trabalho «História do Teatro Nacional D. Maria II», no capítulo II do volume 1.º, trata-se largamente da instalação do Conservatório, criado por Garrett, no edifício dos Caetanos, referem-se os imóveis que foram anteriormente apontados para albergar a nova Instituição, e dá-se conta das obras que ali foram efectuadas para a sua acomodação.

Ainda há vinte e tantos anos era o Conservatório muito habilmente dirigido por outro entusiasta do palco, o sempre lembrado Duarte de Sá.

Este foi talento ainda pouco avaliado, espírito cheio de sal ático, e artista de tão subidos quilates, como os melhores da profissão.

Todos vimos o quanto ele brilhou há muitos anos nas Laranjeiras, naquelas representações únicas do Conde do Farrobo, o mais bizarro gastador que teve Portugal; e todos nos lembramos com saudade do que eram em 1874, 76, as deliciosas recepçõezinhas semanais no Conservatório, na casa do Director. Não havia muitos centros em Lisboa como aquele. Que variada conversação! que boa música sempre nova! que amável sociedade! que aproveitadas leituras! Aquelas salas tinham um cunho parisiense inconfundível; ali até as paredes mostravam inteligência; e no meio de tudo, avultava, como figura principal, o mais espirituoso e gazalhador dos amfitriões.

Pobre amigo! não chegaste a completar o teu papel útil nas Letras portuguesas.

Faço votos para que os sucessores de Duarte de Sá continuem no caminho dele: conhecedores do terreno, conscienciosos no trabalho, aproveitando com critério os métodos, e mantendo sempre firmes a linha da tradição nacional.

Havía, e talvez haja ainda, nesta igreja dos Clérigos Regulares, uma Irmandade de Santo André Avelino. Possuo o diploma de Irmão, passado em 2 de Dezembro de 1746 a José Joaquim de Miranda Henriques, morador no seu palácio do Campo do curral, (ou Campo de Sant'Anna), e assinado por D José Barbosa, C. R., Protector, pelo Juíz Conde de S. Vicente, pelo Escrivão D. Jerónimo de Ataíde, pelo Tesoureiro José António da Silva, pelo Procurador da Mesa D. Luís da Câmara e pelo Procurador da Irmandade José de Almeida Serra.

٥

Em Novembro de 1837 ordenou a Câmara Municipal a demolição do adro dos Caetanos (1). Fizera:n-se obras consideráveis no interior da igreja de S. Caetano em 1876, e foi aberta ao culto em 20 de Outubro (2).

⁽¹⁾ Sinopse dos princ. act. adm. da C. M. de L. em 1837, pág. 35.

⁽²⁾ Roteiro de Queiróz Veloso, pág. 42.



CAPITULO XXXIII

Desçamos a calçada Nova dos Caetanos.

Eis-nos outra vez na rua Formosa. Quando dela saímos ainda agora, de passagem para os Fieis de Deus e para os Caetanos, tinhamos ficado no palácio dos Marqueses de Pombal.

Continuando para o norte, temos, a diante da rua do Arco do Marquês, um palácio á direita, onde residiu a familia dos Condes de Alva, e onde se passaram as cenas dramáticas dos preparos do casamento da interessantissima D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho (1).

1/2

Da banda oposta, na esquina setentrional da mencionada rua do Arco, estão umas casas abarracadas, que eram da enorme fábrica de chapéus,

⁽¹) Vide *Os Duques*, por João Carlos Feo, e o Visconde de Sanches de Baêna, artigo *Palmela*,

que aí manteve, no fim do século xvin e princípios do xix, o activo Jacome Raton (1). Essa fábrica pertencera a Gabriel Milliet, julgo que seu fundador, e Ratton comprou-a, mudando se em 1785 (talvez dos *Poiais de S. Bento*) para a *Rampa dos Caetanos*, onde se instalou num prédio da Casa Pombal, devoluto pela ausência do 2.º Marquês, que então se achava em França; aí faleceu a virtuosa mulher de Ratton em 1802 (2).

Em 1816 já morava o talentoso e arrojado industrial no palácio que edificou, e lá está, logo a poucos passos da fábrica (3); bela e agradável edificação, recolhida senhorilmente ao fundo do páteo ajardinado. O proprietário fala dela nas suas Recordações, com justa ufania. Aí viveu, aí recebeu a alta classe comercial do seu tempo, e aí faleceu, se me não engano.

Do seu rico espólio, alguma coisa deve existir, que não conheço; sei apenas de quatro quadros que lhe adornaram as paredes, provávelmente na sala da mesa. No leilão do Sr. Dr. Aragão, em 18 de Dezembro de 1901, foram postas à venda essas pinturas, sob os números 124 e 708. As duas primeiras eram sobre tela, medindo 32 por 42 centimetros, e representavam caça

⁽¹⁾ Findou, creio, em 1808. Na Gazeta n.º 13 de 1 de Abril desse ano anuncia-se que no dia 9 na Praça do Comércio se poria em leilão o material da dita fábrica.

⁽²⁾ Record. - pág. 32.

⁽³⁾ Anuncia na Gazeta n.º 181, de 1 de Agosto de 1816 o arrendamento do sea paul do Torrão, na Barroca d'Alva, termo de Alcochete.

morta; as outras duas eram sobre madeira, medindo 25 por 36, e representavam aves domésticas.

Este palácio coube, creio que por herança, ao Visconde de Alcochete; vendido depois, pertenceu ao negociante e banqueiro Fortunato Chamiço, e por morte deste, há poucos anos, á sua filha a sr.ª D. Amélia Chamiço, agora viuva de Frederico Biester.

Por morte desta senhera passou o palácio, como legado, a sua tia a sr.ª D. Claudina de Freitas Chamiço.

Do mesmo lado, na esquina da travessa da Conceição, o prédio (hoje amodernado) onde morou, e faleceu em 1862 o grande José Estevam Coelho de Magalhães.

Depois o extinto convento da Conceição, com a sua bela igreja. Dele e dela tratarei mais para diante, com bons pormenores.

Depois, de um lado e outro casas sem caracter. Nessa mesma rua *Formosa*, então n.º 68, era em 1813 a séde da Junta da Administração central dos Hospitais militares do Reino (¹).

Em 1814 morava na casa então n.º 18 o Ministro de Hespanha, prestes a retirar-se (²).

O edital de 1 de Setembro de 1859 encorporou na mesma denominação da rua Formosa esta e a do Longo, que era o lanço superior da mesma artéria (3).

⁽¹⁾ Gazeta n.º 242, de 15 de Outubro de 1813.

⁽²⁾ Gazeta n.º 289, de 7 de Dezembro de 1814.

⁽³⁾ Como é sabido, depois da proclamação da Républica, passou a chamar-se «Rua do Século».

Esse alto do Longo, de ominosa memória, foi até há trinta e tantos anos uma cour des miracles medonha pela qualidade dos frequentadores habituais dos dois sexos. Em sessão da Câmara de 13 de Dezembro de 1866 o Vereador Vaz Rans leu o auto da vistoria feita em 80 de Novembro ao alto do Longo, reconhecendo todos a necessidade de demolir aquelas baiucas indecentes (1). Desde então penetrou ar, luz, e polícia nessa paragem réproba. Ainda bem! Aquilo não era Lisboa antiga; era Lisboa imunda (2).

:

Temos à esquerda, paralela à rua dos Cardais, a do Abarracamento de Peniche.

Origem dela? — pergunta o leitor curioso. Respondo:

O Marques de Pombal, que sabia tudo, só não sabia descançar. Logo no dia 2 de Novembro de 1755, seguinte ao terremoto que subverteu I isboa, oficiou ao Marques Estribeiro-mór, ordenando lhe mandasse marchar para a Capital, a fim de a

⁽¹⁾ Arch. Mun. de Lisb. - 1866 - n.º 365, pág. 2,946.

⁽²) Possívelmente o Longo, que deixou o nome ao sítio, foi am João Francisco que tinha esse alcunho e que ali viveu no segundo quartel do século XVIII. Este João Francisco era 4.º avô materno de Alexandre Herculano. No nosso livro «Depois do Terremoto», volume 1.º, póg. 150 a 151, menciona-se este facto. (Nota de M. S.)

policiarem, os regimentos de Cascais, Olivença, Peniche e Setúbal; e, sereno como sempre, mandou os abarracar em sítios descampados, e livres dos escombros (1). Daí se originaram as denominações, que ainda subsistem, ou subsistiam há pouco, de Abarracamento da Cruz dos quatro caminhos, Abarracamento da Cruz do Taboado, Abarracamento do Vale do Pereiro, e Abarracamento de Peniche (3).

Pinta nos a imaginação aqueles acampamentos, rápidamente improvisados sobre terras lavradias ou vinhedos, e trazendo às amenidades bucólicas dos nossos arrabaldes a nota severa e militar. Em vez do zumbido das abelhas, o alerta, em vez do chilrear dos pintassilgos entre as madresilvas do valado, os toques da alvorada e do recolher.

Mas o que é certo é que esses soldados ali trazidos pelo querer do grande Ministro, não eram a guerra, não eram a conquista, não eram a morte; simbolisavam a ordem, a lei, a paz, a civilização, o renascimento de Lisboa.

⁽¹⁾ Providencias sobre o terremoto, por Amador Patrício, pág. 139.

⁽³⁾ Consulte-se na colecção de Legislação o decreto de 5 de Maio de 1762 sobre abarracamento de tropas.



CAPÍTULO XXXIV

Quem quer hoje procurar a Academia das Ciências, ou a sua Secretaria, Biblioteca pública, e Tipografia, ou a Faculdade de Letras, encontra tudo isso no vasto edificio do ex-convento de Nossa Senhora de Jesus. Quem fosse àquelas paragens há três séculos, que encontrava? nada senão uns cardais, e no meio do deserto uma ermidinha da Senhora, servida por um ermitão, único folego vivo que se gosava de tal remanço.

Os Frades Franciscanos da Terceira Ordem regular não tinham casa em Lisboa; quiseram fundá-la; aprouve-lhes o sitio dos Cardais; espalhou-se o piedoso intento; receberam logo de um Luís Rodrigues e seu irmão a doação espontânea de uma casa próxima, e tomaram posse da ermida, em 1582 (domínio ratificado por Provisão passada pelo Arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida),



NOSSA SENHORA DE JESUS orago da Igreja do seu convento em Lisboa



Antigo aspecto da igreja de Nossa Senhora de Jesus com o adro modernamente demolido

obtendo do Papa Xisto V um Breve de 1586 para a erecção do convento, o que não teve princípio senão em 1595. São informações, que julgo autênticas, dadas por Frei Apolinário da Conceição no seu Claustro Franciscano, e sacadas para ele dos documentos pelo Bibliotecário da casa o Padre Frei Francisco da Conceição (1).

Hoje são muito diversos os empregos do vasto edifício: a igreja é matriz da paróquia das Mercês desde 1835; o convento aloja muito à larga repartições públicas; a cerca há-de ser, mais cedo ou mais tarde, rôta de lés a lés para comunicar o Poço novo com a rua do Arco. Entretanto há mosteiros muito mais dignos de dó pelo vandalismo com que a liberdade os desonrou: este, hospedando a Academia Real das Ciências, teve a ventura de acolher uma corporação, a quem incumbe respeitar o passado (3).

Vamos por partes.

*;

A Mnemosine Lusitana, periódico inocente e erudito, com que nossos pais, no príncipio do século xix matavam a sua sêde de instrução, e que lhes bastava, ao que parece, traz no seu número XXII uma descrição bem boa do Convento de Jesus.

⁽¹⁾ Claustro Franciscano, pág. 66.

⁽²⁾ A rua de comunicação entre o Poço Novo e a Rua do Arco, não se rompeu como vaticinava Júlio de Castilho. (Nota de M. S.)

Vou extratá-la, porque poupa longo trabalho ao leitor e a mim.

Muito padeceu a igreja com o terremoto de 1755; mas só ficou totalmente arruinada na noite de 20 de Janeiro de 1756, em que abateu o tecto, se perdeu o côro, «a peça de melhor gosto que havia na Côrte», e se arruinaram as alfaias, ornamentos, e paineis.

"Pelo zelo e actividade do Padre Mestre Frei José Teixeira, Comissario Provincial; — diz o articulista — do Ex. Mo D. Frei Manuel do Cenáculo, mestre do Sereníssimo Príncipe D. José, depois Bispo de Beja, e últimamente Arcebispo de Évora; do Rev. Mo Padre Mestre Mayne, confessor do senhor Rei D. Pedro III e do mesmo Sereníssimo Príncipe; e do Rev. Mo Padre Mestre Sarmento, se reedificou este belo edifício, cuja frontaria e espaçoso adro é desenho do arquitecto Joaquim de Oliveira.

O adro, curioso e amaneirado, desapareceu, e foi pena. Não me parece fizesse grande empacho no largo; em suma: desapareceu. Pode o leitor julgá-lo segundo a gravura que apresento. Aquelas curvas tinham certa graça rócócó, e afinavam com o resto, num requebro agradável.

Continuando com a descrição do convento, diz ainda a *Mnemosine*:

«A sua localidade, na eminência de um grande largo em frente de duas ruas; a regularidade da sua arquitectura decorada de pilastras de ordem jónica, sobre outras de ordem dórica; a bela execução do lavor dos seus ornatos, grandes vasos de cantaria, duas estátuas de Santos nos nichos laterais; o recorte da empena, agradável por se afastar da monotonia das rectas e linhas oblíquas; os dois corpos reintrantes dos lados, do direito com a porta de ferro que dá entrada à capela dos Terceiros, do esquerdo a portaria do convento, com um largo passeio, de lagedo, tendo à frente uma balaustrada; tudo concorre para ser considerado este edifício como um dos mais belos e regulares modernamente construídos."

*

"No corredor que dá serventia ao cruzeiro da igreja — explica o mesmo narrador anónimo — do lado da Epistola para a sacristia, que fica por detráz da capela mór, está colocado um mausoléu de mármore, que dois leões da mesma pedra sustentam, onde estão depositadas os ossos de António de Sousa de Macedo, Secretário de Estado do senhor Rei D. Afonso VI, e fundador da casa de Mesquitela (¹). As paredes e abóbada deste corredor estão cobertas de azulejo, no qual se lêem versos latinos e portugueses da composição deste autor, próprios a despertar a contemplação dos que visitam a habitação dos mortos."

⁽¹⁾ Parece-me que não é bem assim. O Dr. António de Sousa de Macedo fundou um morgado, e seu filho foi Barão

O epitafio do honrado Ministro reza asim:

HIC

DIGNITATUM SPLENDOREM DEPOSVIT, LABORUM LUCEM REPONIT
ANTONIUS DE SOUSA DE MACEDO
QUEM MORTALITATIS ELEGIT OCCASUM
IMMORTALITATIS EXPECTAT ORIENTEM
DONEC UENIAT IMMUTATIO SVA
VNA CUM CONIUGE CLARISSIMA D. MARIANNA LEMERCIER
REQUIEVIT
ILLE Iª DIE 9. bris AN. 1682. ILLA 4 DIE DZ. bris AN 1682
FRATRES

ORATE PRO EIS SI VVLTIS ALIOS ORARE PRO UOBIS

Tradução:

Aqui depôs o esplendor das honras, e deixou a vida dos trabalhos, António de Sousa de Macedo. Chamado pelo termo da sua vida mortal, aguarda a aurora da imortalidade, até que chegue a sua existência imutável; juntamente com sua muito ilustre mulher D. Mariana Lemercier. Faleceu ele no 1.º de Novembro de 1682; ela a 4 de Dezembro do mesmo ano. Irmãos, orae por eles, se quereis que os otros orem por vós.

23

Aí jazem vários outros membros da familia Costa de Sousa de Macedo. Tenho apontamento de que em 31 de Dezembro de 1729 morreu no seu palácio do Poço Novo a Baroneza da Ilha

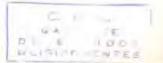
da Ilha Grande. A sua casa é que se aliou com a dos Costas, Armeiros móres, Viscondes de Mesquitela, e ultimamente Condes, casa que já estava fundada antes da dele.



DR. ANTÓNIO DE SOUSA DE MACEDO



Aspecto actual do extinto convento de Jesus, sobre o largo



Grande (mulher do Barão António de Sousa de Macedo), D. Catarina Maria de Távora, filha de Manuel Ferreira d'Eça, senhor da Casa de Cavaleiros. Esta senhora sepultou-se no seu jazigo de Jesus, e a 2 de Janeiro de 1780 se lhe celebraram exéquias (¹).

Do notável escritor acima mencionado, o Doutor António de Sousa de Macedo, está escrevendo uma larga e documentada biografia um dos seus netos, D. José da Costa de Sousa de Macedo; formo votos ardentes e sinceros para que não levante mão da tarefa até a ver concluída; contribuíndo para o crédito e esplendor da sua família, contribuí não menos para o enriquecimento das memórias nacionais. Vamos, José! mãos à obra, e nada de adiamentos.

Conheço de António de Sousa três retratos: um gravado na Eva e Ave, outro a óleo, grande, de corpo inteiro, em poder de seus descendentes, e o desenho à pena, cuja reprodução acompanha esta página, copiado do primeiro, mas com algumas variações nos acessórios.

Por esses retratos se avalia a extraordinária parecença da fisionomia do Secretário de Estado del-Rei D. Afonso VI com a de seu neto, e nosso contemporâneo D. António da Costa. É singular como o atavismo se manifestou aqui.

Continuemos com o exame do convento de Jesus.

⁽¹⁾ Gazeta, n.º 1, de 5 de Janeiro de 1730,

Falando da esplendidissima livraria, que os Frades (aqueles miseráveis obscurantes) franqueavam ao público, assim com franqueavam as suas os Dominicanos, os Teatinos, os Franciscanos, os Congregados do Oratório, nas Necessidades, os Trinitários, etc., diz o citado narrador da Mnemosine:

"A sala da livraria tem 280 palmos de comprido, e 80 de largo, ocupa na sua altura os três pavimentos dos claustros, e recebe a luz de 28 janelas. As estantes em que está colocada formam dois corpos, divididos por uma cimalha e uma balaustrada geral, para cujo segundo corpo de estantes se sobe por quatro escadas em caracol colocadas no interior de uns corpos salientes e convexos, que nos quatro angulos da sala ornam e prendem as estantes dos lados às dos topos da mesma sala. Sobre a cimalha real, no prumo de cada pilar das divisões das estantes, está colocado um busto dos sábios mais distintos de todas as nações. Ali, a par de Virgilio, se vê o nosso Camões; a par de Newton o nosso Nunes; a par de Cicero, Tácito, e outros mestres da eloquência e da história, estão Osorio, Foreiro, Macedo, Barros, Resende, Goes, e outros muito distintos sábios da nação portuguesa, primorosamente esculpidos, e pintados fingindo mármore; o que, junto com o grande quadro do teto, representando as ciências e as virtudes, presididas pela Religião, e a pintura e douradura dos ornatos que embelezam as estantes, sobresaíndo a tudo as primorosas encadernações de um grande número de livros e edições raras, acreditam esta livraria, uma das mais curiosas e a mais elegante desta Capital.

"Fronteiras às cinco janellas se encontram do lado esquerdo cinco portas com caixilhos de vidro de espelho, uma das quais dá serventia ao gabinete de pinturas, e outra à sala dos manuscritos, e a vários gabinetes de estudo, onde, sem a distracção que motiva a concorrência dos estudiosos, e o rumor das escadas portateis, se permite às pessoas de maior respeito ali poderem entregar-se à lição; comodidade que em nenhuma outra livraria publica de Lisboa se encontra."

:

É certamente, no seu género, a sala mais bela e harmónica de toda Lisboa.

No tempo dos Frades, em 1803, diz o Almanack mencionando esta livraria: "Os Religiosos do convento de Nossa Senhora de Jesus a franqueiam (¹); tem uma copiosa collecção de livros e manuscriptos antigos e raros (²), ajuntados pelo desvelo do Padre Mestre Frei Antonio Baptista Abrantes" (³).

⁽¹⁾ Liberalidades dos Frades egoistas e obscurantes.

⁽²⁾ Ignorância dos Frades, que juntavam tais bagatelas inúteis.

⁽³⁾ Mais um nome de malfeitor fradesco.

Também cita o Almanack a Real Biblioteca pública, aberta todos os dias de manhã, e nas terças e sextas-feiras de tarde; a livraria do convento de S. Domingos, a de S. Francisco da Cidade, e a dos Padres da Congregação do Oratório no Real Hospicio de Nossa Senhora das Necessidades; todas abertas ao público. Parece-me que não houve melhoria d'então para cá.

175

Quando em 18 de Junho de 1895 ardeu a Câmara dos Deputados, em S. Bento, mandou o Governo progressista acomodar o salão enorme da livraria de Jesus para nele funcionar o Parlamento; e com efeito aí trabalharam os Deputados. Quando subiu ao poder outra parcialidade política, todas as despesas feitas com a custosa instalação se inutilizaram, servindo a bela sala dos Pares alternativamente às sessões das duas Casas legislativas. Agora (1903) já os Deputados habitam a sua nova sala em S. Bento.

25

Da magnifica biblioteca de Jesus diz mais, a Mnemosine:

"Possue, entre muitos outros preciosos manuscriptos, um Missal escripto em pergaminho, com arabescos, tarjas, e emblemas formando cercadura em cada pagina; e no principio das principaes festas do anno se vê, na mais delicada miniatura, representada a passagem da Escriptura propria da festividade; obra do delicado pincel de Estevam Gonçalves Netto, Conego da Sé de Viseu, e um dos famosos miniatores portuguezes. Este singular manuscripto é dadiva do Ex.^{mo} Arcebispo de Lisboa D. João Manuel».

Foi reproduzido em esplêndidas cromolitografias pela casa Maciá e C.ª, de Paris. O original conserva-o a Academia das Ciências.

:

Como relíquia da antiga biblioteca dos Frades, guardo um livro, que tem como *ex-libris* estas palavras manuscritas:

Da Livr. a do Conv. to de Jezus de Lx. a

É a Description de la ville de Lisbonne, Paris, 1730 (1).

⁽¹⁾ Ofereceu-me esta preciosa obra em 9 de Junho de 1889 o meu velho amigo D.ºr Xavier da Cunha.



CAPÍTULO XXXV

Viveu no convento de Jesus um instruido e aplicadíssimo Frade, o Padre José Mayne, ou José de Jesus Maria Mayne, nascido no Porto a 7 de Junho de 1723 (¹), mas certamente estrangeiro de origem, zeloso cultor e promotor das letras e ciências, espírito para quem ensinar os ignorantes é dos preceitos que mais obrigam.

Foi Capelão-mor das Armadas, Deputado da Real Mesa da Comissão para exame e censura dos livros, Deputado da Junta da Bula da Cruzada, etc.; o que prova a consideração em que o tinham, e o muito para que lhe chegavam as horas.

O que mais ilustrou o nome do bom Padre Mayne, e o trouxe até nós, vivo e útil, foi o seu Museu. Eu explico.

⁽¹⁾ Di-lo Inocêncio.

Vê se que era daquelas pessoas, que em todos os objectos percebem a valia relativa que os distingue, e que por isso se chamam colecionadoras. Para espíritos assim não há bagatelas desprezíveis; tudo tem o seu lugar, e a sua significação: o colecionar é para essas pessoas uma forma da caridade; as gavetas, as pastas, as estantes envidraçadas, molduras das paredes, são (como hei-de expressar isto?) um género de asilos de inválidos: mas esses inválidos da indumentária, da bibliofilia, da ornamentação, da gravura, da pintura, das ciências naturais, prestam alto serviço como documentos, como testemunhas artísticas da crónica do seu tempo. Conservar é portanto serviço a vindoiros; e os que vão juntando e classificando o que a turba ignara chama bagatelas, são dos mais úteis cooperadores da civilização.

Isto, em geral. Voltando ao Padre Mayne:

:

Sem incomodar ninguém, sem bulha, sem reclamos, mas com a perseverança da formiga, foi este bom homem colecionando, toda a sua vida, objectos de curiosidade artística, exemplares de História natural, animais, vegetais, minerais, antiguidades, quadros a óleo, estatuetas, xarões, medalhas, que sei eu? tudo quanto podia constituir um Museu de utilidade geral; e essa colecção, acrescida por dádivas, compras e trocas, e enfileirada sistemáticamente ao longo de corredores e salas no seu mosteiro de Jesus, foi cinquenta

e tantos anos o desvelo do dono, se dono se podia chamar a quem agremiava tantas preciosidades para os estudiosos, para os amigos, para os desconhecidos, para o público, em fim, de uma cidade morta como Lisboa. O verdadeiro dono era esse público; o Frade era o conservador deste Museu, que óptima fama alcançou, a ponto de o citarem os Almanaques antigos entre as curiosidades dignas de nota na Capital.

Falecido Mayne em 23 de Dezembro de 1792, continuou o mosteiro gerindo aquele depósito sagrado, assim como a aula de ciências naturais fundada por ele, e modernamente anexada à Escola Politécnica, Em 1834 tudo isso, bom ou mau, ficou pertencendo ao Estado pela abolição das Ordens religiosas; e o convento e as colecções Maynenses. colocaram-se debaixo da tutela e administracão da Academia Real das Ciências de Lisboa. assim como o Museu de História Natural do Jardim botânico da Ajuda, encorporado no da mesma Academia pelo Decreto de 27 de Agosto de 1836.

Têm os Governos liberais um sestro singularíssimo! em descobrindo propriedade que lhes quadre, por qualquer motivo, fazem o que fazia no meu tempo o Sultão de Zanzibar: deitam-lhe a garra; com uma diferença; ele era mais franco; invocava apenas a sua vontade soberana; eles invocam Leis.

Veem todas as corporações de mão-morta reduzirem a títulos de dívida pública (por ordem expressa deles) os seus passais, os seus prédios, as suas acções, em resultado de promessas solenes? pois bem; o dito por não dito: roubam, a todos, os prestamistas trinta por cento. Veem as casas monacais alimentadas dos legados particulares de muitos séculos? pois bem; saqueiam os conventos masculinos e femininos. Perpetram tudo isso em nome das Leis; certo é; mas é não menos verdade que são Leis fabricadas ad hoc.

:

Vinhamos tratando do Padre Mayne.

O Governo de 1834 cubiçou o Museu dos Frades de Jesus; matou primeiro os Frades, e logo depois tomou-lhes o Museu.

Muito bem explicam as intenções dos dirigentes de então certas palavras de um discurso lido pelo Secretário da Academia na sessão pública de 1838, referindo a doação do convento de Jesus à douta corporação; e diz:

"Uma rasão de preferencia militava para a Academia vir occupar o extincto convento de Nossa Senhora de Jesus. Ali estava o museu de Historia natural, medalhas, e pinturas, colligido pelo Padre Mestre Frei José Mayne, e de que a Academia é administradora; e a livraria d'aquelle convento era em grande parte composta de obras compradas pelo mesmo Padre Mayne, e de que a Academia

tinha tambem a administração. Separar o que pertencia ao Instituto Maynense era impossivel; e por isso Sua Majestade...... providentemente ordenou pela Portaria de 23 de Outubro de 1834, que a bibliotheca do extincto convento de Jesus fosse administrada do mesmo modo que aquele Instituto, e que, unidos estes estabelecimentos aos analogos da Academia, se franqueassem todos ao publico em beneficio das Lettras».

Sim, em beneficio das Letras, em proveito dos estudiosos, ou (quando menos) para aperitivo do gosto às classes operárias, que às quintas feiras (lembro-me bem) concorriam em ondas a visitar o Museu.

Essa ideia de um benefício público atenua, até certo ponto, o roubo; as colecções do Padre Mayne continuavam a existir, intactas, e proveitosas.

*

O que é porém tristíssimo é que o Museu, longas dezenas de anos conservado nos corredores e salas do mosteiro pelos Frades, depois de 1834 conservado também muitos anos pela Academia nas mesmas salas, nos mesmos corredores, foi desmembrado e deslocado; uma parte anexada às coleções da Escola Politécnica; uma parte mínima conservada ainda (por muito favor) na Academia; mas o resto, a parte principal, a linha e valiosa colheita do douto Padre Mestre, e nomea-

damente os seus mais de 540 quadros, alguns de grandes autores, entre os quais vários pintores portugueses, foram em 1864 (salvo erro) vendidos em leilão!! isto é: a Academia entendeu lancar aos quatro ventos, e dispersar sem dó, o que tantos anos de perseverança e desinteresse custara a um benemérito! Não cheguei nunca a perceber um vandalismo tão cruel. Os 10 contos de réis que rendeu o leilão, e que se empregaram em coisas que, francamente, não deixaram rasto, valeram acaso o muito que ali valiam o museu de antiguidades e curiosidades várias, a galeria de pinturas, muitas delas nacionais, e o gabinete de História natural, que em parte representava a flora e a fauna dos nossos domínios ultramarinos? Tudo isso, ali reunido e agrupado por um homem que não era um Príncipe, nem um milionário, significava muito, e valia ainda mais como núcleo e incentivo a novas doacões.

É dos nossos dias, é de quarenta anos atrás, a romaria popular, que todas as quintas feiras levava a Jesus centenares de observadores, cujos comentários eu consideraria ainda mais curiosos do que as próprias vitrinas da ornitologia, as melhores conchas de Ceilão, o mais belo crâneo de cetáceo, ou os mais gabados desenhos e quadros de Taborda, Pillement, Cyrillo, ou Vieira Lusitano.

O operário, a mulher de capote e lenço, o homem culto e de posição, o camponês, o soldado, ali andavam admirando, aprendendo alguma coisa. Não havia catálogo, e era uma pena; mas hoje nem há catálogo, nem colecção.

Aquela tão conhecida romaria não era só um saudável entretenimento, instrutivo e deleitoso; era mais do que isso; era um cortejo hebdomanário à memória do velho Padre Mestre. Dir-se-ia que a sombra dele presidia ainda às suas colecções, e se regalava de as ver estimadas e proveitosas.

Porque a Academia devia saber que exposições públicas, embora não sejam a pinacoteca de Dresde nem a do Louvre, instruem, civilizam; e devia saber também que esta do convento de Jesus tinha-lhe sido entregue para a zelar e administrar, mas pertencia a nós todos, pertencia à Nação.

Haverá algum governo, rotativo ou não rotativo, que se lembre de vender o Museu Allen, do Porto? ou a colecção de pinturas estrangeiras doada à Academia de Belas-Artes pelo Visconde de Carvalhido? Não creio. É daí... quem sabe!...

O Museu particular de Sir Hans Sloane foi devidamente colocado e ampliado pelo Governo inglês; e, acrescido pelas ofertas e deixas particulares, pertence hoje à Inglaterra e ao mundo; chama-se o Museu Britanico. Em Lisboa aquele bom Fradinho reuniu uma colecção, que passou a uma Sociedade sábia, e essa Sociedade sábia, sem compreender o que lhe tinham entregue, vende tudo!!!

E depois, queixamo-nos.

*

Bem sei (escusam de mo lembrar) que nem todos os quadros que enchiam aquelas salas e aqueles corredores eram telas primaciais. Mas que se segue daí? tudo que não for de primeira ordem deita-se fora? singular maneira de compreender a civilização pela Arte.

Quem ali entrava nas quintas-feiras, dias em que (repito) o espírito benéfico do Padre Mayne parecia ainda estar-nos fazendo as honras da casa, bem sabia que não entrava na Galeria Nacional de Londres, no Vaticano, no Museu de Madrid, nem mesmo na nossa Galeria Real de Belas-Artes; mas deleitava-se ao contemplar ali reunidos, pela tenacidade de um só homem, tantas pinturas históricas, de paisagem, de género, de natureza morta, de arquitectura, tantas armas de gentios, tantas curiosas obras de Chineses, tanto bicho de longes climas, tanta coisa, enfim, notável, significativa, instrutiva, rára.

Que o Museu tinha muito merecimento, não o digo eu só, que pouco sei; diziam-no os competentes.

"O gabinete de pinturas — escreve em 1816 o citado narrador da Mnemosine — compõe-se de mais de quatrocentos quadros, entre os quaes algumas paizagens de Pillement, retratos de Battoni, fogos de Diogo Pereira, e varias copias de objectos naturaes de Joaquim Manuel da Rocha, e muitos desenhos d'este e de Francisco Vieira Lusitano, despertam a attenção dos curiosos.....

..... O gabinete de Historia natural — continua esse bom informador — occupa tres salas no claustro de baixo, onde, além de um rico monetario, se acham muitos artefactos de artes e officios,

uma boa collecção de amostras de madeiras, um excellente apparelho de loiça da Saxonia, dadiva da munificencia do senhor Rei D. Pedro III ao seu confessor, e muitos outros objectos curiosos».

Está uma pessoa a juntar preciosidades uma vida inteira, a angariá-las pelos seus amigos, a comprá-las do seu bolsinho, a resignar em proveito público dádivas Reais, a instruir o Povo com essas colecções, morre descançado, julgando que a sua Pátria adoptiva lhas conservará e aumentará... e um belo dia uma Academia Real das Ciências (sim, foi ela, e não uma desalumiada Junta de paróquia sertaneja) dispersa isso tudo aos quatro ventos, e acabou-se.

É um aviso aos colecionadores e aos doadores.

sk

Beneméritos desinteressados e úteis, como o Padre Mayne, não são ráros entre nós. Haja vista outro Frade, Frei António Freire, de S. Domingos de Benfica, na século xvi, possuidor de uma copiosa livraria que lhe doára o notável Bispo D. Julião d'Alva, e acrescentara com doações novas Jorge da Silva «fidalgo muito rico, e igualmente largo de condição, e seu amigo».

Essa colecção era a menina dos seus olhos; queria-lhe com entranhado afecto. Pois quando chegou uma fome horrorosa, que precedeu alguns anos a peste grande de 1569, o bom de Frei António



Nossa Senhora da Conceição da colecção Mayneuse

C. P. L.

GAN STE

DE E UDOS

OLISIFONENSES

desapossou-se de tudo, e vendeu os seus queridos livros para suprir às despesas com os enfermos pobres (1).

Aqui foi o espírito de caridade e misericórdia quem desculpou o vandalismo (se o houve) da dispersão do haver de Frei António Freire. A Academia nem sequer pôde invocar esses motivos piedosos.

Frei António chorou de certo lágrimas de sangue ao ver saír de Benfica os caixotões com os seus estimadissimos livros. A Academia... não consta que chorasse.

*

Inocêncio, no artigo comemorativo do Padre Mayne afirma ter ele deixado rendimentos para a manutenção do seu Museu. Bem importam aos Governos modernos as deixas dos mortos! espatifam tudo, desvirtuam tudo, tudo aniquilam os legisladores do materialismo!

Comprei no leilão uma Virgem da Conceição, muito formosa, e conservo a como lembrança das minhas quintas-feiras infantis em 1848 na História natural. Aquele quadro fala-me do Padre Mayne; basta isso para eu o apreciar.

⁽¹⁾ Frei Laís de Soasa — Hist. de S. Dom., P. II, L. II, cap. X.



CAPÍTULO XXXVI

Parece que naquela casa cláustral era tradição o amor da Arte. Além de Frei José Mayne, e antes dele, encontro Frei João da Madalena, falecido em 1714, que teve a louvável curiosidade de adornar a sua igreja «com admiráveis pinturas, e a livraria com grande cópia de livros jurídicos que foram do grande jurisconsulto António de Sousa de Macedo, Secretário de Estado d'el-Rei D. Afonso VI» (1).

Curioso será averiguar que em algum dos volumes de Direito existe o ex-libris ou a assinatura do notável Desembargador. Ofereço esta lembrança aos empregados da biblioteca da Academia.

Luís Gonçalves de Sena, nascido em Santarém no ano de 1713, foi autor de quadros (não sei quais) neste convento (3).

⁽¹⁾ Barbosa Machado - Bibl. Lusit., T. II, pág. 686.

⁽²⁾ Raczynski - Dictionnaire, citando Taborda.

De João dos Santos Ala também lá havia pinturas da vida da Virgem (1).

Ainda em tempo anterior depara-se-me o pintor Marcos da Cruz (século xvII), que pintou os quadros

do cruzeiro da igreja (2).

"Em nenhuma das igrejas de Lisboa que examinei — diz o severo Raczynski — topei reunidas tantas pinturas boas.

"No côro vê-se uma Ressurreição attribuida a Rubens. Parece-me com effeito producção d'esse grande mestre, e até se me figura uma das suas mais nobres composições. Julgo intacto este quadro; ou, se acaso o restauraram, fizeram-n-o com toda a consciencia e cautella que merecia tão louvavel obra. Soberbo quadro este, e um dos objectos mais valiosos que se encontram em Portugal. Defronte ha uma Adoração dos Magos, que em varios pormenores lembra o pincel de Fernando Boll; mas é muito inferior à Ressurreição.

"Na capela de Nossa Senhora vê-se um Papa e um Cardeal visitando o tumulo de S. Francisco. Parece-me este quadro excellente, e n'um estylo eminentemente ticianesco. O que lhe está defronte, com ser de somenos merecimento, attribuo-o ao mesmo pincel; representa S. Francisco, a quem apparecem no ceo Christo e a Santa Virgem. Outros quadros ha ainda na mesma capella, do mesmo estylo, e mencionaveis.

⁽¹⁾ Raczynski - Dictionnaire, citando Cyrillo Wolkmar Machado.

⁽²⁾ Cyrillo - Mem., pág. 80.

«Na capella mór a Visitação da Virgem a Santa Isabel mãe de S. João, é obra bellissima, cuja maneira se aproxima muito da epocha classica da pintura italiana. Outros tres paineis na mesma capella não deixam de ter certo caracter de grandeza, com quanto me não mereçam encomios. Todos elles pelo seu estylo pareceram me do fim do seculo xvi, ou dos começos do xvii; comtudo ligam-se mais á escola classica do que á dos Caracci.

"Na capella de S. José, o Christo e a Virgem apparecendo no ceo a S. Domingos e S. Francisco parece-me do mesmo pincel dos da capella de Nossa Senhora" (1).

A capela mór foi mandada edificar por D. João Manuel, Arcebispo de Lisboa, sendo ainda Bispo de Viseu. Acabou-se em 20 de Junho de 1633, tendo o Arcebispo falecido a 4 deste mês (2).

A Mnemosine ainda cita na casa dos Gerais um retrato da Infanta (ou Rainha) D. Mariana, por Vieira Lusitano. Onde pára hoje?

卒

Tinham estes bons frades de Jesus um encargo, que era a final de contas uma regalia honrosa: eram eles que serviam de capelães a bordo dos navios de guerra; ainda em 1791, me diz o Almanack

⁽¹⁾ Les Arts en Portugal, pág. 293.

⁽²⁾ Barbosa - Biblioth. Lusit., T. II, pág. 689.

desse ano, era Capelão mór da Armada o nosso já conhecido Frei José Mayne, o benemérito e descompreendido colector e doador.

200

Na belissima igreja dos Terceiros, anexa a este convento pela banda ocidental, são de João Grossi, italiano estucador que trabalhou imensamente em Lisboa, os estuques do tecto, feitos logo depois de 1755 (1), visto que o templo caíu pelo terremoto: parte no dia 1.º de Novembro, e outra parte passados dias, morrendo dois Religiosos, e muitos seculares (2); asserções que divergem das de João Baptista de Castro.

**

Foi o largo de Jesus destinado, por edital municipal de 4 de Dezembro de 1863, para praça de venda de leite.

Na próxima travessa do Convento de Jesus, que do largo conduz ao Poço Novo, abriu-se em 8 de Março de 1812, um Domingo, uma casa de pasto no prédio então n.ºs 43 e 44 (³); e em 22 de Abril de 1816 o Colégio moral e civil (⁴). A travessa encarregouse do alimento para o corpo e para o espírito.

⁽¹⁾ Cyrilo - Mem., pág. 270.

⁽²⁾ Narração do formidável terremoto, mss., pág. 31.

⁽³⁾ Gazeta, n.º 57, de 5 de Março de 1812. (4) Gazeta, n.º 93, de 19 de Abril de 1816.

Houve ali também uma fábrica de chapéus de coiro e sola envernizados, gravatas de sola, palas de bonés, barretinas, etc., em 1816 (1).

*

Voltando ao edifício do convento, direi que na sala com porta para o claustro, e onde desde o principio tem a sua séde o Curso Superior de Letras, professava-se a cadeira maynense de Introdução à História natural; e, antes da extinção das Ordens religiosas, a aula pública de Filosofia racional e moral regida pelos Padres Franciscanos. Hoje a cadeira de Introdução é regida noutra sala do mesmo edifício, e custeada pelos rendimentos que para isso deixou o fundador.

A sala das sessões da Academia é nova e bonita (não lhe chamarei bela); foi inaugurada na sessão de 7 de Março de 1872 em presença de Sua Majestade o Imperador do Brasil.

٠

Resta me mencionar a secção fotográfica, fundada por iniciativa do Director geral, o benemérito General Filipe Folque, inaugurada pelo distinto lente e meu falecido amigo o Doutor José Júlio Rodrigues, e ultimamente extinta, como, depois, foi tambem a Tipografia da Academia Real das Ciências, fundada em 1780. Nela se

⁽¹⁾ Gazeta, n.º 81, de 3 de Abril de 1816.

imprimiu a l.ª edição destas fugitivas páginas, e muitas obras importantes teem visto a luz. A Imprensa, consegue desempenhar-se dos seus encargos com aplauso dos entendidos (¹).

2/4

Entre a rua do Arco, a calçada do Combro, e o largo de Jesus, alastra-se um terreno vasto, lavrado de hortas, e desafogado, onde principiou a construir-se o edificio para o Liceu Nacional. Infelizmente não se concluíu ainda. Deveria, me parece, plantar-se de roda do Liceu um arvoredo ajardinado, que servisse de recreação e ginásio aos alunos nas horas de intervalo das aulas, reservando uma passagem pública entre o largo de Jesus e a rua do Arco. Declaro que não vi as plantas elaboradas, mas é bem de querer que os arquitectos municipais pensassem na vantagem de alegrar aqueles sítios com o respiradoiro de um bonito parque.

O bairro não possui jardins; os de S. Pedro de Alcântara e da Estrela são afastados. Este de Jesus poderia tornar-se muito pitoresco, e com música, jogos e quiosques, ser praso dado de passeantes nas bonitas noites de verão.

⁽¹⁾ Foram administrador e director desta util, necessária e indispensável Tipografia, que tão bem motiva a saa fundação e conservação, dois amigos meus, a quem este livro deveu muito: António da Silva Tálio, e Carlos Cyrilo da Silva Vieira.

O ar puro e oxigenado é um grande médico. A higiene urbana reclama árvores, água, sombra. Não lhe neguem esses bens.

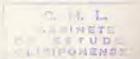
20

Na igreja de Jesus existe uma Irmandade de Santo António, cujo primeiro compromisso é de 1610. No chão da sua capela há sepulturas que pertenciam à família fundadora (que não sei qual era); nas paredes havia outras, que foram recobertas de estuques. Estes irmãos tinham jazigo á entrada da igreja de Jesus (1).

*

Defronte do que é hoje a entrada principal da Academia das Ciências, na rua do Arco do Marques, corria uma série de casebres miseráveis, que até mesmo numa aldeia seriam ridículos. Em sessão camarária de 29 de Julho de 1861 os Vereadores Fernandes Chaves e Severo de Carvalho pediram a demolição de tais baiucas (2).

Parece não foram atendidos logo; mas por 1867, pouco mais ou menos, vieram a baixo, aplanan-



⁽¹) Informações do meu falecido e honrado amigo o sr. Carlos Cyrilo da Silva Vieira, digno Director da Tipografia da Academia Real das Ciências.

⁽²⁾ Arq. Mun. de Lisboa, 1861, n.º 84, pág 666.



SANTO ANTÓNIO, O POBRE da Irmandade venerada no convento de Jesus

E M. J.

do-se uma espécie de praça ou rua larga, hoje orlada de bonitos prédios, que todos teem seus jardins altos á frente (1).

*

No capitulo XXXVI do Tomo II desta obra mencionei de passagem o Recolhimento do Espirito Santo, sito na rua do Arco do Marqués (hoje rua do Arco a Jesus), (2) defronte da entrada da sacristia do antigo convento acabado de estudar. Mais duas notícias, agora que temos na frente o prédio em que esse recolhimento se albergou tantos anos.

Fundou-o em 1671 D. Maria Borges, "mulher nobre e virtuosa", e aí se recolheu com outras companheiras, falecendo em 1680, e sendo sepultada na capela da casa.

Nesse ano compraram o Recolhimento e o quintalão contiguo os Frades de Jesus, e (diz o Padre Carvalho da Costa) "desde aquele tempo até ao presente — 1709, data das licenças para a publicação) — lhe assistem com os Sacramentos man-

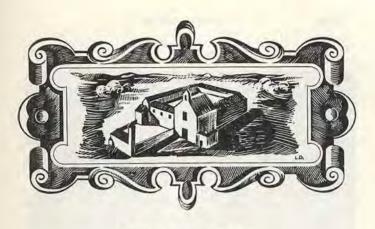
⁽¹) A obra «Do Convento de Nossa Senhora de Jesus», de Ferreira de Andrade (separata do Boletim do grupo «Amigos de Lisboa», desenvolve com grande cópia de notícias inéditas a história da Igreja e Convento de Jesus, e dá excelentes informes sobre o templo anterior a 1755 cuja descrição se faz minuciosamente, assim como da igreja moderna e das suas alfaias, imagens, adornos e támulos. (Nota de M. S.)

⁽²⁾ Hoje da Academia das Ciências.

dando-lhe ali dizer Missa todos os dias, e confessando-as em os Jubileus principais do ano. Tem este Recolhimento capacidade para nele viverem até vinte pessoas» (1).

Suprimido e vendido o Recolhimento, de cuja feição antiga me não lembro, foi no sítio da ermida construída a caixa da escada, e alugou-se a moradores vários a transformada habitação. De duas famílias sei eu, que ali visitei: em 1860 e tantos ou 1870 o nosso insigne pintor Miguel Lupi; em 1880 a sr.ª D. Mariana Sarmento Otolini, com sua filha e seu filho.

⁽¹⁾ Chorogr., T. III, pág. 501.



CAPÍTULO XXXVII

Por aí era no século xviii, sabe Deus desde quando, a Horta do Cabra. Hoje a travessa da Horta, comunicando a do Arco com a dos Cardais (modernamente denominada Eduardo Coelho), é o vestígio derradeiro do campo de nabiças e feijoais do antigo Cabra, sujeito cuja personalidade se sumiu na voragem dos invernos.

2,5

Na travessa da Horta esteve estabelecida há sessenta e poucos anos uma grande fábrica de lanifícios, fundação e propriedade do Barão de Alcochete, cujo palácio (o que foi do célebre e bem intencionado Jacome Ratton) ainda lá vemos na rua Formosa, e pertence á mencionada sr.ª D. Amélia Chamiço.

*

A estas notáveis famílias, Ratton e Daupias, devem muito as indústrias portuguesas, e a nossa gente reconhecia-o.

Em 20 de Novembro de 1840, Sua Majestade a Imperatriz viúva, Duquesa de Bragança D. Amélia de Baviera, foi animar com a sua presença aquelas lidas do trabalho.

"Sexta-feira 20 de Novembro — escreve em francês o periódico lisbonense L'Abeille — S. M. a Imperatriz visitou o estabelecimento industrial da travessa da Horta. S. M. I., com o espírito observador e a bondade que tanto a caracterizam, examinou tudo com a maior minúcia: a máquina a vapor, que move todos os aparelhos, as oficinas de la cardada, a fiação, a tinturaria, e a tecelagem. Pareceu S. M. satisfeita com os resultados obtidos em menos de dois anos, e mostrou o seu agrado nos termos mais honrosos aos proprietários do estabelecimento. S. M. escolheu grande soma de las, tapeçarias, e tecidos variados" (1).

4

A 2 de Dezembro seguinte honrou-se a fábrica com outra visita Real. E diz o mesmo noticioso informador:

"No dia 2, S. M. a Rainha D. Maria II, acompanhada de seu Augusto Esposo, visitou a fábrica de lanificios da travessa da Horta. Era a hora do

⁽¹⁾ L'Abeille, 2.º vol. pág. 258.



S. M. A SENHORA D. MARIA II Rainha de Portugal



jantar dos operários; mas apenas S. S. M. M. chegaram, o sr. Barão de Alcochete proprietário do estabelecimento mandou tocar o sino, e todos apareceram sem demora nos seus postos. S. M. M. poderam observar minuciosamente todos os diferentes engenhos movidos a vapor, e tudo mais, dignando-se de testemunhar a sua satisfação pelo bom exito desta empresa de todo o ponto nacional. El-Rei chegou a dizer ao Barão, para o animar, que só usava camisas de la desta fábrica».

O Barão de Alcochete a quem me referi, foi Bernardo Daupias, 1.º Barão em duas vidas, e 1.º Visconde em 1852, do Conselho de S. M., Comendador da Ordem de Cristo, etc., Conselheiro de Legação, Consul geral aposentado, e pai do Conde de Daupias há poucos anos falecido.

*

Estas visitas Reais feitas com atenção, inteligência, zelo, são mais fecundas e úteis do que suspeitam sequer os próprios Soberanos. Neles reside ainda um prestígio enorme, e um condão civilizador, que ninguém mais possui. Pena é que o não aproveitem sempre. Acham sécas tais deveres? tenham paciência; fazem parte do seu emprego, jurado ás Côrtes.

O Rei de hoje não é já o Rei de há trezentos anos; é, com as mudanças que trouxe o tempo, o Monarca liberal e simples que foi há setecentos ou oitocentos; isto é: o primeiro de entre os seus Fidalgos, o chefe da sua Nobreza, o mantenedor das Leis e das tradições, o ponto central da administração, o escolhido e o amigo do Povo.

As classes médias e as populares em toda a Europa gostam de saudar os seus Soberanos; agrada-lhes vê-los (uma vez ou outra) nas avenidas e nos teatros; mas não é tudo; preferem sabê los, atentos e graves, no Conselho, nas oficinas, nas fábricas, nas escolas; ou adivinhá-las à mesa do estudo, manuseando, para saberem encaminhar os seus Ministros, a altas questões económicas e políticas do mundo moderno.

Nós, o Povo português, muito em especial, amamos e respeitamos os nossos Monarcas; ambicionamos tê-los sempre ao nosso lado; mas, verdade verdade, a folia constante e inútil, as perpétuas excursões recreativas, as pescarias, as caçadas, as toiradas, o lawn-tennis, o tiro aos pombos, não bastam para a felicidade nacional. Os pescadores de atum e sardinha, pesquem; é esse o seu humilde ganha-pão; os cacadores de contrato, cacem; é esse o seu triste e sanguinário mister. Os nossos bons Reis, esses reinem, dediquem-se, e governem; aproveitem em bem do Público os elevados dotes que receberam da Providência, desenvolvidos na mais brilhante educação; descubram os servidores honestos do País, onde quer que se escondam; honrem pelo trabalho assíduo a posição especialíssima em que a Mão de Deus colocou os Reis. É essa a sua obrigação, neste concerto universal de direitos e deveres.

A senhora D. Maria I visitava solicita os estabelecimentos pios.

El-Rei D. João VI descia até aos pequeninos, e escutava-os.

O senhor D. Pedro IV não descançava na guerra e na paz, indagava tudo, e trabalhava muito.

A Rainha sua Filha olhava atenta para os negócios políticos, e aparecia nas festas da indústria e das artes, e ia às escolas primárias sentar-se, grave e maternalmente curiosa, entre as alunas.

O marido dessa Augusta senhora, el-Rei D. Fernando II, apesar de estrangeiro era todo Português: desvelava-se em visitar as nossas galerias, aprazia-se na companhia dos artistas nacionais, procurava as reuniões académicas e literárias.

El-Rei D. Pedro V tinha como grande alegria ouvir as lições do seu querido Curso Superior de Letras; aparecia não esperado nos quarteis; aparecia não esperado na Torre do Tombo; aparecia não esperado na Biblioteca; era um valente, que expunha com denodo a sua preciosa existência nos hospitais em tempo de peste; escolhia escrupuloso os seus *ilhargas*, e dava-se bem com os velhos servidores de sua Mão e seu Avô.

El-Rei D. Luts, emfim (para só mencionar os mortos), seguia em muitas coisas as honrosas pisadas de seu irmão, e achava sempre, no seu modo caricioso e benévolo, mas tão fino, tão Real, palavras de animação aos trabalhadores do bem.

Assim se desempenha o ofício de reinar; assim se cumprem os deveres da magistratura suprema.

Os que se esforçam em cumprir esses deveres, tornando-os assunto principal da vida, esses há-de coroá-los a opinião pública, juiza incorruptível de quem a sabe respeitar, respeitando-se; há de acolhe-los carinhosa a História nacional, onde os Monarcas teem por herança lugar tão elevado.

Note-se:

Quem estas linhas escreve, não é um demagógo, nem um demolidor, nem sequer um republicano. Bem longe disso. No seu ponto mínimo, tem demonstrado sempre ser conservador, e querer de veras à Monarquia; é, de mais a mais, pessoalmente muito obrigado ao actual Soberano; mas se a gratidão para com um indivíduo impõe deveres, maiores os impõe o amor da Patria. Não há portanto melindres, que o impeçam de pensar como entenda, e dizer o que pensa... em quanto é tempo; e, com o desassombro de quem nada pede, di-lo francamente, e avalia (como sabe e pode) assunto de tamanha magnitude.

E por ser de tamanha magnitude, é que, no interesse exclusivo do Monarca e da Monarquia, se atreve a falar aqui directamente, de fronte levantada, sim, mas sem quebra do mais profundo respeito, com EL-REI.



CAPÍTULO XXXVIII

Mencionei ainda agora a rua dos Cardais de Jesus (hoje chamada de Eduardo Coelho).

O seu nome desde o princípio, foi dos Cardais, se bem que, desde que ali tiveram palácio de residência os Cabedos do Visconde do Zambujal (o que foi muito antes do terremoto), começaram a chamar lhe rua do Cabedo; nos primeiros anos do século xix assim a designam papeis públicos (1). Esta ilustre família já ai morava, representada pelo seu chefe Jorge de Cabedo de Vasconcelos, em 1717 «nas suas mesmas casas por detrás do

⁽¹⁾ Vide Gazeta de Lisboa, n.º 294, de 11 de Dezembro de 1811, n.º 146, de 23 de Janho de 1819, n.º 156, de 5 de Jalho do mesmo ano, etc.

convento de Nossa Senhora de Jesus» (1); mas então não se designaria ainda a rua dos Cardais com o título destes proprietários.

O palacete ou a casa nobre do citado Jorge de Cabedo, tem hoje os números 98 a 110, e andava a construir-se em 1709, segundo deixa perceber a Corografia de Carvalho (2).

43

Na rua dos Cardais morreu o incomparável poeta Nicolau Tolentino de Almeida a 24 de Junho de 1811.

Na mesma casa histórica onde se deu esse triste acontecimento, inteiramente transformada, faleceu o benemerito director e fundador do *Diário de Noticias*, Eduardo Coelho, que dá nome à rua.

*

Aí junto é a rua da Quintinha, que ainda em 1817 e 1820 se chamava da Quintinha do Saldanha (3); pertencia essa quintinha ao palácio que

⁽¹⁾ Gazeta, n.º 40, de 7 de Outubro de 1717.

⁽²⁾ T. III, pág. 501.

⁽³⁾ Gazeta de Lisboa, n.º 118, de 19 de Maio de 1820. Gazeta n.º 27, de 31 de Janeiro de 1817.

hoje é da Casa das Alcáçovas, especime da arquitectura seiscentista, perfeitamente conservado, e cuja entrada é pela rua da Cruz (1).

A Quintinha do Saldanha, chamada anteriormente a «quinta defronte dos frades» (S. Bento), era um antigo prazo que se denominava «das Donas» no século XV (Nota de M. S.).

⁽¹) Sobre estas região citadina dos Cardais que, antes do terremoto, revestia aspectos bucólicos de paro raralismo, acrescenta o anotador desta edição muitas notícias no 1.º volume do seu trabalho «Depois do Terremoto», de páginas 154 a 160. A quinta adquirila por Jorge de Cabedo em 1706, chamava-se anteriormente «do Cirurgião Mór» e pegava, pelo sul, com outra denominada «dos Cardais» ou «do Cónego», onde D. Maria Borges veio a fundar o Recolhimento dos Cardais, a que Castilho faz referência. Mais ao Norte ficava outra quinta, a «da Palmeira» que deixou o seu nome a uma das ruas do Bairro. Jorge de Cabedo melhorou as casas adquiridas ou edificou outras, e[nelas esteve até há pouco tempo o Colégio Calipolense.



CAPÍTULO XXXIX

A próxima rua da Quintinha não tem celebridade, que me conste, a não ser uma, que topei no Dicionário de Inocêncio. Vamos ao caso.

Tomé Pinheiro da Veiga, Procurador da Corôa, Desembargador do Paço, Chanceler mór do Reino, etc., etc., foi nos séculos xvi e xvii um dos jurisconsultos e jurisperitos mais notáveis de Portugal. Homem de bem, e abalisado sabedor, que pelo seu carácter e pelas suas letras soube honrar a classe, e teve a ventura de assistir à aurora de 1640. Sepultou-se na Igreja de Santo António da Sé, com epitáfio a que alude Barbosa na Biblioteca Lusitana. A igreja caíu pelo terremoto de 1755, e ninguém sabia da campa.

Em Julho de 1849, indo o Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário geral perpétuo da Academia Real das Ciências, residir para a rua da Quintinha, então n.º 53, encontrou

na cavalariça do seu prédio uma Ioisa sepulcral com o epitáfio de Tomé Pinheiro da Veiga. Ofereceu-a à Academia; o letreiro dizia assim:

> AO PE DESTE EPI TAPHIO IAS SEPULTADO O DOUTOR THOME PINHEIRO DA VEIGA DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE SEU DESEMBARGADOR DO PACO PROCURADA OR DA COROA E IVIS DAS CAPELAS OUVIDOR DA FAZENDA DA RAINHA NOSSA SENHORA COMO VEDOR DELA DE I-DADE DE 90 ANNOS DE PERPETVA MEH MORIA POR SVAS LETRAS INTEIN REZA EXPERIENCIA EZEMPLA AR ERUDIÇÃO DEIXOV NA SUA CAPELA DE S. JOÃO DE COIMBRA 6 MERS-IEIROS E I CAPELAM E NESTA S-ANTA CAZA 2 CAPELAES COM MISSA OOH TIDIANA PARA SEMPRE POR SVA ALMA E DE ESMOLA A COMFRARIA DE S A-NTONIO 400 V PARA ESTA SPYLTYRA FALECEO EM 29 DE 1 ULHO DE 1656 REQUIE-SCAT IN PACE.

Como se achava ali aquela lápide? é problema que ninguem poderá resolver. Costa de Macedo sugere uma conjectura e diz:

... "O que naturalmente desafiára a curiosidade é saber como a... pedra sepulcral, colocada numa parede da capela de Santo António da Sé, foi parar a uma cavalariça da rua da Quintinha. Nenhuma explicação segura posso dar de semelhante facto; mas, se me é permitido aventurar uma conjectura, parece-me que, caindo pelo terremoto a capela de Santo António da Sé, se tirou
das suas ruinas a pedra de que se trata, para
acabar com ela a obrigação dos sufrágios, de que
a sua persistência no lugar que ocupava era um
testemunho autêntico e constante; e talvez o sítio
para onde foi removida, em que depois se edificaram casas, pertencesse aos bens deixados pelo
finado para satisfazer aos mesmos sufrágios;
ficando ali a pedra, que felizmente não foi metida
nos alicerces, ou encaixada em alguma parede,
como tem acontecido a muitas».

Sem aventar motivo claro para a viagem da loisa, permito me não concordar com a conjectura do douto Académico, visto irrogar um motivo pouco honroso, e sem provas, aos parentes de Tomé Pinheiro da Veiga, quem quer que fossem. De mais a mais, não se coadunam as duas partes do argumento: essa gente, interessada em não pagar os sufrágios, lucrava em destruir o letreiro, como testemunho autêntico e constante; ao mesmo tempo conservava a lápide, e tão cuidadosamente que chegou aos nossos dias; contradição flagrante.

Pode ver-se no *Dicionário* de Inocêncio, no artigo referente a Tomé Pinheiro, o caso todo, e muitas espécies curiosas no assunto.

*

A rua da Cruz, sobre a qual dá a entrada do pátio do palácio do Conde das Alcaçovas, é a 3.ª à esquerda subindo da rua de S. Bento para a dos

Poiais. Por causa de outras que havia, trocaram-lhe o nome em rua da Cruz dos Poiais, pelo edital de 1 de Setembro de 1859.

Em 1600 e tantos acendeu-se muito em Lisboa a adoração da sagrada Cruz (4); fizeram-se em vários sitios oratórios, nichos, e cruzeiros, onde o símbolo dos cristãos era festejado dos vizinhos; e foi provávelmente pelo mesmo motivo, que sobre tantas portas de casas e quintas se vê a Cruz.

No fim desta rua, lá em baixo, na intersecção com a rua do Poço dos negros, no canto formado hoje pela esquina nordeste, houve uma Cruz de madeira, chamada pelo povo a vera-Cruz dos Poiais; faziam-lhe muitas festinhas devotas.

O Anatómico Jocoso (T. I, pág. 276) descreve a assim com o seu estilo faceto e original:

Quando vamos para S. Bento, à mão direita virando para acolá, está uma Cruz naquele canto; e está no canto parece que de amuada por esquecida. A fábrica é carunchosa; e ainda agora na arquitectura se lhe divisa bem a traça. Das ilhargas tem duas taboinhas, onde se advertem duas almas em meios corpos; uma terá seus vinte anos, e é de mulher; e a outra de homem que foi nesta vida barbadinho; ou é tão antiga a pintura, que tai homem já de velho tem umas barbas até aqui...
Tem diante uma lanterninha».

^{(&#}x27;) Vide Triunfos da salutifera Cruz de Lisboa.—Lisboa — 1640 — 4.º — por Martim Afonso de Miranda.

Nesta rua da Cruz, já em 1791, na porta que em 1820 era n.º 6, morava o conhecido Tomé Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, Oficial de línguas da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, e peritissimo em grego, latim, francês, italiano, hespanhol, inglês, dinamarquês, sueco, alemão, holandez, turco, arabe, e russo. Um verdadeiro Mezofanti! As suas obras alude Inocêncio no artigo respectivo.

Da dissimulação política, dos calculados silencios do General alemão Von Moltke dizia não sei quem:

— Sempre é sujeito que se sabe calar... em sete línguas.

O nosso Tomé Barbosa falava em treze!!!

Amigo, protector dedicado e constante do eminente e fogoso Bocage, que o adorava a seu modo, gloriava-se de uma tal amisade; o amigo imortalisou-o nuns poucos de sonetos satíricos de primeira ordem, dos quais ria antes de mais ninguem

o guapo charlatão Tomé Barbosa

*

Na mesma casa morava outro Oficial dos Estrangeiros, Aires de Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso, irmão de Tomé (¹).

⁽¹⁾ Almanaque do tempo.

Na mesma rua, no palacete hoje n.º 16 morou e faleceu a 7 de Dezembro de 1901, com dôr dos seus e dos amigos, o talentoso D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo, Conde de Vila Franca do Campo, sujeito de elevados dotes, que infelizmente não aproveitou tanto quanto devia. Já aí tinha falecido a sr.ª Condessa, D. Mina Shore.

O Conde de Vila Franca, filho 2.º da Casa de Mesquitela, era um talento Discipulo e amigo de Garrett, amigo e discipulo de Castilho desde a ilha de S. Miguel, onde, como Governador Civil interino, muito auxiliou a difusão do Método de Leitura, escritor vernáculo, historiador e rebuscador infatigável (quando estava para isso), tinha todos os predicados para deixar a mais opulenta bagagem literária. A sua conversação noticiosa, servida por memória pronta e fotográfica, era por si só um dicionário.

Mas a vida diplomática, as viagens, a existência mundana, dissiparam esses ricos cabedais, com profunda pena dos aplicados.

Serviu como Adido em S. Petersburgo, na Legação, como Secretário em Madrid, como Secretário em Roma, na Embaixada, e como Ministro plenipotenciário em Madrid. Os seus ofícios e relatórios devem atestar a força das suas faculdades, que tinham antes de mais nada, uma sagacidade espantosa.

Foram os seus últimos meses em vegetar tristíssimo, um clarão apagado de tão alto espírito. Se, entre as saudades que lhe consagro, me fosse lícito engastar aqui uma cena burlesca de boa caturreira (inseparável dos Mesquitelas) contaria o seguinte:

Chamava-lhe eu sempre mestre, e ele correspondia-me com igual título nobiliário. Uma bela manhã entro, e encontro-o num gabinete, entre as mãos do seu barbeiro, que o escanhoava. O grupo ficava de costas para a porta por onde eu penetrei. Conforme o costume saudei-o com entusiasmo, brandando:

- O mestre!

Quem se virou? foi o barbeiro boquiaberto e espantado.

A risota foi enorme.

Tudo saudades!...

*

No palácio contiguo, n.º 10, morou uns dez ou onze anos, até 1858, João Pais de Faria Pereira do Amaral e Meneses, casado com a sr.ª D. Maria Joana de Barros (Santarém), e aí nasceram alguns de seus filhos e filhas, todos fraternais amigos meus. Mudou-se em 1858 este nobre casal para a travessa do Pombal, e daí em 1856 para o seu palácio da rua do Sacramento á Lapa, onde João Pais faleceu a 5 de Dezembro de 1859.

Era João Pais um verdadeiro Nobre português: sério, honrado, afectuoso, e polidíssimo. Militou no partido do senhor D. Miguel, o que não impedia, como homem educado, de tirar sempre o chapéu quando passava a senhora D. Maria II. Era uma

Princeza da Casa de Bragança, e era o Chefe do Estado; bastava isso a João Pais; não indo ao Paço, cumprimentava-a, como devia.

A Rainha conhecia-o de vista, e dizia várias vezes a uma das suas Damas, próxima parenta dele:

— Encontrei hoje teu primo João; é o miguelista mais bem criado que eu conheço.

*

Se a rua da Cruz corria dantes até à rua das Gaivotas, o lanço meridional emancipou-se-lhe, e denominou-se autonomicamente de Caetano Palha.

Quem era? não sei; consta-me apenas ter sido o proprietário de um prédio aí.

"Quem quizer comprar umas casas nobres.... etc., — diz um aviso da *Gazeta* em 1804 — fale ao senhorio, que assiste nas casas que foram de Caetano Palha, na rua do mesmo nome" (1).

A Raa de Caetano Palha, que também se chamoa no século XVII, «Rua do Veloso,» e na centária seguinte «Rua Fresca» ou «travessa Fresca», tomoa o sea nome actual de um Manuel Palha Leitão que ali residia, pelo menos, em 1708. Foi sea filho, talvez, Caetano Palha da Silva Leitão, que confirmoa a designação popular. Para completo esclarecimento deste ponto há que ver o que diz o sr. Luís Pastor de Macedo na sua belíssima obra« Lisboa de Lésa-Lés», a páginas 239 a 241, do volume II, acrescentando o que o anotador disse, a páginas 41 e 42 do volume II do «Depois do Terremoto». (Nota de M. S.)

⁽¹⁾ Gazeta, 2.º suplemento ao n.º 25, de 23 de Janho de 1804.

Resta-me por último referir-me ao notável Jácome Ratton, autor do precioso livro Recordações.

Dias depois do terremoto de 1755, vendo destruída a sua habitação, alugou o quarto térreo sobre o jardim do palácio do Conde de S. Lourenço a Santo Amaro; «sítio que escolhi — explica o próprio por se ter fixado a Alfândega nos armazéns terreos e de abóbada do terraço da quinta do Conde da Ponte, junto ao marco da dita praia» (1).

Daí passou em 1760 para a casa que faz a esquina ocidental da mencionada rua da Cruz sobre a dos Poiais de S. Binto, casa então acabada de construir por Manuel José de Aguiar, Oficial maior da Secretaria do Reino (2).

Ainda conheci esse prédio com o aspecto antigomas foi renovado e acrescentado com 2.º andar há uns dez anos.

*

Temos que visitar aqui perto o Colégio de S. Pedro e S. Paulo, vulgarmente chamado os Inglesinhos.

A Carta Régia de 20 de Novembro de 1621 autoriza em Lisboa a fundação de um Seminário de Sacerdotes católicos ingleses sob a inspecção do Inquisidor geral; e foi D. Pedro Coutinho, senhor e possuidor de umas casas ao Bairro alto,

⁽¹⁾ Record, pág. 29.

⁽²⁾ Record, pág. 31.



Nossa Senhora da Glória Para o leitor intercalar na pág. 252 do volume II



quem as doou para nelas se estabelecer o Seminário. Começou-se a obra em 1632, muito diferente do que lá vemos hoje.

Se até há mudanças consideráveis desde o tempo em que na minha meninice eu ali frequentava com senhoras da minha família os ofícios divinos! Fizeram-se de então para cá muitas obras na portaria, que deram a esse lado do edifício nova aparência, como ao interior do templo.

Quadros notáveis, não sei que os haja ali; apenas me consta que Lourenço da Cunha no século xvIII pintou uma perspectiva, que de certo não existe (1).

O destroço do terremoto foi grande no Seminário. Diz a minha Narração coeva, muitas vezes aludida:

"No Colégio dos Ingleses de S. Pedro e S. Paulo morreu o seu antigo Presidente, o qual, indo fugindo pela porta fora, caíu a torre do sino e lhe tirou a vida" (2).

O que nos séculos xvII e xVIII foram (graças ao bom gosto e às diligências dos setenta Padres da Companhia) as festas de S. Roque, são-no hoje as dos Inglezinhos (este diminuitivo é uma prova da afeição que se lhes consagra). Ali concorrem cada semana, e principalmente na Semana Santa muitas famílias, levadas da maneira correcta e devota

⁽¹⁾ Cyrilo - Memorias, pág. 197.

⁽²⁾ Pág. 32.

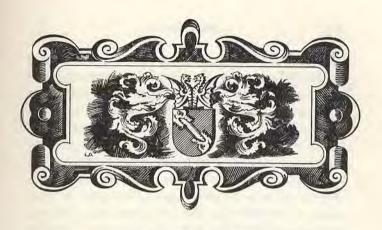
como se celebra o culto. O Colégio dos Inglesinhos timbra na observância rigorosa da liturgia; tudo lá se faz com raro primor e devoção encantadora.

Praticam-se também naquela casa todas as virtudes cristãs; o bom exemplo mantem-se como tradição nunca interrompida. É belo ver aqueles estudiosos e sizudos mancebos, vindos de tão longe, e respeitados de toda Lisboa, começarem tão cedo e tão bem o aprendisado do viver!

*

Tem para mim este Seminário inolvidáveis recordações de infância. Achando-se meus pais em
Ponta-Delgada, foi nos Inglesinhos que estreei
com o Rev. do José Ilsley a custosa ascenção da
cordilheira chamada Latim. Foi ali que principiei
a trepar pelos penedos das declinações. O Hora
horae figurava-se-me a pino! o Servus servi parecia
despenhar se-me por sobre a cabeça! Terriveis
horas de aridez curtem os pequenos antes de
avistarem os horizontes azuis das Bucólicas e da
Eneida!

Chegou pouco depois o sensato método de Lemare, passado pela cariciosa voz de meu Pai... e avistei esses horizontes.



CAPÍTULO XL

Na actual rua de S. Pedro de Alcântara, no sítio do prédio n.º 75, viam nossos pais (mas já não vemos nós, porque foi demolido e transformado) o edifício do Colégio, ou Albergue, dos Clérigos pobres.

Fundaram-no, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, Rui Correia Lucas, morgado, do Conselho de el-Rei D. João IV, Tenente General de Artilharia, e sua mulher D. Milicia da Silveira, por disposição expressa no seu testamento de 12 de Dezembro de 1651. Condoídos da pobreza de alguns Clérigos, que da província vinham a Lisboa tratar dos seus negócios, e a quem era dificil achar albergue decente e barato nas péssimas estalagens de Lisboa, determinaram fundar de seus bens um hospício, onde treze deles pudessem achar guarida temporária e sustento, obedecendo aos regula-

mentos rasoáveis e ordeiros que se lhes determinassem. Queriam os benéficos testadores que os Provinciais dos Carmelitas descalços aceitassem a obrigação, que em nome do Amor Divino se lhes impunha, de visitar ou mandar visitar anualmente o dito Recolhimento, intervindo na nomeação dos reitores, oficiais e serventes, e no provimento de sete dos Clérigos que se apresentassem para a entrada; queriam também que, sobre o provimento dos restantes seis, dessem parecer os Provinciais dos Capuchos com os Guardiões do seu convento de Santo António (ao Campo de Sant'Ana).

*

O Conselheiro de Estado José Silvestre Ribeiro, na sua obra Història dos Estabelecimentos (1), acusa os Carmelitas pela "falta de caridade e ausência de sentimentos nobres e generosos, com que se houveram" não aceitando a mencionada disposição testamentária, e diz que "para não interromperem o dolce far niente que disfrutavam, se recusaram a cumprir a vontade dos pios fundadores do Recolhimento".

Com o respeito devido a José Silvestre Ribeiro, o laborioso, o infatigável exemplo dos novos, permita-me a sua honrada memória que eu invoque os sentimentos nobres e generosos de que ele deu provas toda a vida, para não concordar em abso-

⁽¹⁾ T. II, pág. 104.

luto com a sua insinuação. José Silvestre Ribeiro, homem de 1834, mantinha talvez, no fundo do coração, pouca simpatia para com os Frades, e quero crer se deixaria levar por ela neste caso. Podemos nós por ventura apreciar sem provas os motivos que levaram os Carmelitas a essa recusa? ser lhes ja agradavel a ingerência em comum com os Capuchos? não poderia haver algum outro motivo lícito e confessavel que os manietasse, e que hoje não nos é dado avaliar? Não foi de certo, "para não interromperem o dolce far niente" que declinaram a incumbência. A ociosidade deles era o trabalho, era a prédica, era o tribunal da penitência, era a catequese oportuna, e importuna, era a fundação de casas religiosas por todo o Reino, com o abençoado cortejo de benefícios espirituais e temporais que traziam essas fundações, era a conversação dos transviados, era o estudo e a instrução pública, era a dedicação até o martírio, era enfim tudo que fazia dos Carmelitas descalcos, verdadeiros beneméritos da ideia patriótica, e da ideia religiosa. Esse é que era o seu dolce far mente.

De mais a mais, mestre, não creio que os encargos impostos pelo testamento de Rui Correia Lucas fossem pesados; limitavam-se a visitar ou mandar visitar o Recolhimento, uma vez por ano, e a intervir na nomeação dos empregados e dos asilados. Eram isso incumbências que incomodassem? não.

Portanto, se declinaram a imposição, lá tiveram suas razões, certamente plausiveis; e doi-me ver, que um carácter como o do escritor a quem respondo, amigo de meu Pai, meu amigo, e meu animador, formulasse, em hora mal humorada, essa acusação, que me parece pouco justa.

*

Fosse como fosse, o Recolhimento foi fundado, certamente com aplauso dos Carmelitas e de toda a gente. Onde? respondam os instituidores.

"Queremos, — diz o seu testamento — ordenamos, que nas casas deste vínculo, que estão defronte de S. Roque (¹), se faça um Recolhimento capaz de nele se recolherem treze Clérigos pobres, etc.

Seria talvez a morada dos dois conjuges, e eles desejavam consagrá-la a um fim útil e piedoso.

Começou-se a edificar a igreja em 18 de Abril de 1722, segundo João Baptista de Castro, isto é, setenta e um anos depois do testamento de Rui Correia Lucas; tais seriam as dificuldades na execução do legado!

:

Passado quási um século, a instituição cambaleava nos seus alicerces; não me refiro ainda ao terremoto, mas ao desleixo e desamparo moral que perseguiu a fundação.

⁽¹) Esse defronte hoje parece-nos um pouco elástico; mas naquele tempo era marcação quási certa; isto é, que estavam no lado oposto à casa professa, única balisa que o sítio tinha.

E foi então, em 1747, que, por Decreto de 14 de Dezembro, el-Rei D. João V a tomou sob sua protecção; e diz:

"Por Me ser presente que Rui Correia Lucas e sua mulher D. Milicia da Silveira, no seu testamento de mão comum, com que faleceram.... mandaram fundar nesta cidade um Recolhimento para treze Sacerdotes pobres, que, sendo naturais de outras terras, viessem a ela aos seus requerimentos e negócios; e sendo justo e conveniente que a dita instituição, tão pia e tão util, se cumpra e promova pelo melhor modo possivel, suprindo as providências intentadas, ou dadas, pelos instituidores, mas sem efeito:.... Hei por bem tomar o sobredito Recolhimento sob a minha Real protecção, e recomendar apertadamente á Mesa da Consciencia e Ordens que faça cumprir as disposições testamentárias dos ditos instituidores; e para este fim, todos os anos, pela pessoa que mais idónea lhe parecer, não sendo algum dos Ministros dela, mandará visitar o dito Recolhimento, na mesma forma que os Provinciais dos Religiosos Carmelitas descalços deveriam visitá-lo, conforme as disposições dos seus instituidores ..." etc.

A Rainha D. Maria I aprovou e confirmou os estatutos desse Colégio, por seu alvará de 19 de Dezembro de 1788.

*

Há vestigios de alguns dos Reitores, que foram, segundo Castro, Henrique Henriques de Miranda, José Galvão de Lacerda, Rodrigo de Oliveira Zagalo, e Francisco Carneiro de Araujo, subordinados ao Provedor dos Resíduos, e à Mesa da Consciência e Ordens.

Em 1755 a grande catástrofe arruinou bastante o edifício; mas reparou-se, e a frontaria ficou melhorada no seu prospecto.

*

O minucioso José Valentim de Freitas, sempre atento às transformações de Lisboa, e com quem eu me teria dado tão bem se o tivesse conhecido, deixou nuns apontamentos hoje existentes no Museu dos Arqueólogos o seguinte:

"O colégio dos Clérigos pobres ficava situado passando a travessa da Cara, indo de S. Roque, e o primeiro prédio que há na esquina, e logo era a porta de entrada para o Colégio. Seguia-se a porta da igreja, com a janela por cima, e seguiam-se outras janelas da mesma. A porta ficava ao lado, como as dos conventos de freiras, e a capela-mór ficava para o norte. A imagem tinha camarim, e a imagem da Senhora da Conceição de vulto. Passando no dia 26 de Setembro de 1858, vi que no sítio da igreja e do colégio se estava fazendo um prédio".



Hospicio dos Clérigos pobres em 1833 (segundo Gonzaga Pereira)



2/5

Por decreto de 22 de Agosto de 1853 foi suprimida a instituição, burlando-se desse modo a ultima vontade dos fundadores, como costumam sempre os governos liberais. Oito reinados sucessivos aprovaram a fundação, e colheram dela bons frutos de caridade. O Decreto de 1853, talvez mais sábio, e mais caridoso, obrigou a mão de uma Rainha virtuosa a anular o que dois séculos tinham admirado.

O que valeu foi a forma do Decreto. Suprimindo o Colégio aplicava os rendimentos do património dos instituidores à manutenção do Seminário patriarcal, ficando o mesmo Seminário obrigado a satisfazer os encargos pios do culto Divino. O edifício foi adjudicado à Misericórdia. Anos depois era transformado no prédio de aluguer, hoje n.º 75 e, cujo primeiro andar foi a ultima residência urbana do eminente e talentosíssimo José Maria Latino Coelho, o qual faleceu em Sintra, estando a ares.

*

Havia também um Hospital para Clérigos pobres, fundado por D. António Mascarenhas, falecido a 4 de Setembro de 1637, de quem trata largamente a Biblioteca Lusitana; mas não sei dizer que parentesco ou ligação tinha com o Recolhimento.

*

Existe na paroquial da Encarnação uma Irmandade dos Clérigos pobres, que nada tem que ver com o extinto Colégio de Nossa Senhora da Conceição para Clérigos pobres (1).

*

Tenho à vista os Estatutos de outra agremiação eclesiástica, estranha também à fundação de Rui Correia Lucas: a Venerável Irmandade dos Ciérigos pobres, com o título da Caridade e Protecção da Santíssima Trindade, erecta no Hospício do Clero em Santa Marta.

Já existia em 1415; o seu primeiro Estatuto é de 1452; e teve outros, até este, que é de 31 de Janeiro de 1896. Foi em 1887 que o Prior actual de Santa Engrácia, o meu amigo Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, sendo Secretário de Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca D. José III, conseguiu, com o auxílio de várias pessoas, transformar a Irmandade numa Associação de socorros mutuos. Honra seja a todos os que, por qualquer forma, auxiliem este benéfico instituto.

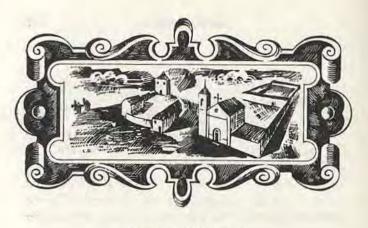
⁽¹⁾ Tado quanto deixei, ou quási tudo. é extraído da História Genealogica da C. R., T. XI, pág. 663 do Mapa de Portugal, (edição de 1870) T. III, pág. 158, da História aos estabelecimentos, T. II, pág. 101 e seg.

Mais duas notícias, que para uns serão insignificantes, mas que para outros servirão:

1.ª — O Conde de Sandomil, Fernando Xavier de Miranda Henriques, morava em 1791, como diz o *Almanaque*, a S. Pedro de Alcantara. Em que prédio?

2.ª— Na calçada de S. Pedro de Alcantara n.º 5, 1.º andar (julgo ser a rua do mesmo Santo) havia em Janeiro de 1814 anunciados para venda dezasseis paineis do Apostolado, obra do insigne Pedro Alexandrino de Carvalho. Quem os quisesse podia dirigir-se aí, em qualquer hora, a um Francisco de Paula e Matos, com quem trataria do ajuste. Onde pararão hoje? (¹).

⁽¹⁾ Vide Gazeta de Lisboa, n.º 19, de 22 de Janeiro de 1814.



CAPITULO XLI

Pouco a diante encontra-se o que outrora foi mosteiro de S. Pedro de Alcantara, e hoje é um Colégio dependente da Misericórdia. Historiemos (1).

Antes da batalha de Montes-claros, fez voto o 3.º Conde de Cantanhede e 1.º Marquês de Marialva, D. António Luís de Meneses, de erigir um convento de Religiosos Arrábidos, caso o êxito fosse favorável aos Portugueses.

Cumpriu-se o voto a 12 de Agosto de 1680; e para a nova casa, ainda resumida e mesquinha, se transferiram os monges de um pequeno hospício em que habitavam a baixo da ermida da Senhora do Alecrim, com serventia para a rua das Flores,

⁽¹⁾ Actualmente o antigo Asilo de São Pedro de Alcântara, pertença ainda da Misericórdia de Lisboa, está entregue à administração duma Ordem religiosa (Apresentação de Maria), e destina-se à educação de raparigas para serviços de assistência social. (Nota de M. S.)



Dom António Luís de Menezes 3.º Conde de Cantanhede e 1.º Marquês de Marialva



hospício visinho do palácio do mesmo Marquês, que era no sitio exacto onde estiveram os casebres do Loreto, e onde hoje vemos, com o seu monumento, a praça de Luis de Camões. Tudo isso ficou descrito no capítulo IX do volume II.

No sítio novo eram umas casas do Conde de Avintes, e outras de Marcos Rodrigues Tinoco (¹). Num desses prédios, ou nalgum outro contíguo, no lugar "onde existe grande parte do Convento de S. Pedro de Alcântara", diz Barbosa Machado, nasceu em 1558, e faleceu em 23 de Outubro de 1628, com setenta anos, D. Frei Tomé de Faria, Bispo de Targa, Coadjutor do Arcebispo D. Miguel de Castro (²).

Tanta afeição tinha ao convento o fundador, o dito Marquês de Marialva, ilustre general na guerra da Restauração, que desejou que a sua sepultura fosse aí (3); o seu coração foi levado para S. Vicente, e jaz (ou jazia; em Portugal as mudanças são tantas, que nunca se sabe que tempo dos verbos se deve empregar) junto da urna do seu amigo D. João IV, com um epitáfio em verso latino (4).

O edifício, com uma pequena igreja, abrangia o quarteirão enquadrado entre as ruas: da Rosa,

⁽¹⁾ Carvalho da Costa — Chorog., T. III. pág. 475. O mea amigo o sr. Victor Ribeiro teve a bondade de me denunciar, a pág. 327 do T. VII, e 401 do T. VIII dos Elementos do sr. Freire de Oliveira, documentos que plenamente confirmam o que aí fica.

⁽²⁾ Bibliot. Lusit., T. III, pág. 755.

⁽³⁾ Hist. Gen., T. V, pág. 282.

⁽⁴⁾ Hist. Gen., T. VII, pág. 238 e T. V. pág. 282.

pelo poente, travessa da Estrela, pelo norte, uma viela pelo nascente, comunicando esta com a actual travessa de S. Pedro (que se chamou do Sacramento), e esta travessa pelo sul. Essa tal viela, que parece não tinha denominação municipal, e media vinte e quatro varas de comprido, e quatro e meia de largo, é designada num documento de que vou falar, como atravessa que vai das casas de Marcos Rodrigues Tinoco para a rua dos Moiros»; era quási inútil, e servia de monturo, atulhada de imundícies até à altura de meia lança, e, por sinal, achava-se vedada de cancelas. (Acho graça a essa vara de medir empregada antigamente: a lança; recordação militar dos valorosos Portugueses. "Tem esta gruta — diz o Padre Cordeiro, pouco mais ou menos, descrevendo certa gruta na ilha de Santa Maria — a altura de três lanças».)

Apeteceu o Marquês ampliar o seu piedoso edifício, acrescentando-o com a capela mór que faltava ao templo; para esse acrescento necessitava ocupar a viela; pediu-a à Câmara, alegando ser de tão pouca utilidade para o povo, que quáse ninguém a transitava, tanto que se achava cancelada; e o povo tinha a rua do Teixeira, que então se prolongava mais do que hoje, e, através do que é hoje convento, ia desembocar á rua do Moinho de vento, e tinha a dos Moiros, que fazia angulo recto (como agora) com a travessa de S. Pedro, que ia dar na rua da Rosa.

O Senado mandou examinar a localidade, e, apesar de inclinado ao sim, viu-se influenciado

pelo voto do Vereador Mateus Mousinho, que optou pelo não. Os Arràbidos, dizia ele, têm praça de sobra para o seu convento e para a sua igreja, começando a edificar desde a portaria e pátio (que ainda lá está), e continuando para o nascente até à viela; não convindo à formosura do sítio que edifiquem até à rua do Moinho de vento, como de certo tencionariam.

El Rei conformou se com esta opinião (1).

Como disse, a edificação era apoucada. Marcos Rodrigues Tinoco visinho desses Frades Arrábidos, possuia umas casas aí, apenas separadas deles pela insignificante travessa; deixou-lhas em testamento. O 2.º Marquês, empenhado em favorecer a fundação paterna, requeren a concessão do terreno da dita travessa. O Rei por decreto de 16 de Julho de 1680 mandou consultar a Câmara, que deu então parecer favorável, tomando os Frades o quarteirão todo, ampliando o seu edificio, e construindo a igreja (²).

D. Veríssimo de Lancastre, Cardeal, Arcebispo de Évora, falecido a 13 de Dezembro de 1692, mandou fazer no adro um jazigo para si; quando se concluiu entrou nele, e disse para os Religiosos que o acompanhavam aquilo do Psalmista:

"Ei-la para todo sempre a minha morada; hei-de nela habitar, visto have-la escolhido" (3).

⁽¹⁾ Elementos,, T. VII, pág. 327.

⁽²⁾ Elementos., T. VIII, pág. 401.

⁽³⁾ Hæc requies mea in sæculum saeculi; hic habitaho quoniam elegi eam — Psalm., 131, 15.

Assim o conta o ilustrado autor do Gabinete histórico (1), e diz mais adiante que, tendo o jazigo sido colocado no adro, ficou dentro no recinto do templo, à entrada, pelas obras de reconstrução subsequentes a 1755, por se haverem acrescentado a este mais catorze palmos para o alpendre. O letreiro epigráfico achava-se já no tempo desse autor inteiramente gasto, e nem se conheciam as letras; mas ele se encarregou de nos dizer que podiam os curiosos achar o texto a pág. 562 da 2.ª Parte da Crónica da Provincia da Arrábida, e 299 do T. XI da História Genealógica (2).

Foi o célebre engenheiro Manuel da Maia, quem fez a casa do capítulo (3); e el-Rei D. João V quem custeou a edificação dos dormitórios; resistiram ao terremoto (1).

Sobre a porta do carro havia uma estátua de S. Pedro, por Machado de Castro (5); onde estará hoje?

De um quadro de Pedro Alexandrino, nesta igreja, representando S. João em prédica na montanha, diz Raczynski, sempre severo, que, a ser desse artista, é melhor trabalho que a maioria dos dele. O painel do altar mór não é mau, mas tudo mais não lhe merece mencionado (6).

⁽¹⁾ T. V, pág. 49.

⁽²⁾ Frei Cláudio da Conceição - Gab. hist., T. V, pág. 52.

⁽³⁾ Id. — Ibid. T. XVI, pág. 223.

⁽¹⁾ Id. - Ibid, T. XI, pág. 314

⁽⁶⁾ Cyrilo - Mem., pág. 265.

⁽⁶⁾ Les Arts en Portugal, pág. 291.



CONVENTO DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA EM 1833 (segundo Luiz Gonzaga Pereira)



"Esta igreja e convento padeceu grande ruina em o dia do terremoto — conta uma testemunha coeva: - porque tudo que se diz convento da fundação, principiando do frontispício da igreja, dormitórios, portaria, sacristia, casa do capítulo, menos o claustro, refeitório, de profundis, e cosinha, tudo se prostou e destruiu, com todos os livros e coisas pertencentes ao côro, e com a perda de bastantes pessoas. Acham-se presentemente acomodados os Religiosos em várias celas e casas do mesmo convento da reedificação moderna; e a igreja no sítio onde era a portaria do carro, debaixo de uma grande abóbada, acrescentando-se uma barraca em um pátio, que faz capela, côro, e sacristia; e aqui se fazem os actos da comunidade e funções eclesiásticas, em quanto se não conclui a reedificação fundamental» (1).

A minha Narração manuscrita narra: (2)

"A igreja dos Religiosos Capuchos Arrábidos de S. Pedro de Alcântara caíu inteiramente, e matou um Religioso leigo. De seculares morreram muitos, especialmente mulheres, por ser então o maior concurso delas".

Restaurou-se e concluiu-se o edifício como hoje o vemos.

⁽¹⁾ J. B. de Castro - Mapa, freg. da Encarnação.

⁽²⁾ Pág. 31.

Do belo livro, já citado a página 281 do meu volume I, em que o sr. Victor Ribeiro compendiou com muito trabalho e raro critério a história complexa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, vou extratar, com a devida vénia, a descrição do templo actual de S. Pedro de Alcântara:

"A entrada da igreja — diz o sr. Ribeiro — faz-se sob uma galilé de três arcos. A' mão esquerda, também debaixo da galilé, abre a portaria do Recolhimento; à direita outra porta dá acesso à riquíssima capela dos Lancastres.

"O edifício foi delineado conforme os rigores da Ordem. As paredes laterais estão cheias de confessionários metidos na parede. A igreja é pequena, mas bonita, e bastante rica em belezas artísticas. Foi restaurada em 1878. Por esta ocasião foi encarregado da decoração principal do tecto da igreja, cujo efeito de ornamentação a claro-escuro ainda hoje se admira, o hábil artista decorador Pierre Bordes, que por muitos anos trabalhou em Lisboa, onde faleceu, deixando muitas obras do género decorativo, por ele executadas, ou feitas sob a sua direcção, entre as quais sobresaem principalmente as do templo da Memória em Belém, e as pinturas da galeria que circunda a escada dos Paços do Município, em Lisboa (1).

⁽¹) Vide o livro do sr. Picotas Falcão O Municipio de Lisboa e as casas da sua Câmara, pág. 107 e seg. (Nota do sr. Ribeiro.) E o autor da Lisboa antiga acrescenta, sem temer que o taxem de exagerado: o livro do sr. Picotas

"Há na igreja de S. Pedro de Alcântara — continua o sr. Ribeiro — cinco capelas: a primária, ou principal, com duas adjacentes, no topo da igreja, e duas nas paredes laterais. A principal tem a Imagem de Nossa Senhora, e as de S. Francisco e S. Domingos; as duas capelas imediatas são de Santo António e S. José, e as laterais de S. Pedro e S. Francisco, servindo esta de capela do Santíssimo. As imagens são dignas de atenção, sendo a mais bela a do Padroeiro.

"Dos quadros, além do retábulo, notam-se dois grandes pain'éis nas paredes laterais; um, de autor desconhecido, representando a Virgem em glória; e o outro, original de António Quilard, representando a Santíssima Trindade coroando a Virgem. Quilard, discípulo de Watteau, natural de Paris, veio para Lisboa, contratado por D. João V, como pintor de flores, mas deixou muitos trabalhos em diferentes géneros, quadros, tectos, e pinturas nos coches régios de gala. Era também gravador e desenhador da Academia. Morreu em 1733.

"Na parede da esquerda, junto à tribuna, admira-se um grande quadro, que devia ter sido magnífico, e representa S. João Baptista prégando no deserto, sendo o Santo pintado por Pedro Alexandrino, um dos nossos mais célebres pintores.

Falcão é am belo estado, que dá muita glória a quem o escrevea. Hel-de no faturo referir-me largamente a essa obra difícil e segura, que tanto abona a laboriosidade e o zelo do seu esperançoso compilador.

"Em 1878, por ocasião da restauração da igreja, esteve também ali o hábil restaurador sr. Joaquim Prieto, limpando, contratelando, e arranjando vários quadros, que enumera no orçamento pela seguinte forma:

"Um quadro grande do côro, atribuido a Sampaio:

"Treze quadros do côro, com assuntos alusivos à vida de S. Pedro de Alcântara, dos quais foram alguns contratelados;

"Um do altar do Santíssimo, que foi contratelado;

"Quatro dos altares laterais, os três grandes paineis a que nos referimos, quatro da capela mór, dois dos quais se achavam bastante deteriorados, assim como a parte superior do grande quadro de Pedro Alexandrino; e finalmente o quadro do camarim, representando S. Pedro de Alcântara em glória, atribuido a Cyrillo Wolkmar Machado, muito repintado, e outro menor, que o completa.

Restaurou ao todo vinte e sete quadros. Em 1885 contratelou e restaurou mais dois quadros da capela mór, e outros....."

*

Passa o sr. Ribeiro a enumerar os retratos dos Prelados ilustres da Ordem, antigamente conservados, como em galeria, na chamada sala dos Bispos. Quando foi Provedor o conhecido Joaquim António de Aguiar, mandou-os retirar dali. Era lógico: Frades... nem pintados. Aqueles bons homens, virtuosos, honrados, tolerantes, ofuscavam-no. Oh! liberais!...

*

Abstenho-me de continuar com transcrições do notável livro do sr. Ribeiro, bom em absoluto, optimo como estreia. Ele que apresente ao leitor curioso as sepulturas, e descreva os pormenores do edifício. Glória a quem assim emprega as suas faculdades.

É de crer que o provedor actual, o sr. António Augusto Pereira de Miranda, tenha avaliado o que merece o livro deste zeloso empregado da casa, e em nome do estabelecimento que dirige lhe tenha dado provas claras, espontâneas, inequivocas, de que sabe apreciar um livro daqueles. Se honra o autor, honra muito mais o seu assunto. Como chefe, o sr. Miranda compreende-o de certo.



CAPÍTULO XLII

Da alameda e do jardim de S. Pedro de Alcântara disse já muito o meu mestre Vilhena Barbosa (1). Se o leitor o consultar verá confirmado o rifão que principia: Em casa cheia...

No entanto, sempre acrescentarei algumas bagatelas.

*

Essa grandiosa muralha, principio de uma enorme mãe de água ali projectada pelo Governo del-Rei D. João V, para abastecer por meio de uma arcaria colossal (como a de Alcântara) os Bairros orientais de Lisboa, ficou para ali limitando um recinto de terra e pedregulhos, que servia de monturo à visinhança.

⁽¹⁾ Estudos hist. e arq. - e Arq. Pitt., T. V, pág. 193 e seg.

"A muralha de S. Pedro de Alcantara — escreve um bom informador — era um depósito de animais mortos. Os moradores das ruas subjacentes requereram em 1822 para que se impedisse o lançamento de animais mortos pela muralha a baixo, o que causava um cheiro insuportável" (1).

No tabuleiro superior costumava certa Irmandade realizar uma feira, ou arraial; em 1821 já a Polícia não a autorizou, "alegando o Corregedor do Bairro alto, não só o pouco lucro que aquela corporação tirava, mas que a muralha estava embaraçada com bastante madeira e pedra, e que trabalhavam ali os cordoeiros» (2).

Quando o quartel da Polícia foi, como logo explicarei, ali próximo, no palácio dos Ludovices, os soldados encarregaram-se de limpar, desembaraçar, e terraplanar o sítio, o que deu a ideia de aí fazer um jardim.

As cavalariças das companhias de cavalos eram nuns barrações, no sítio exacto, hoje terraplanado, que faz fundo ao tabuleiro superior do jardim de S. Pedro de Alcântara, e deita sobre os empinados quintais dos prédios da rua das Taipas.

⁽¹⁾ Tinop (João Pinto Ribeiro de Carvalho) — Lisboa de outros tempos, T. II, pág. 77.

⁽²⁾ Id., ibid., pág. 76.

Era este jardim sítio muito valido de S. M. a Imperatriz D. Amélia de Beauharnais, Duquesa viúva de Bragança, como diz em 1840 um jornal lisbonense escrito em francês:

"Sua Majestade a Imperatriz — palavras do articulista — gosa excelente saude assim como sua Augusta Filha Honrou com a sua presença o Real Teatro de S. Carlos sexta-feira 6 do corrente, e vai frequentes vezes ao Passeio de S. Pedro de Alcântara, ao qual Sua Majestade é especialmente afeiçoada" (1).

Era então este Passeio, como todos ainda o conhecemos, um lindíssimo ponto entre os mais lindos de Lisboa. Dividia-se, e divide-se, em duas partes: a alameda superior, e o jardim pròpriamente dito. Em cima um bosque de frondosas árvores, muito varrido, dominando uma das vistas mais dilatadas e pitorescas de Lisboa, e orlado de uma rua larga cheia de boas casas. Em baixo um jardim à antiga, com ruas de buxo muito aparado, arbustos, um tanque maior com cascata, e outro, pequenino com repuxo. Bustos de mármore adornavam as ruas tapizadas de fina areia. Ainda lá estão.

⁽¹) S. M. l'Impératrice jouit d'une excellente santé, ainsi que son Auguste Fille. Elle honora de Sa Présence le Théatre de S. Charles, vendredi le 6 du courant, et va souvent à la promenade de S. Pedro d'Alcantara, que Sa Majesté affectionne particulièrement.

L'Abeille, de 15 de Novembro de 1840.

Recinto do maior agrado, e que parecia afastado de Lisboa muitas léguas, pelo seu silêncio e ar bucólico; sítio muito dilecto do Cupido platónico, para quem a conversação e um passeio em comum satisfazem todas as ambições. Viam-se pares afectuosos conversando, e dando largas aos seus devaneios na contemplação da Baixa e dos morros orientais. O pior foi que o parapeito de pedra tentou os suicídas, e muitos casos tristes de alucinados, atraídos pelo abismo, se contaram ao público em várias partes de polícia.

"O sr. Conselheiro Agostinho da Silva—diz em 1862 Vilhena Barbosa no indicado sítio do Archivo Pittoresco— que muitos anos se encarregou obsequiosamente da direcção d'este Passeio, foi quem conseguiu leval-o ao estado em que se acha, sem grande dispêndio do Município. Hoje é um dos mais agradaveis passeios da Cidade, muito concorrido nas tardes e noites de verão. D'ali se gosa a vista de grande parte de Lisboa e do Tejo, pois fica a 73 metros sobre o nível do rio.

"A muralha, na sua maior altura, que deita para a rua das Taipas, tem 20 metros; por isso tenta os que perdem o amor à vida, e d'ali a baixo se têem lançado muitos infelizes, mórmente depois que se fecharam os Arcos das aguas livres pelo mesmo motivo" (1).

⁽¹) Foi Castilho, na sua Revista Universal Lisbonense, quem encetou e prosseguia com tenacidade a grande campanha contra a estrada aberta por cima dos Arcos. Vencea felizmente.

\$

Em Junho de 1852 foi discutida largamente em sessão da Câmara Municipal uma proposta do Vereador Aires de Sá Nogueira, para se colocar uma grade na muralha deste jardim inferior a fim de evitar os suicídios. Foi rejeitada, mas não conheço os fundamentos da rejeição (1).

Aires de Sá, que os conhecia, e não se deu por vencido (porque a valentia não se mostra só nos campos de batalha, onde seu irmão, o Marquês, tanto se destinguiu) requereu em 7 de Julho de 1856, que, na forma das propostas por ele feitas já mais de uma vez, se mandasse colocar uma grade na muralha para evitar a continuação dos suicídios, ou se mandasse fechar o passeio (3). Parece que uma tão importante proposta devia ser logo discutida e atendida. Não o entendeu assim a Câmara, e reservou-a para ser discutida noutra sessão.

1

Nisto a opinião pública sobresaltou-se, e coadjuvou o benemérito Aires de Sá. Em sessão de 28 de Julho recebeu a Câmara um ofício do Governador Civil de Lisboa, remetendo cópias das representações dos Administradores dos Bairros alto e do Rossio, sobre a vantagem da colocação da grade sem demora para evitar os suicídios, que

⁽¹⁾ Syn. dos princ, act. adm. da C. M. de L. em 1852, pág. 43.

⁽²⁾ Ann. do Mun. de Lisb., n.º 8, pág. 58.

se tornavam epidémicos. A Camara entendeu ainda dever adiar o assunto, e resolveu ficasse a discussão para ocasião oportuna (1).

Até que enfim, em 22 de Setembro desse ano,

se mandou fazer a grade (2).

Mandou-se fazer, sim, mas não se fez.

Quatro anos andados (isto parece fábula), em 18 de Julho de 1861 o Governador Civil oficiava à Câmara ponderando-lhe a necessidade da grade de resguardo (3).

O Vereador Nuno José Severo de Carvalho apresentou, em reforço a esse oficio, em sessão de 15, proposta para se colocar sem demora

o malfadado gradeamento (1).

Passou tempo; a grade, já feita, não se colocava. Em sessão de 5 de Abril de 1864 o Vereador César de Almeida propôs aos seus colegas que se não pusesse a grade em S. Pedro de Alcantara; e a Câmara apoiou unanimemente esse parecer (5).

Entendo, como toda a gente, que na Camara de Lisboa tem havido sempre homens talentosos e sizudos; o que não percebo é o que actuou neles para essa resolução unânime. Não quero ofender as suas memórias; limito-me a dizer que não percebo.

Mas a grade a final (não sei ao certo o ano) pôs-se, e la esta; com o que, se frustaram os suicidios, que eram horrivelmente frequentes, e amo-

⁽¹⁾ Ann. do Mun. de Lisb., 1856, n.º 9, pág. 67.

⁽²⁾ Ann. do Mun. de Lisb., 1856, n.º 13, pág. 99.

⁽³⁾ Arch. Mun. de Lisb., 1861, n.º 82, pág. 648.

⁽¹⁾ Arch. Mun. de Lisb., 861, n.º 82, pág. 651.

⁽b) Arch. Mun. de Lisb., n.º 224, pág. 1788.

tinavam o senso comum; não só pelo que representavam em olvido e menoscabo da lei religiosa, mas pelo que lavravam como exemplo e sugestão.

Triunfou o honrado Aires de Sá; exultem os seus manes.

A grade custou 5166000 réis, paga em Novembro de 1866 (1).

4

Naquele sítio da alameda superior, desde o parapeito do Passeio até um chafariz que ali houve, defronte dessa copada e chilreada alameda, pelo sítio onde tinham sido os barracões da cavalaria da Polícia, concedeu a Câmara, em Junho de 1851, licença ao Asilo de mendicidade para colocar e alugar cadeiras aos transeuntes, que nas noites de verão eram numerosos(2). Não me lembro disso, e creio que as falanges da moda não animaram a ideia.

Passados poucos anos, desejou a Sociedade promotora das Belas-Artes em Portugal levantar aí um elegante edificio para as suas exposições anuais. O sítio era bem escolhido, central, desafogado, com luz do norte, e todos os mais requisitos. Em sessão da Câmara de 22 de Novembro de 1866 o Vereador Vaz Rans apresentou proposta no sentido indicado. A Câmara mandou informar a sua repartição técnica (3).

⁽¹⁾ Arch. Mun. de Lisb., 1866, n.º 360, pág. 2.909.

⁽²⁾ Syn. dos princ. act. adm. da C. M. de L. em 1851. pág. 15.

⁽³⁾ Arch. Mun. de Lish., 1866, n.º 362, pág. 2.922.

Não sei o resultado; vejo porém que nada se fez. Não há aí esse projectado pavilhão de Belas-Artes, mas em compensação há um terreiro inutil. Paciência.

Pois não ficava ali tão bem, ao topo da alameda superior, um bonito pavilhão envidraçadon o tecto, com bons salões e boa luz, com uma bela frontaria adornada de estátuas e medalhões de grandes artistas, convidativo a todo o público, e exposição perene de obras de profissionais e de amadores?

Nada mais útil e interessante do que o certame dos talentos. Essas mesmas salas adornadas de quadros celebrariam de vez em quando concertos, conferências, recitações, leituras. Tudo isso prende, estimula, civiliza.

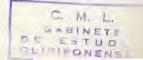
O mais difícil estaria, me parece, em começar.



CAPÍTULO XLII

A alameda superior também foi aformoseada em 1863 com uma grade. Tomou a empreitada dela António Candido da Encarnação, serralheiro, pelo preço de 86 réis cada quilograma de ferro, em 28 de Maio do dito ano (¹).

Aí algures desejou o talentoso Veríssimo Alves Pereira se colocasse, para uso e regalo do público, uma meridiana de sua invenção, que, pelo toque de uma grande campainha, anunciasse o sol no zenith. Para isso oficiou à Câmara em 27 de Novembro de 1866 (²). Em sessão de 13 de Dezembro seguinte a mesa apresentou em sessão o parecer favorável da repartição técnica, e resolveu comprar a meridiana ao inventor por 365000 réis, e colocá-la. Não me lembro de a ter visto (³).



⁽¹⁾ Arch. Mun. de Lisb., 1863, n.º 180, pág. 1.436.

⁽²⁾ Arch. Mun. de Lisb., 1866, n.º 363, pág. 2,930.

⁽³⁾ Arch. Mun. de Lisb., 1866, n.º 365, pág. 2.946.



Vista tirada do jardim de S. Pedro de Alcântara em 1845

T. M. L.

O prospecto que se gosa deste jardim para a banda do nascente é dos mais formosos, dos mais extensos, dos mais acidentados e grandiosos, que o forasteiro pode admirar. É o pano de fundo mais pitoresco da Capital, e parece estéticamente calculado para a impressão artística.

Apresento ao estudioso a reprodução de uma litografia portuguesa, assinada por Sousa e Barreto (que não sei quem eram). Saiu em Março de 1845; representa a Cidade de então, mas (com algumas diferenças) ainda hoje nos mostra nas suas linhas gerais a vista actual.

Nos bonitos primeiros planos negreja o arvoredo da quinta dos Marqueses de Castelo-Melhor, que todos vimos devastar, e em cujo sítio se erguem hote o Avenida Palace Hotel, a monstruosa estação pseudo-manuelina do caminho de ferro, etc. O palácio, desenho de Fabri, e que neste momento (Marco de 1903) pertence por compra ao sr. Marquês da Foz, e está sendo banalizado e deturpado com uma série de lojas ao rez da rua, esse fica encoberto. A esquerda da estampa, em baixo, abre-se o largo do Passeio público (hoje praça dos Restauradores); lá vai, a caminho do Rossio, uma das antigas seges de boleia. Logo a diante rompe-se o Rossio, onde avulta o teatro em construção. Espreita-nos a fachada de S. Domingos; lá no fim, na extrema direita, recortam-se as torres da Sé, e daí vai-se levantando o anfiteatro dos sítios de S. Cristóvão, S. Lourenço, e Costa do Castelo, desde a bateria até à muralha da antiga torre e porta de S. Lourenço. A linha recta da Outra-banda do rio equilibra as linhas montuosas do quadro, e responde com a nota azul do Tejo ao verde do bosque e ao claro-escuro da casaria.

Repito: é um lindo trecho da paisagem lisbonense; não o pude omitir no meu cosmorama.

*

Uma fonte antiga jorrava as suas refrigerantes linfas aí ao-pé; era da Câmara, por ter esta comprado a água, o terreno, e o telheiro que a abrigava (1).

Aí se construiu por 1740 um chafariz novo, que, não sei por que motivos, atraiu as satíricas catorze chicotadas de um Soneto anónimo (2).

⁽¹⁾ Cartório da C. M. de L.-Livro 1.º de compras, fl. 182. (2) A fls. 115 do cod. mss. M-3-40 da Bibl. Nac. de Lisboa intitulado Sonetos a vários assuntos escritos no ano de 1740. Comunicação do med velho amigo o Dr. Xavier da Cunha. Foi nomeado Segundo Conservador da Biblioteca por decreto de 18 de Novembro de 1886, depois de concurso, e não em virtude do compadrio. Pela reforma perpetrada pelo decreto de 29 de Dezembro de 1887 ficou classificado como Conservador. Pela nova reforma de 24 de Dezembro de 1901 foi qualificado Primeiro Conservador. E áltimamente, por decreto de 27 de Novembro de 1902, foi elevado a Director do mesmo estabelecimento. A nomeação do Dr. Xavier da Cunha foi aplaudida de todos. Em quanto plamos, pelas últimas reformas, entrarem empregados, altos e baixos, pela janela, sem concursos, sem habilitações técnicas, e sem precedentes, este novo Director entroa

Como as obras em Lisboa nunca sabem correr pela posta, só em 8 de Setembro de 1745 começaram as cinco bicas desta nova Fontana di Trevi a correr e a satisfazer a galegagem (¹). Era, diz o autor donde tiro essa notícia, defronte da igreja do convento de S. Pedro de Alcantara, "no grande terrapleno que ali se ampliou" (o terreiro tão justamente ambicionado pela Sociedade promotora das Belas Artes); e a água vinha encanada desde o chafariz de Campolide,

::

O lindo tanque actual, colocado aí há poucos anos, pertenceu à quinta Real da Bemposta (2).

2

Logo a diante do convento de S. Pedro de Alcântara, na esquina setentrional da travessa da Estrela, todos conhecemos um palacete moderno de sobreloja e 1.º andar muito alto, pertencente ao sr. Marquês da Praia e de Monforte, e onde morou alguns anos o falecido Conselheiro Anselmo José

de cabeça erguida, entrou pela porta, entrou em virtude de um concurso documental, oral, e escrito, entrou munido de alta instrução profissional, e dando desde o princípio toda a garantia do bom desempenho do seu cargo.

⁽¹) Castro — Mapa — T. III. pág. 157, freg. da Encarnação. (²) Outros informes sobre esta Alameda e Jardim de São Pedro de Alcântara se podem ver na nossa obra «Depois do Terremoto», a págs. 384 a 393 do volume 4.º. (Nota de M. S.)

Braamcamp, honrado homem, chefe do partido chamado progressista. Aí teve esse ilustre Ministro um incêndio, na madrugada de 4 de Julho de 1880, em que perdeu todas as suas ricas alfaias, mandando salvar primeiro que tudo, em quanto foi tempo, os papeis oficiais; no que, deu mais uma prova da sua abnegação.

Entre as irreparáveis perdas devo mencionar, com muita pena, um retrato grande, corpo inteiro, de seu notável avô José Francisco Braamcamp de Almeida Castel Branco, pintado por Sequeira. Perda lamentável para a Arte nacional!

Já me referi a essa pintura na pág. 71 deste volume.

*

A próxima travessa da Estrela tem uma nobilitação: aí morou, e aí faleceu, a grande e simpática Luisa de Aguiar Todi, no 1.º de Outubro de 1833, segundo diz José Ribeiro Guimarães na biografia da diva. Se o nome da travessa não fosse anterior, poderia um lírico aplicar-lho desde aquele ano: ali raiou, ali teve o seu ocaso, uma verdadeira Estrela das artes cénicas.

*

Pouco a cima, já na rua do Moinho de Vento (hoje de D. Pedro V, não se sabe bem porquê) esquina da rua da Rosa, encontrava-se o palacete abarracado, e de singelíssima aparência, da família Salema, com uma ermida sobre a dita rua da Rosa.

Ignoro a fundação de ambas. Tudo desapareceu por 1883, se não me engano, alargando-se a rua, e rolando-se de casas novas.

Já porém esta sensata ideia de alargamento reinava em 1880. Em 5 de Julho o Vereador Alves instou pela conclusão (1).

Uma noticia interessante reclama aqui o seu cabimento.

No palácio hoje n.ºs 70 a 92 morou o Conde Raczynski, Ministro de Prússia em Lisboa, chegado a esta Capital a 13 de Maio de 1842, segundo colhi no jornal L'Abeille (2).

Nesta casa pois reuniu ele os numerosos apontamentos para as suas importantes obras de crítica artística dedicadas a Portugal.

O tecto de uma das salas era pintura de João Tomás da Fonseca, nascido em 1754, pai do distintíssimo artista António Manuel da Fonseca, falecido em fins de 1890 (3).

Quanto aos trabalhos do Conde A. Raczynski, direi, sem presunções a juíz, o que penso.

Gosto de dois livros dele consagrados a nós: as Cartas, e o Dicionário. Tenho-os lido, manuseado, e até anotado para meu uso. Lisonjeia o nosso patriotismo ver como um estrangeiro estuda os nossos costumes, esquadrinha os nossos haveres, examina as nossas produções, com

⁽¹⁾ Arch. Mun. de Lisb. - 1880 - pág. 388.

⁽²⁾ De 1 de Janho seguinte. E di-lo ele próprio.

⁽³⁾ Raczynski — Dictionn.

seriedade, com gravidade sempre distinta, e auxiliado de estudos prévios perfeitamente dirigidos. Não nos caricaturou; não aproveitou a nossa hospitalidade para nos insultar de torna viagem.

Não sei o que fosse em Portugal o papel político deste diplomata. A julgar pelo que investigou no campo artístico, admiram-se os altos predicados do investigador. Devia ser um laborioso e incancavel sujeito! pelo muito que pesquisou no nosso campo artístico, então quási por desbravar, dir-se ia ter vindo à Península, comissionado pelo seu Governo, para estudar as nossas Artes; e vê-se não ter perdido tempo, nem ocasiões de se ilustrar. O seu prólogo é datada de 6 de Dezembro de 1843, quando havia apenas ano e meio que o autor se achava entre nós, isto é, num mundo novo, entre costumes estranhos, entre gente em geral pouco bem informada. É pasmoso o que a actividade e sagacidade conseguiram em tão pouco tempo.

Serve essa circunstância para desculpar levezas nas apreciações, altibaixos de crítica, flutuações de opinião, reconsiderações, severidades injustas. Ninguém faria mais do que fez Raczynski; e os seus livros são, depois dos sérios mas incompletos estudos de Wolkmar Machado e Taborda, o que temos melhor no género, como conjunto.

Se este escritor tem a embocadura feliz para julgar assuntos de pintura, falta-lhe, porém, quanto a mim, um certo calor, sem o qual o julgamento nos não impressiona. Raczynski observa, mas raramente contempla; os seus periodos acabam no tom peremptório do ponto final, e nunca vibram como o ponto de admiração. Temperamento, ou estudo; não sei decidir.

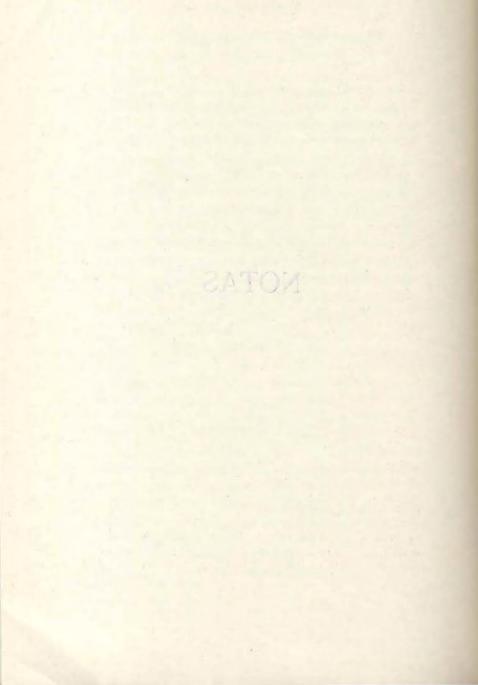
Raczynski é guia valioso, mas não infalível. Sabe muito, mas creio que sente pouco. Ora em Arte o sentimento é muitíssimo, se não é quáse tudo.

Não pareça isto que digo acintosa crítica às suas críticas. Reconheço afoito o que nos deu, e lhe ficamos devendo; reconheço e assinalo, a medo e de passagem, as suas faltas, ou isso que como tal se me figura; e, a despeito dessas leves máculas, reconheço também, e digo o bem alto, que os livros do Conde Raczynski foram, sempre que se trata de apreciações artísticas, um dos subsídios melhores das minhas pesquisas.

FIM DO VOLUME III

policies as the source of the

NOTAS



NOTA I - PAG. 54

ANSELMO JOSÉ DA CRUZ SOBRAL

«Anselmo José da Cruz tinha viveza, e sabia do comércio; porém o que ele sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em todas as ocasiões que se lhe ofereciam de promover o seu interesse. Já disse como ele entrou no Contrato do Tabaco, conservando-se chefe do mesmo emquanto foi vivo, não obstante ter sido obrigado por vezes a largar quinhões a outros validos, como Quintela, João Ferreira, e Jacinto Fernandes Bandeira; quinhões que estes dois últimos transferiram a seus herdeiros, assim como Machado e Caldas aos seus, e o mesmo Anselmo a seu genro Braamcamp.

"Além da administração do referido Contrato do Tabaco, pela qual lhe eram abonados anualmente para cima de 100.000 cruzados, a titulo de despesas ocultas, de que não era obrigado a dar conta, fazia um grande comércio particular, emquanto os irmãos estiveram no Erário, por meio de cuja influência obtinha prontos pagamentos de tudo o que metia por si, ou por interpostas pessoas, nos Arsenais Régios; e o mesmo lhe acontecia com os trigos que mandava vir de fora, achando no Terreiro preferência de lugares, e mais pronta saída.

«Como, por falecimento de Joaquim Inácio, recaisse a Inspecção das Obras Publicas em Anselmo José da Cruz, veio este a ser encarregado da obra do Convento do Coração de Jesus, no sítio da Estrela, que ouvi ter custado 5 milhões de cruzados; e pelo zelo que mostrou no desempenho desta obra lhe fez a Rainha N. S. a mercê da Carta do Conselho, e de todas as madeiras que ficaram, e haviam servido aos andaimos, e que eram tantas, que no tempo se disse terem quasi chegado para a construção das numerosas propriedades de casas que ele edificou, e formam o grande quadrado isolado entre o Chiado, rua de S. Francisco e rua Nova do Almada.»

Ratton - «Recordações».

NOTA II - PÁG. 67

PRUSSIA E HOLANDA

Apontamentos oferecidos ao meu amigo o sr. Visconde de Castilho

«Frederico Guilherme, o grande Eleitor, visitou aos quatorze anos as universidades holandezas. Viu aí o que pode um povo valente e firme, apesar de pequeno, debaixo de um governo sábio. Os Holandezes tinham-se libertado do jugo espanhol, e agricultura, comércio e indústria floresciam entre este povo extraordinariamente trabalhador. O Statthalder, futuro sogro de Frederico Guilherme, estimava muito o jovem Principe, pelo seu génio conciencioso e aplicado.

«Em 1640, aos vinte anos de idade, tomou este posse dos seus estados, entre eles o Ducado de Clèves, fronteiriço à Holanda, e encorporado aos estados de Brandenburgo pelo Eleitor João Segismundo (1608-1619). Encontrou tudo numa situação desgraçada, devida principalmente à guerra dos trinta anos. O bem-estar material estava profundamente desorganisado; distritos inteiros completamente arruinados; o Condado de Ruppin, por exemplo, de 32 milhas quadradas, tinha só quatro miseráveis aldeias; Berlim tinha seis mil habitantes; e em Prenzlau, cidade de setecentas casas, havia só cem habitadas. A moralidade e a educação do povo tinham padecido muito com aquela horrorosa guerra.

«Tratou o novo Eleitor primeiramente de levantar a agricultura. Holandezes chamados por esse Principe, e auxiliados por ele, estabeleceram-se nas margens do Havel, nas planícies do Oder e do Warthe. Eram mestres na arte de enxugar pantanos, e aproveita-los á cultura; a sua forma do tratamento das vacas tornou-se modelo. A nobre esposa do Eleitor, Luisa Henriqueta de Oranje, Princeza holandeza, estabeleceu em Oranienburg uma lavoira modelo.

"Para levantar o comércio mandou Frederico Guilherme construir o canal a que deu o seu nome, trabalho de seis anos, em que devem também ter-se empregado Holandezes.

«Estabeleceu na costa ocidental africana — Guiné — uma colónia, e mandou construir nove naus, de vinte a quarenta canhões. Tanto na construção como no manejo dos navios empregou certamente Holandezes, e entrou sem dúvida em contrato com Portugal. O porto de Emden, separado da Holanda só pelo pequeno golfo de Dollart, era o empório do comércio com o ultramar.

«Faleceu Frederico em 1688.

"Durante os reinados de seu filho Frederico (1.º Rei em Prússia desde 1701), amador e protector de artes e ciências, em que os Holandezes era eximios, e de seu neto Frederico Guilherme I (1713-1740), excelente administrador e organisador, não terão perdido a influência na novel Monarquia Prussiana os Holandezes atraidos pelo Grande Eleitor.

«Frederico II, o Grande (1740-1786), que se viu a braços com a primeira guerra da Silésia (1740-1742), mal tinha subido ao trono, e pouco depois com a segunda guerra da mesma Silésia (1744-1745), tinha onze anos de paz antes de começar a guerra dos sete anos. Este grande Rei atraiu ao seu serviço muitos estrangeiros notáveis; tinha mesmo um fraco pronunciado, e muitas vezes demonstrado, para com as pessoas e coisas estrangeiras. (Vide Gæthe Da minha vida, Livro VII e XI).

«Creio que estes apontamentos deixam adivinhar por que em 1750 um Holandez era Ministro de Prússía em Lisboa.

IC DE

NOTA III - PAG. 218

BOCAGE

O retrato de Bocage aqui reproduzido tem história.

Passava eu na manhã de 3 de Abril de 1889 pela rua do Vigário, em Alfama, vindo da estação de Santa Apolónia, pois morava na quinta de S. Bento, nos Olivais, quando reparei em que, ao fundo da miseravel loja de um prédio, na qual trabalhava um pobre velho sapateiro, pendia de um prego uma gravura esfarrapada. Olhei, e vi Bocage! Não resisti, entrei, e perguntei ao velho por quanto me quereria vender aquele retrato.

- Vender eu isso? tinha que ver! então de que vale esse farrapo?
- Vale pouco para vossemecê, pelo estado a que o deixaram chegar; mas para mim vale, por ser a figura de um grande Poeta, Vossemecê sabe o que é um Poeta?
 - Sei, meu senhor; é um homem que bota cantigas.
 - Sim, pouco mais ou menos.
 - Este sujeito, dizem que era muito divertido.
- Era, e muito infeliz também. Faz-me dó ve-lo mal estimado, até depois de morto, e desejo compra-lo.
- Pois não o compra, não senhor; se o quer leve-o, que a mim tanto se me dá como se me deu.

Rudeza franca, de quem quer sinceramente obsequiar, e ignora as fórmulas banais.

E eu pensava com Lafontaine:

... le moindre grain de mil Ferait bien mieux ton affaire.

Insisti, mas o bom homem venceu, e obrigou-me a levar a gravura. Daí a dias tornei a passar, e ofereci ao deslumbrado oferente uma porção de estampas vulgares, coloridas com muito encarnado, azul, e verde, que o deixaram satisfeitissimo do presente, e a mim também. Lavei o meu pobre Manuel Maria, já sem margens, purifiquei-o segundo as regras da restauração das gravuras (arte em que sou exímio), espelhei-o noutro papel grande, dei a tudo, com café, um tom antigo, e de outra igual gravura da Biblioteca tive arte de copiar os dizeres que faltavam, e que são estes:

A esquerda: Henrique Jozé da Silva del, A direita: Francisco Bartolozzi R. A. sculp. Em baixo: Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicada ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr, Antonio de Araujo d'Azevedo Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra Por seu Obrigadissimo, e mais atento servidor Henrique Jozé da S.^a

Agora este retrato autêntico do grande Bardo, devidamente estimadissimo, pende (entre muitos outros intelectuaes) na parede do meu escritório.

Haben sua fata...

Quem o vê, jura que é um bonito exemplar, cuidadosamente conservado, da célebra gravura; ufano-me com a minha perícia em consertar farrapos. Também, é a única prenda de que me orgulho.

Com tudo que sucedeu, e conto aqui, folgou a sombra de Elmano, folgou a de Henrino, folgou a de Bartolozzi, folgou o sapateiro, e folgo eu.

NOTA IV - PÁG. 221

BARTOLOZZI

O retrato de Bartolozzi também merece duas palavras. A figura do grande artista pintada por P. Violet, foi gravada em cobre pelo notável Jacques Bouilliard; primorosamente tratada, no conjunto e nos pormenores. É apenas o busto em perfil, farta gravata, casaca á Directorio, cabeleira

com rabicho, cujas fitas pretas destacam no fundo, emoldurado numa elipse muito singela. A elipse firma-se numa base, em que se vé um baixo-relevo alegórico. Vou tentar interpreta-lo.

A esquerda, sobre um colchão de nuvens jaz o Tempo, meio adormecido. Vários Génios da Arte erigiram um obelisco em honra de Bartolozzi, onde um lhe está escrevendo o nome; os brados dos companheiros acordam o desdenhoso Tempo, a quem um apresenta o monograma do artista, e parece dizer-lhe: «Surge! levanta-te! não o esqueças! é ele! é Bartolozzi». Aqueles trazem corôas; aquel'outro ostenta na mão a serpe enroscada, símbolo da Eternidade, e firma-se sobre tres volumes de gravuras do mestre, aos quais se encosta uma mulher meditando, com a palheta na mão. Uma Ninfa lança água ás mãos de outra Ninfa, como mostrando a pureza da intenção moral do artista verdadeiro.

Na parte inferior da gravura lê-se:

A esquerda: P. Violet. Pinx, a direita: J. Bouilliard. Sculpt. Ao meio: Franciscus Bartolozzi | Florentiæ natus 25. die 7. bris 1728 | Publish'd 1. Jully 1797 by J. Bouilliard. London. A Paris chez l'Auteur, rue S. Thomas d'Enfer, Division des Thermes, N. 23 & 720.

Desta gravura me ofereceu em 17 de Abril de 1903 o meu velho amigo Julio Carlos Mardel de Arriaga um esplêndido exemplar, trocando-o pela minha cópia á pena; bilha de azeite... a dele; bilha de leite... a minha.

Traços firmes, leves, claro-escuro bem entendido, e muito vulto.

A respeito do grande mestre, Florentino pelo berço, Portuguez pela campa, e cujas obras, revelando consumada mestria, tão belas são no relevo e na côr, diz Cirilo ter sido discípulo de Wagner (o não menos ilustre José Wagner, nascido em Thalendorf em 1705, domiciliado em Veneza, autor de chapas de primeira ordem reproduzindo Paulo Veronez, Bento Lutti, Carlos Vanloo, Antonio Balestra, Sebastião Ricci, etc.), ter passado a Londres em 1762, ter sido contratado para Lisboa em 1802 por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, e ter regido cá uma aula de gravura.

A certidão obituaria, de que me transmitiu cópia, a meu pedido, o meu bom e respeitável amigo o Rev. do Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, actual Prior encomendado de Santa Isabel, resa assim:

«SANTA ISABEL.

"Do liv, 9.º dos obitos da freguesia de Santa Isabel de Lisboa consta a fl. 48 o seguinte termo:

«Em os sete dias do mez de Março de mil oito centos e quinze annos, na rua de Santa Quiteria desta freguesia de Santa Isabel falleceu com os Sacramentos Francisco Barto-Lozi, casado com Luzia Bartolozi, ficou-lhe hum filho e foi sepultado, digo e fez testamento na nota do Tabalião Isi-doro Manuel de Passos ficou por seu testamenteiro Francisco Thomaz Mendanha foi sepultado no Carneiro d'esta Igreja de que fiz este termo. O C.ºr José Glz. Ferr.ª — Á margem do assento lê-se a lápis celebre gravador, o que julgo ser da letra do D.r J. Maximo, meu antecessor. — E nada mais contem o referido termo. — Lisboa, Santa Isabel, 19 de Abril de 1903. — O Prior — João Adelino Monteiro Vacondeus.»

Pergunto:

- 1.º Onde pára hoje esse cartório do tabelião Passos?
- 2.º Não seria interessanţe conhecer as últimas vontades do honrado e benemérito gravador?
 - 3.º Luzia Bartolozzi era italiana, ou portugueza?
 - 4.º Que fim levou?
- 5.º Que nome teve o filho desse matrimónio? até que anos viveu? que fez neste mundo?
- 6.º Quem era o Mendanha, certamente amigo intimo, a quem coube a testamentaria?

Oxalá possa alguem esclarecer-me!

Description of white and of the property of the party of

NOVO RETOQUE

AO VOLUME I

A respeito de Manuel de Andrade, administrador do prazo da Cabeça de Clérigo, e mencionado a pág. 66, acrescentarei o seguinte:

Manuel de Andrade era filho legítimo de Manuel Gonçalves (ou Gonçalves de Andrade), e de Maria de Andrade; neto paterno de Francisco de Andrade Manuel, e de sua mulher Maria Vaz; materno de Manuel Fernandes Velho e de sua mulher Leonor de Andrade, todos de vila de Monsanto; cristão velho dos quatro costados, sem raça de moiro, judeu, ou mulato; pertencia a uma das principais famílias da vila, e no seu sangue havia Juizes, Vereadores, Almotacés, Irmãos da Misericórdia, etc.

Tudo consta de uma inquirição de testemunhas, cujo traslado foi passado por Domingos Pires de Mendonça, Tabelião público do judicial e notas de Monsanto em 26 de Fevereiro de 1735.

NOVO REFOORE

T BETTER ON

Sheets de Antonies de Maniero de Maniero de Sanciel Congalyce (on fragraises de Antonies de Antonies de Maniero Antonies may patente de Francies de Antonie de Maniero es de una mayor de les majores frances de Antonies de Maniero de una de Maniero de Maniero de Maniero de Antonies de Maniero de una de maties, della de qualitata particular de masse des quantificio francies de vida de la como acua de masse des particular de Maniero de vida, e ao um acua de la comdita particular de Maniero de vida de la com-

Tiple country to man impairing the termination of the second of the seco

RETOQUES

AO VOLUME II

Pág. 266

Bernardo de Vasconcelos e Sousa não foi Conde de Castelo Melhor, mas sim filho do 2.º Conde.

Pág. 103

A respeito do palácio do páteo do Torel, hoje desaparecido o transformado, ocorre-me o seguinte:

Já no tempo d'el-Rei D. João V encontro em Portugal gente com esse apelido francês (derivado talvez do italiano *Torelli*); a saber:

José Antonio Thorel, filho de Marcos António Thorel, e de D. Joanna Francisca da Cunha. — 3 de Setembro de 1723 (Torre do Tombo, Habilitações na Ordem de Cristo, Letra I, Masso 102, n.º 36).

Francisco Xavier da Cunha Thorel, provavelmente irmão do antecedente, e Protonotário Patriarcal da santa Egreja de Lisboa. Bilhete para pagar os novos direitos da carta de Conselho — Ajuda 8 de Junho de

1779 (Torre do Tombo, Documentos do Ministério do Reino, Decretos, pasta 32, n.º 26; comunicação do meu amigo José Ramos Coelho).

Francisco António Thorel e seu irmão João Caetano Thorel, criados Cavaleiros na Ordem de Christo. O pai e os avós paternos eram franceses, naturais de Rouen; não aparecem mencionados no requerimento dos suplicantes, que alegam que, havendo dificuldade em fazer as inquirições em França, desejam dispensa delas. Foilhes concedida por despacho de 23 de Novembro de 1728. (Torre do Tombo, Habil. na O. de C. — F. 34, 30). Os requerentes afirmam acharem-se habilitados pelo Patriarcado de Lisboa e pelo Desembargo do Paço.

No palácio do pateo do Thorel habitou o Dezembargador do Paço Francisco de Abreu Pereira de Meneses, e aí faleceu. Nas tardes de 30 e 31 de Maio de 1815 havia de proceder-se ao leilão dos seus moveis, e das bestas das suas carruagens (Gazeta de Lisboa, n.º 123, de 27 de Maio de 1815). O leilão continuava a 6 de Junho, a aí se viam trastes preciosos e antigos, e livros. Gazeta, n.º 131, de 6 de Junho de 1815).

Este palácio pertenceu á família Sanches de Baêna; aí morava em 1737 o infeliz D. Luiz Francisco d'Assis Sanches de Baêna; e, muitos anos depois, foi aforado pelos herdeiros dele á família dos Mendoças, por 200\$000 réis, quantia que antes do aforamento pagavam de aluguer.

Além de outros prédios, já referidos na 1.ª edição dos outros volumes da *Lisboa Antiga*, possuiam os Sanches de Baêna em Palma de cima, junto a Lisboa, a quinta e ermida de Nossa Senhora de Nazaré, cabeça de um morgado instituído por Bento de Baêna Sanches,

irmão segundo do Doutor e Desembargador do Paço João Sanches de Baêna. Tinha este vínculo por absoluta condição usarem os seus sucessores os apelidos e armas de Sanches, Baêna, e Farinha, o que cumpriram, até á extincção dos morgados, os paes e avós de D. Francisco de Assis e Almeida que ha poucos ainda possuia esta quinta dos seus descendentes, por ele comprada depois de ter saído da linha dos representantes. Era casado D. Francisco com a respeitavel e virtuosa senhora D. Carlota Ferreira, e têm numerosa e ilustre descendência.

O muito notável João Sanches de Baêna, um dos restauradores de 1640, é hoje representado pelo meu dilecto amigo o Visconde de Sanches de Baêna.

PÁG. 104

André Rodrigues da Costa Barros foi Familiar do Santo Ofício (Torre do Tombo, Familiares, M. 8, 136); aí deve encontrar-se, se a alguem interessar conhece-la, a sua descendência.

Pág. 250

A filha de João da Nova chamava-se Joana de Alvim, como se vê na pág. 251, e não Leonor, como saiu por engano a pág. 250.

Aller at bottom entitled it at least a part of the second of the second

RETOQUES

AO VOLUME III

Pág. 35

Joaquim Ignácio da Cruz Sobral faleceu a 25 de Maio de 1781.

Pág. 83

O 3.º Conde de Ficalho, Francisco de Melo, falecen a 19 de Abril de 1903; homem de elevados dotes intelectuais, que empregou sempre em bem do seu País, como Lente da Escola Politécnica, Par do Reino, Gentil-homem, Mordomo mor, Conselheiro de Estado, e Embaixador; servidor honrado e dedicadissimo de seus Reais Amos. A sua morte, sentida de todas as classes, deixou nas falanges aristocráticas um vácuo difícil de preencher. Paz á sua alma, e honra á sua memória.

Pág. 97

Em vez de Ernesto Jorge, leia-se Ernesto George, que é a grafia desse apelido alemão.

RETOQUES

ATT TO TO TO THE

THE STATE

Loquin i nivio de Com S had falonce a 25 de

68 379

on the Alexi de 1601; in ment de clavadon dout intelesnade, que ampre en sinura em less de sen I'il., como tente, que ampre en sinura em less de sen I'il., como tente, la lescota Politicador, I'ar de Reino Gentilipoquen, Marciano men. Comulado de Reinio, e Tanbairador, precidar francisto e desir all semo de sens Recin Amor. A em mente, sentida de todas as casas en Recin cos fringes desirantimas um valum dificil de promcina Play I sua abra, e homa il sua samedora.

Pic. Or

The cer in Francis Jerge, bit, as arrests Compocine & a reads, there existing a lender.

INDICES

PADICIS

A

	Págs.
Abarracamento de Peniche-Rua do-Origem dessa	
denominação	272
Abrantes - P.º M.º António Baptista - Auxiliou	
muito a bela livraria do convento de Jesus	281
Abreu de Freitas — Luís de — Sócio da Academia	
dos Ilustrados	202
Academia dos Ilustrados. Seu princípio e suas re-	
uniões	201 e seg.
Academia Real de Fortificação. Esteve estabelecida	
no palácio do Calhariz	151
Academia Real das Ciências. Alojou-se no palácio	
Sobral	86
— Uma sua curiosa alfaia, hoje desaparecida	90
— Uma sua sessão em 1812	90
- Tinha um Museu e Gabinete	92
- Quando saiu do palácio Sobral, e para onde	
passou	92
- Acha-se no extinto convento de Jesus	274
- Dispersa aos quatro pontos cardeais o Museu	
do P. Mayne	292 e seg.
- A nova sala das suas sessões foi inaugurada	
em 1872	298
A sua tipografia, fundada em 1780, existe	298
Adro dos Caetanos. Demolido em 1837	268
Adro de Jesus. O antigo desapareceu	276
Adro das Mercês. Demolido em 1835	197
Afonso - Cardeal Infante D Arcebispo de Lis-	
boa. Menção de um seu retrato	119
Agnus Dei, O que é	119

	Págs.
Aguiar - Manuel José de - Construiu um prédio	-
aos Poiais de S. Bento em 1760	320
Ajuda. Vide Paço velho da Ajuda.	
Ala. Vide Santos Ala (João dos).	
Alagoa. Quinta em Carcavelos	12
Alamo. Vide Rodrigues do Alamo (Diogo).	
Albuquerque de Mesquita Lobo e Ribafria. Vide	
Saldanha de Albuquerque de Mesquita Lobo	
e Ribafria (António de).	
Alcochete. Vide Barão de Alcochete - Visconde de	
Alcochete.	
Alfarrabio. Donde provém esse nome	254
Almeida. Vide Baroneza de Almeida - Tolentino	
de Almeida (Nicolau) - Vaz de Almeida	
Martim).	
Almeida — António de — Irmão de Martim Vaz de	
Almeida	66
Almeida — César de — Quando Vereador, opos-se	
à grade de S. Pedro de Alcântara	347
Almeida — D. Jorge de — Arcebispo de Lisboa.	200
Menção de um seu retrato	119
Almeida - D. Tomás de - 1.º Patriarca de Lis-	1
boa, Reedificador da quinta da Mitra	115
Almeida Cardoso. Vide Barbosa de Figueiredo de	
Almeida Cardoso (Thomé).	
Almeida Castelo Branco. Vide Braamcamp de Al-	
meida Castelo Branco (Geraldo Venceslau) —	
Braamcamp do Sobral de Almeida Castelo	
Branco (Hermano José) — Braamcamp de Al-	
meida Castelo Branco (José Francisco) -	
Braamcamp de Almeida Castelo Branco	
(D. Maria Clara).	
Almeida Castelo Branco — Manuel de — Brigadeiro.	
Biografia desse ilustre militar 66 e	67
Almeida Garrett, Vide Visconde de Almeida Garrett.	0
Almeida Manuel de Vilhena — D. Tomás de — Foi	
Presidente da Associação da mocidade católica	165
the state of the s	41,46,66

	Págs.
Almeirim. Vide Baroneza de Almeirim (D. Carolina	7000 Tol.
Sophia Shannon) - Baroneza de Almeirim	
D. Luísa Maria Joana Braamcamp).	4,7,000,000,7
Alto do Longo. Demolem-se em 1867 as barracas	
imundas desse sítio	272
Alva. Vide Conde de Alva.	
Alva — D. Julião de — Bispo. Dôa a Frei António	10,000
Freire uma bela livraria	292
Alves, Quando Vercador instou pelo alargamento da	
rua do Moinho de Vento	355
Alves Pereira — Veríssimo — Propõe à Câmara uma	
meridiana em S. Pedro de Alcântara. Aprova-se	350
Alvito, Vide Condessa Baroneza de Alvito.	20 0000
Amaral - D. Antónia Maria do - Instituidora de	
uma capela nas Mercês	196
Amaral e Meneses. Vide Pais de Faria do Amaral	
a Managas / Ioão	
Ambrósio — Santo — Vide Ermida de Santo Am-	
brósio.	
Amorim Viana — João António de — Entra na em-	
presa do Lazareto	51
André Avelino - Santo - Sua festa nos Caetanos	257
André Valente - Travessa de - Estuda-se o inte-	
ressante palácio da esquina para a calçada do	
Combro	165 e seg.
António - Santo - Irmandade dessa invocação na	
igreja do convento de Jesus	300
—— Sua Imagem em Jesus	300-A
Aranha. Vide Leitão Aranha (Lázaro).	
Araújo. Vide Carneiro de Araújo (Francisco) - Pe-	
reira de Araújo (João).	
Ardizzoni — Padre D. António — Quem era, em	
dias del-Rei D. João IV	239
Areda — Diogo de — Padre Jesuita, testemunha no	
testamento de D. Catarina de Pina	173
Armoso Vide Conde de Armoso	

	Págs.
Arrabaldes de Lisboa. Eram muito mais campestres	
do que hoje	171
Arrábidos — Religiosos — Para eles se funda o con-	000
vento de S. Pedro de Alcântara	332
Arriaga. Vide Nodin d'Arriaga (D. Barbara de)	
Street de Arriaga (José).	
Ascensão. Vide Ermida da Ascensão.	
Ascensão de Cristo. Quadro que esteve na sua er-	
mida da calçada do Combro	189
Asseca. Vide Viscondessa da Asseca.	
Associação da mocidade católica. Teve a sua sede	
em parte do palácio Olhão	165
Asilo da mendicidade. Pediu à Câmara para ter	
cadeiras na alameda superior de S. Pedro de	
Alcântara	348
Ataíde. Vide Carvalho e Ataíde (Manuel de) —	
Mascarenhas e Ataide (D. Teresa Teodora de).	
Ataide — D. Leonor de — Mãe do Marquês de	
Pombal. Datas	201
Augustin — Pintor em esmalte	100
Azevedo Chaves — Paulo de — Auxilia amàvel-	
mente o autor em buscas no cartório da Casa	
de Murça	183
В	
Baiucas da rua do Arco; são demolidas pelos anos	
de 1867	300
Bandeira. Vide Fernandes Bandeira (Jacinto).	
Bandeira. Família poderosa de argentários	21
Baptista — João — Licenciado; administrador de	
uma capela	142
Barão de Alcochete. Teve na travessa da Horta	
uma grande fábrica de lanifícios	305
Barão (1.º) de Almeirim. Marido de D. Luísa Maria	
Joana Braamcamp	72
Barão (2.º) de Almeirim. Marido de D. Carolina	
Sofia Shannon	73

	1200
	Págs.
Barão (3.º) de Almeirim. Proprietário	73
Barbosa - D. José - Clérigo Regular Teatino.	
Datas da sua vida e fac-simile da sua assina-	
tura	251
Barbosa du Bocage-Manuel Maria de-Faleceu na	
travessa de André Valente. Em qual daqueles	
prédios?	220
- Jazia no cemitério antigo das Mercês	223
— Seu retrato, reproduzido do que Henrino pintou	221
- História do seu retrato pintado por Henrino	221
— Sumiço lamentável dos seus restos mortais	222 e seg.
Certidão autêntica do registo do seu óbito e en-	
terramento	225
— Soneto de Castilho a ele	227
— Esclarecimentos acerca do seu retrato impresso	
neste volume, Vide na Nota III.	
Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso — Aires	
— Irmão de Tomé Barbosa, e também Ofi-	
cial dos Estrangeiros	316
Barbosa de Figueiredo de Almeida Cardoso — Tomé	
- Oficial dos Estrangeiros, e amigo de Bo-	
cage. Morou na rua da Cruz	316
Barbosa de Magalhães. Vide Matos e Vasconcelos	
Barbosa de Magalhães (João de).	
Baroneza de Almeida. Morou uns anos, e faleceu,	
num prédio da rua dos Caetanos	235
Baroneza de Almeirim, D. Carolina Sofia Shannon.	
Mulher do 2.º Barão	73
Baroneza de Almeirim, D. Luísa Maria Joana.	
Herda de seu pai Anselmo J. Braamcamp o pa-	
lácio do Terreiro do Paço	97
— Seus filhos	72
Baroneza da Ilha grande. Jaz em Jesus	278
Barreiros — Eduardo — Extratos do seu livro Caça	146
Barreto — D. Filipa—Mulher de Francisco da Costa	142
Barreto Froes. Vide Vaz Rans de Campos Barreto	
Froes (Gregório).	

383

	Págs.
Barros - D. Maria Joana de - Da casa de San-	1 450
tarém. Mulher de João Pais de Faria	318
Bartolozzi - Francisco - Gravador do retrato de	
Bocage por Henrino	221
- Seu retrato, reprodução de uma cópia à pena	
de uma antiga gravura	221
- Notícias biográficas e certidão do seu óbito.	
Vide na Nota IV.	
Baschi. Vide Marquez de Baschi.	
Bastos — Domingos de — Deputado da Companhia	
do Gran-Pará	11
Battoni. Havia quadros seus no Museu do Padre	
Mayne	291
Beça — Manuel de — Coronel de um regimento em	202
1755	123
Beira — Princeza da — Vide Princeza da Beira.	140
Belmonte. Vide Condessa de Belmonte.	
Bem — D. Tomás Caetano de — Cita-se uma sua	
genealogia manuscrita dos Croccos e Donatis,	
de Génova	39
- Clerigo Regular. Possuia um Museu de antigui-	0.0
dades na casa dos Caetanos	260
Benevides. Vide Fonseca Benevides (Francisco da).	200
Beresford — Lord — Teve o seu quartel general no	0.4
palácio dos Sobraes	94
	077
miço	271
Bluteau — D. Rafael — Suas boas relações com	143
D. Francisco de Sousa	251
— Menção honrosa deste bom Teatino	251
— O seu nome pronuncia-se Blutó, e alatinada-	050
mente é Bluteavius	253
— Várias festas em que prégou nos Caetanos	
Boccabadati, Cantora de S. Carlos em 1841	158
Borges — D. Maria — Em 1671 funda na rua do	004
Arco o Recolhimento do Esp.º Santo	301
Botânica. Vide Jardim Botânico da Ajuda.	

	Págs.
Botelho. Vide Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos	-
(D. José Maria de).	
Bourdiec — Miguel — Calígrafo, e director de um	
colégio em 1813	14
Braamcamp—Estudo genealógico desta família desde	
o século XVI	60 e seg.
Braamcamp — Anselmo José — Herda de seu pai o	
palácio do Terreiro do Paço	97
Braamcamp — Anselmo José — Ministro de Estado,	
e Presidente do Conselho de Ministros	73
Padeceu um incêndio no palacete que habi-	
tava em 1880 em S. Pedro de Alcântara	354
Braamcamp — Geraldo José — Marido de D. Ju-	
liana Pamplona de Sousa	72
Braamcamp — Gerrett — Datas da sua vida (sé-	
culo xvIII). Sua opulenta galeria artística	62 e seg.
— Seu retrato por Therbouché	99
— Seu retrato neste livro, reprodução de uma	
antiga gravura	63
Braamcamp — Hermano José — Irmão do antece-	
dente. Datas da sua vida. É o primeiro que	
passa a Portugal	65
— Seu retrato, reprodução de um quadro a óleo	69
Braamcamp — João — Viveu no século xvII	62
Braamcamp — José Augusto — Marido de D. Maria	
Emília de Saldanha e Castro	72
Braamcamp — D. Júlia Adelaide — Condessa de	
Vila Real pelo seu casamento	74
Braamcamp — D. Luísa Maria Joana — Vide Baro-	
neza de Almeirim.	
Braamcamp - D. Maria Inácia - Mulher do seu	
primo Anselmo José Braamcamp de Almeida	
Castelo Branco	71
Braamcamp de Almeida Castelo Branco — Anselmo	
José — Datas da sua vida. Marido de D. Ma-	
ria Inácia Braamcamp	71

	Págs.
Braamcamp de Almeida Castelo Branco — Geraldo	
Venceslau — Datas da sua vida 68	75 e seg.
Casa com D. Joana Maria da Cruz Sobral	75 e seg.
- Foi 1.º Barão do Sobral, Morou no seu palácio	
do Terreiro do Paço até 1830	96
Braamcamp de Almeida Castelo Branco - José	
Francisco — Datas da sua biografia	70 e seg.
Um seu magnífico retrato por Sequeira ardeu	
em 1880	354
Braamcamp de Almeida Castelo Branco - D. Maria	
Clara — Mulher de Manuel de Castro Pereira	
da Mesquita	75
Braamcamp Freire — Anselmo — Herda de sua mão	
a Baroneza de Almeirim o palácio do Terreiro	
do Paço	97
- Informações que dá ao autor	109
Braamcamp Freire — Manuel — Foi o 2.º Barão de	
Almeirim	73
Braamcamp Freire — Manuel — É o 3.º Barão de	
Almeirim	73
Braamcamp Freire - D. Maria Inácia - Mulher de	
José Maria de Sousa e Matos	72
Braamcamp do Sobral de Almeida Castelo Branco	
— Hermano José — Sua vida e seu casa-	
mento 77	7-78 e seg.
Bragança, Vide Duqueza de Bragança (D. Amélia de Baviera).	
Brandão. Vide Neves Pinto Brandão (Padre Ma- nuel das).	
Brás — Afonso — Fundador da ermida dos Fiéis de	
Deus. Seu falecimento em 1569	231
Brederode. Vide Teixeira Homem de Brederode (An-	
tónio Xavier).	
Brito. Vide Sousa e Brito (Rodrigo Vitorino de).	
Brito do Rio. Vide Meneses de Brito do Rio (D. Pe-	
dro del	

C

	Págs.
Cabedo de Vasconcelos — Jorge de — Edificou em	
1709 o seu palácio nos Cadais	309
Cabo da Boa Esperança. Nome de certa flor	143
— A essa flor se fez um soneto	143
Cabra. Vide Horta do Cabra.	
Cabral da Câmara, Vide Figueiredo Cabral da Câ-	
mara (D. Vasco de).	
Caetano (S.) de Thiene. Do nome dele vem chama-	
rem-se Ceatanos os Teatinos	236
- Sua Imagem na igreja dos Clérigos Regulares	236
Caetano Palha — Rua de — Prolongamento da Rua	
da Cruz	319
Caetanos. Vide Convento dos Teatinos.	
Café Toscano. Era em 1814 no Largo do Calhariz	95
Caixa Geral dos Depósitos. Depois de várias hesi-	
tações dos Governos, ocupa um palácio ao	
Calhariz, construído de propósito	102 e seg.
Calepino — Ambrósio — De próprio tornou-se apela-	
tivo este vocábulo	254
Calino — Apelido nobre italiano	255
Câmara. Vide Figueiredo Cabral da Câmara	
(D. Vasco de).	
Caldas. Vide Pereira Caldas (João) - Pereira de	
Sousa Caldas (José) — Rodrigues Caldas	
(João).	
Calhariz. Vide Quinta do Calhariz.	
Câmara dos Deputados, Ardeu em 1895	282
Câmara Municipal. Mandou pêr uma grade na mu-	
ralha de S. Pedro de Alcântara. Quanto	
custou	348
Campos Barreto Fróis. Vide Vaz Rans de Campos	
Barreto Fróis (Gregório).	
Capela dos Terceiros junto ao convento de Jesus	297
Caraffa — João Pedro — Arcebispo, depois Cardeal,	
e Papa. Fundador dos Teatinos na Itália	237

	Págs.
Cardais de Jesus - Rua dos - Hoje de Eduardo	
Coelho, Denominou-se do Cabedo	309
Cardoso. Vide Barbosa de Figueiredo de Almeida	
Cardoso (Tomé).	
Carignan, Vide Colégio de Carignan.	
Carneiro de Araújo - Francisco - Foi Reitor do	
Colégio dos Clérigos pobres	328
Carnide, Vide Conde de Carnide,	
Carrasco - Beco do - Ai esteve alojada a Aca-	
demia Real das Ciências	87
Várias estações públicas e diversas pessoas	
particulares, que moraram no palacete desse	
beco	87 e seg.
- Origens conjecturais dessa denominação	88
Carvalho - Conselheiro Mariano de - Sendo Minis-	
tro, mandou se comprasse um prédio para	
a Caixa Geral dos Depósitos	102
Carvalho - Paulo de - Irmão do grande Marquês	
de Pombal	20
Consegue que na sua ermida das Mercês se	
institua paróquia	195
Carvalho - Nuno José Severo de - Quando ve-	
reador, pugnou pela grade da muralha de	
S. Pedro de Alcântara	347
- Propõe a demolição das baiúcas da Rua do	
Arco	300
Carvalho - Pedro Alexandrino de - Célebre pintor.	
Em 1814 vendia-se um Apostolado, obra sua	331
- Menção de um seu quadro em S. Pedro de	
Alcântara	339
Carvalho e Ataide - Manuel de - Pai do Mar-	
quês de Pombal, Notícias suas	201
- Sócio da Academia dos Ilustrados	202
Carvalho Daun e Lorena - Francisco de - Infor-	
mação importantíssima que dá ao autor	213 e seg.
Carvalho e Melo - Sebastião de - Avô do Mar-	
quês de Pombal, Datas da sua vida	201

LISBOA ANTIGA	389
at a second seco	Págs.
Casa de pasto. Houve uma em 1812 na Travessa	
do Convento de Jesus	297
Castelo Branco. Vide Braamcamp de Almeida Cas-	
telo Branco (Anselmo José) — Braamcamp de	
Almeida Castelo Branco (Geraldo Venceslau)	
- Braamcamp de Almeida Castelo Branco	
(D. Maria Clara) — Braamcamp de Almeida	
Castelo Branco (D. Maria Inácia) — Braam-	
camp de Almeida Castelo Branco (Hermano José).	
Castelo Branco Correia e Cunha de Vasconcelos e	
Sousa D. José Maria Rita — 1.º Conde da	
Figueira	181
Castilho - António Feliciano de - Soneto seu na	
inauguração do monumento de Bocage em Se-	
túbal	227
— Leitura da sua tradução do Fausto na Legação	
de Espanha	161
Castilho Barreto de Noronha — José Feliciano de	
— Manda pintar um retrato grande de Bocage,	
e oferece-o à Câmara Municipal de Setúbal	222
Castro. Vide Machado de Castro (Joaquim) - No-	
ronha e Castro (D. Maria Ana de) — Pereira	
de Castro (Francisco Luiz) — Saldanha e	
Castro (D. Maria Emilia de).	
Castro — D. Miguel de — Arcebispo de Lisboa.	
Menção de um seu retrato	118
Castro Pereira da Mesquita — Manuel de — Marido	
de D. Maria Clara Braamcamp	75
Castro do Rio. Vide Crasto do Rio.	
Catherina (D.) de Bragança, Rainha da Gran-Bre-	
tanha. Sua tornada a Lisboa	256
Cemitério das Mercês. Era na rua dos Caetanos.	
Seu aspecto	221
— Aí jaziam Tolentino e Bocage	223
— Sua planta	221

	Págs.
Chafariz. Houve um na alameda de S. Pedro de	-
Alcântara	352
Houve um no século xvIII na mesma alameda	352
Chafariz da Esperança. Menção dele	199
Chafariz da rua Formosa, Menção dele	199
- São concedidos os seus sobejos ao palácio fron-	
teiro, do Marquês de Pombal	208
Chamiço. Vide Freitas Chamiço (D. Claudina).	
Chamiço D. Amélia - Herda de seu pai o pa-	
lácio da rua Formosa	271
Chamiço - Fortunato - Possuiu o palácio de Rat-	
ton na rua Formosa	271
Chapeus - Fábrica de - Houve uma na travessa	
do convento de Jesus em 1816	298
Chaves, Vide Azevedo Chaves (Paulo de) - Fer-	
nandes Chaves.	
Chavigny. Vide Marquez de Chavigny.	
Cigala — João Miguel — Dados biográficos dessa	***
curiosa entidade	
— Hospeda-se nos Teatinos	244
Clemente VII, Papa. Aprova a fundação da Ordem	
dos Teatinos	237
Clerigos pobres. Vide Colegio dos Clerigos pobres	
 Hospital para Clerigos pobres—Irmandade 	
dos Clerigos pobres — Irmandade (Veneravel)	
dos Clerigos pobres.	
Coelho. Vide Latino Coelho (José Maria).	
Coelho de Magalhães — José Estêvão — Casa onde	
faleceu na rua Formosa	271
Colle — Bonifácio — Auxilia o Arcebispo Caraffa	
na fundação de uma Ordem religiosa	236
Colecção das contas correntes dos objectos que per-	
tenceram aos conventos. Aprecia-se o livro	
assim intitulado	262 e seg.
Colégio de Carignan. Esteve no palacete da rua Di-	
reita das Chagas	160

	Págs.
Colégio dos Clérigos pobres. Estuda-se	323
— Suprimido em 1853	329
— Sua vista em 1833	328-A
Colégio moral e civil. Esteve em 1816 na travessa.	
do Convento de Jesus	297
Colégio de S. Pedro e S. Paulo. Sua fundação em	
1621	320
— Seu estrago em 1755	321
Colup — Tinon — Impostor, que se fazia passar	
por ser o Imperador Barba-Roxa	244
Comissariado Britânico. Esteve em 1814 no palácio	
de André Valente	184
Companhia dos caminhos de ferro, empresa Sala-	
manca. Teve a sua sede no palácio Palmela	
ao Calhariz	159
Companhia do Gran-Pará e Maranhão. Sua funda-	
ção celebrada em versos de Reis Quita	10
Conde de Alva. A sua família possuiu um pala-	
cete na rua Formosa. Qual é	269
Conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de	
Melo, viúvo de D. Maria José de Melo (Murça)	183
- Faculta ao autor documentos do seu cartório	183
Conde de Carnide. Foi administrador de um vínculo	
instituído pelo Bacharel Juiz José Street de	
Arriaga	37
Conde de Ficalho, Francisco de Melo, filho dos	
1.08 Marqueses de Ficalho, Falecido em Lisboa,	
no seu palácio dos Caetanos, em 18 de Abril	
de 1903	83
Conde da Figueira, D. José Maria Rita de Castelo	
Branco. Passa a 2.35 núpcias com D. Maria	
Amália Machado de Mendonça	181
Conde da Figueira actual. Filho do antecedente	181
Conde do Lavradio. Mora em 1903 em parte do pa-	
lácio Pombal da rua Formosa	199
Conde de Lumiares. Coronel de um regimento em	
1755	123

	Págs.
Conde (2.º) de Murça, D. José Maria de Melo,	-
casado com D. Helena de Lancastre	182
Conde (3.º) de Murça, D. João José Maria de Melo,	
casado com a Condessa D. Ana de Sousa Cou-	
tinho	182
Conde de Narbone, Traços da sua vida	79 e seg.
- Seu retrato por Gérard	99
Conde de Paraty, D. Miguel de Noronha, Marido	
da Condessa D. Isabel de Sousa Botelho	74
Conde (2.º) de Penamacor. Sua descendência	77
- Um de seus ascendentes foi no século xviii	
António de Saldanha de Albuquerque de Mes-	
quita Lobo e Ribafria	202
Conde Raczynsk. Apreciou vários quadros que viu	
no palácio Sobral em 1845	97
- Examinou em 1844 as obras do palácio Pal-	
mela	154
- Bons quadros que observou em casa do Duque	
de Palmela, D. Pedro	156
- Como julga várias pinturas da igreja de Jesus	295
- Morou na rua Moinho de Vento	355
- Apreciação rápida dos seus dois livros	355
Conde de Sabugosa actual, António Vasco de Melo	
da Silva César e Meneses; casado com a Con-	
dessa herdeira de Murça	183
- Faculta ao autor documentos do seu cartório	183
Conde de Sandomil, Fernando Xavier de Miranda	4
Henriques, Morou a S. Pedro de Alcântara	331
Conde de San-Lourenço, Numa parte inferior do seu	
palácio de Santo Amaro morou Ratton depois	
de 1755	320
Conde do Sobral. A sua varonia é Melo, mas repre-	
senta os antigos beneméritos Cruzes Sobraes	6
— Informações que dá ao autor	110
Conde de Vila Flor. Compra à herança do Desem-	-
bargador André Valente uma quinta no Largo	
de Arroios	170

	Págs.
Conde de Vila Franca, D. Pedro da Costa de Sousa	-
de Macedo. Morou e faleceu na rua da Cruz	317
Conde de Vila Real, D. Fernando. Casa com D. Jú-	
lia Adelaide Braamcamp	74
Condessa Baroneza de Alvito. Vende um terreno a	
seu primo D. Francisco de Sousa	141
Condessa de Belmonte, D. Maria de Mendonça,	
actual senhora da quinta da Flamenga	175
Condessa da Lousan. Administrava em 1798 a ca-	
pela da Ascensão	190
Condessa de Lumiares, D. Constança de Saldanha	
e Castro. Mulher em 2." núpcias de seu	
cunhado, Manuel da Cunha e Meneses, Quem	
é sua filha	78
Condessa de Mossamedes. Informações que dá ao	
autor	109
Condessa de Murça actual, D. Mariana das Dores	
de Melo, é também Condessa de Sabugosa pelo	
seu casamento com o Conde António Vasco	182
Consiglieri - Paulo - Auxilia o Arcebispo Caraffa	
na fundação de uma Ordem religiosa	236
Conti. Tenor de S. Carlos em 1841	157
Convento de Jesus. Estuda-se	275 e seg.
— Seu aspecto geral	279
Convento de S. Pedro de Alcântara — Sua história	332 e seg.
—— Seu aspecto em 1833	336-A
- Estragos que padeceu em 1755 337 e	338
Convento dos Teatinos. Fundado no Bairro Alto	239
— Várias festas lá celebradas	257 e seg.
— Sua ruina em 1755	259
Conversadores e parceiros. Engraçado dito de uma	
senhora	198
Coronado - D. Carolina - Poetisa ilustre de Es-	
panha 134 e	135
Correia - D. Maria da Encarnação - Mãe de	
D. Ana Joaquina Inácia da Cunha	18

	Pags.
Correia Lucas — Rui — Tenente General, fundador	
do Albergue, ou Colégio, ou Recolhimento,	
dos Clérigos pobres	322
Correia da Silva — António — Seus vários títulos	
e empregos em dias del Rei D. Afonso VI	176
— Sua genealogia até seu 3.º avô	178
Correia da Silva — Francisco — Quem era; autor	
de uns comentários a Suetonio	178
— Seus título até 1712	176
- Era seu pai Jerónimo Correia da Silva	175
- Era Senhor da quinta da Flamenga	175
Correia da Silva — Jerónimo — Filho de Simão	
Viegas	175
Corregio. Um quadro seu no palácio Sobral	97
Costa. Vide Vaz da Costa (D. Martinho).	
Costa — Francisco da — Marido de D. Filipa Bar-	
reto, senhores ambos de um vínculo em Tavira	142
Costa - D. Jorge da - Cardeal Arcebispo de Lis-	
boa. Menção de um seu retrato	117
Costa de Macedo — Joaquim José da — Sua conjec-	
tura da lápide funerária de Tomé Pinheiro	
da Veiga	313
Costa de Sousa de Macedo — D. António da —	
Sua parecença física com seu antepassado, o	
Dr. António de Sousa de Macedo	279
Costa de Sousa de Macedo — D. José da — Está es-	
crevendo a biografía de seu avoengo o Dr. An-	
tónio de Sousa	279
Coutinho - D. Pedro - Deu terreno para a edifi-	
cação do Colégio de S, Pedro e S, Paulo	320
Crasto do Rio - Antão Vaz de-Argentario antigo	21
Crocco — Carlos — Marido de Clara de Ferrari	39
Crocco — Carlos Maria — Marido de Clara Donati	39
Crocco — Estêvão — Marido de Lepida Costa	39
Crocco — D. Maria Madalena — Casa com Anselmo	30
José da Cruz Sobral	38
There are the management of the state of the	30

	Págs.
Cruz. Houve uma no Poço dos Negros, que deu	-
nome à rua da Cruz	315
Cruz - Adoração da - Generalizou-se muito no	1.07.0
princípio do século xVII	315
Cruz — Padre António José da — Primogénito da	
família dos Cruzes	7
— Valeu-se da sua amisade ao Marquez de Pom-	
bal, para encarreirar os irmãos	9
- Nomeado administrador da casa de seu irmão	
o Morgado da Alagôa	17
- Nomeado Cónego da Sé; em 1791 tinha casa	
a S. Martinho	32
— Seus serviços indirectos à indústria	32
Cruz - João Francisco da - É o 1.º ascendente	
conhecido da familia dos Cruzes	6
- No fim do século xvII morava na freguesia	
do Sacramento	6
	6
- Seus seis filhos	7
Cruz — Rua da — Estuda-se	314
Cruz Alagôa — Apelido novo criado em 1795	12
Cruz Alagôa — José Francisco da — Filho de João	
Francisco da Cruz	7
- Esboça-se a sua útil carreira comercial	9
- Seu falecimento em 1768	15
- Casa com D. Ana Joaquina Inácia da Cunha	20
Cruz de pau. Assim se chamou o sítio do Calhariz	22
Cruz Sobral. Apelido novo, concedido aos Senhores	
da vila do Sobral	29
Cruz Sobral - Anselmo José da - Filho de João	
Francisco da Cruz	7
— Sua biografia	38 e seg.
Um dos fundadores do teatro de S. Carlos	41
- Preside à construção da Real Basílica da Es-	
trela, Prémios que lhe deu a Rainha	41
— Fac-simile da sua assinatura	42

	Págs.
- Festejos que celebra no nascimento da Prin-	
cezinha da Beira	42 e seg.
- Entra na empresa do Lazareto da Torre Velha	52
Casos que abonam a bondade da sua alma	54 e seg.
— Seu falecimento	56
Cruz Sobral - Anselmo José da - Edificou o pa-	
lácio do Terreiro do Paço, esquina da rua da	
Prata, Ahi morava em 1791	96
- Palavras textuaes de Jacome Ratton a seu	
respeito. Vide a Nota I.	
Cruz Sobral - D. Joana Maria da - Filha de An-	
selmo; senhora da casa; desposa Hermano José	
Braamcamp	57
Cruz Sobral — Joaqum Inácio da — Filho de João	
Francisco da Cruz	7
— Faz-se a rápidos traços a sua biografia	18 e seg.
— Seu retrato	20
- Funda o seu palácio do Calhariz	22
- Seu falecimento a 25 de Maio de 1781	35
- Acusações que lhe fazem; rebatem-se	35
Cruz Sobral - Sebastião António da - Desem-	
bargador; filho de Anselmo	57
- Morava em 1791 no palácio do Terreiro do	
Paço	96
Cruzes. Família importante e respeitável no Por-	
tugal do século XVIII	6
Cunha — D. Ana Joaquina Inácia da — Mulher de	
Joaquim Inácio da Cruz Sobral	18
— Viúva dele, passa a 2.ª núpcias com o Ba-	
charel José Street de Arriaga	37
— Viúva deste, passa a 3.48 núpcias com Ro-	
drigo Vitoriano de Sousa e Brito	37
Cunha — D. José da — Actual representante das	
Casas de Olhão e Castro Marim	164
Cunha — D. Rodrigo da — Arcebispo de Lisboa,	
Menção de um seu retrato	117

LISBOA ANTIGA	397
	Págs.
Cunha - Xavier da - Oferece ao autor um pre-	
cioso livro	283
— Comunicação sua	352
boa, Datas das suas diversas promoções Cunha e Meneses — D. Maria Luísa da — Mulher de Anselmo Braamcamp Freire, Par do Reino,	352
seu primo	73
— Informações que dá ao autor	109
Curso Superior de Letras. Acha-se no extinto con-	
vento de Jesus	274
— Funciona na sala onde foi o Instituto Maynense	298
D	
Daun e Lorena — Vide Carvalho Daun e Lorena (Francisco de). Deputados. Vide Cámara dos Deputados.	
Despautério — João — Sábio do século xvi De Vismes. Vide Purry Mellish e De Vismes.	255
Dinheiro. O que é, e o pouquissimo que vale por si	
mesmo	49
Donati — Clara — Mulher de Carlos Maria Crocco	39
Donati — Gaspar — Pai de Clara Donati Du Guesclin — Bertrand — Como traduziam esse	39
nome os nossos antigos	253
Duque de Loulé. Foi senhor da quinta da Flamenga Duque de Palmela. D. Pedro de Sousa-Holstein.	175
O mais notável da sua estirpe	152
Eclesiástica	152
— Onde habitou em 1834	153
- Melhoramentos que executa no palácio do Ca-	
lhariz	154 e seg.
Duque de Saldanha, Sendo Ministro em 1856 pro- move a trasladação de seu avô Pombal para	- 1
a ermida das Mercês	211

	Págs.
Duque de Wellington. Teve o seu quartel general no palácio Sobral	94
Duqueza de Bragança, D. Amélia de Baviera. Vi- sita em 1840 a fábrica de lanificios da travessa	
da Horta	304
cântara	344
M.me Guiard no palácio Sobral	99
E	
Effendi — Fuad — Enviado do Sultão de Constan-	
tinopla a Lisboa. Assiste no Lumiar a um	
baile do Duque de Palmela	157
Embaixada de Inglaterra. Foi no Beco do Car-	
rasco (século xVII)	87
Epidemia de febres em Lisboa em 1723	257
Era — Travessa da — Chamava-se antigamente tra-	
vessa defronte da Ascensão	192
Ermida de Santo Ambrósio. Aí esteve provisòria-	
mente a paróquia de Santa Isabel	15
Ermida da Ascensão. Sua história minuciosa	166 e seg.
- Foi a primitiva sede da paróquia das Mercês	166
Descripção minuciosa della	188 e seg.
Ermida dos Fieis de Deus. Sua história	229 e seg.
— Sua vista segundo Braunio	232
	233
— Seus quadros, segundo o Conde Raczynski	234
Espírito Santo. Vide Recolhimento do Espírito Santo.	
Estácio da Veiga — Sebastião Philippes Martins —	
Acompanha e dirige o autor no exame de	0.0
certa lápide	26
Estrela — Travessa da — Ai morou e faleceu em	0-1
1833 Luísa Todi	354

	Págs.
Falcão, Vide Picotas Falcão.	-
Faria - D. Frei Tomé de - Bispo de Targa.	
Nasceu e faleceu a S. Pedro de Alcântara	333
Faria Pereira do Amaral e Meneses. Vide Paes de	
Faria Pereira do Amaral e Meneses (João).	
Fernandes Bandeira - Jacinto - Um dos funda-	
dores do Teatro de S. Carlos	41
— Entra na empresa do Lazareto da Torre velha	52
Fernandes Chaves. Vereador, propõe a demolição	
das ignóbeis baiucas da rua do Arco	300
Fernandes de los Rios - D. Angel - Ministro de	
Espanha em Lisboa, Habitou no palacete da	
esquina do Calhariz	160
Fernandes Tomás — Manuel — Em 1820 morava	
ao Calhariz	95
Ferrari — Clara de — Mulher de Carlos Crocco	39
Ferreira Sola - António José - Um dos funda-	
dores do Teatro de S. Carlos	41
Festas no convento dos Teatinos	256 e seg.
Ficalho. Vide Conde de Ficalho - Marquez de Fi-	
calho.	
Fieis de Deus. Vide Ermida dos Fieis de Deus.	
Figueira. Vide Conde da Figueira.	
Figueiredo de Almeida Cardoso. Vide Barbosa de	
Figueiredo de Almeida Cardoso (Tomé).	
Figueiredo Cabral da Câmara — D. Vasco de —	
Marido de D. Eugénia de Melo (Sobral)	12
— Compra a quinta da Alagôa em Carcavelos	12
Folque Filipe — Instaura em parte do edificio da	
Academia Real das Ciências a secção fotográ-	-
fica da Comissão geodésica	298
Fonseca. Vide Pinto da Fonseca (Manuel).	
Fonseca Benevides — Francisco da — Cita-se o seu	
belissimo livro O Real Teatro de S. Carlos	41
— Cita-se outra vez	158

	Págs.
Formosa — Rua — Estuda-se minuciosamente	194 e seg.
Franciscanos - Frades - Fundam no século xvi o	
seu convento de Jesus os Cardaes	274
- Superintendem no Recolhimento do Espírito	
Santo	298
— Davam Capelães para as Armadas Reais	296
Franco. Vide Silva Franco (Manuel da).	
Franco de Moura. Vide Silva Franco de Moura	
(D. Maria Antónia da).	
Frederico II, chamado Barba-roxa. Um impostor	
faz-se passar por ser ele	244
Freguesia das Mercês. Institui-se na ermida de	
Paulo de Carvalho	195
Passa, em 1834, da ermida desse nome para o	
convento de Jesus	197
Freguesia de Santa Isabel. Esteve primeiro na er-	
mida de Santo Ambrósio	15
Como auxiliou a construção da nova igreja o	
Morgado da Alagôa	15
Freiras de Santa Mónica. Estiveram em 1755 na	
quinta da Mitra	125
Freire. Vide Braamcamp Freire (Anselmo) -	
Braamcamp Freire (Manuel) - Braamcamp	
Freire (D. Maria Inácia) - Sousa Freire (Ma-	
nuel de).	
Freire - Frei António - Dominicano colector de	
livros. Desfaz-se deles; porquê, e para quê	292
Freitas. Vide Abreu de Freitas (Luís de).	
Freitas - José Vaentim de - Menciona-se a sua	
bela cópia do Tombo da Cidade feito depois	
de 1755	111
Citam-se palavras suas a respeito do Colégio	
dos Clérigos pobres	328
Freitas Chamiço - D. Claudina de - Possuidora	
do palácio Ratton na ma Formosa	271



LISBOA ANTIGA	401
	Págs.
Froes. Vide Vaz Rans de Campos Barreto Froes (Gregório).	
Furtado de Mendonça — D. Afonso — Arcebispo de	
Lisboa, Menção de um seu retrato	118
G	
Gabinete de História natural na Ajuda, Menção	
dele por viajante em 1796	206
Galopim — Georges — Antigo Benedictino francês Galvão de Lacerda — José — Foi Reitor do Colégio	254
dos Clérigos pobres	328
Gama — D. Ana da — Mulher de Francisco Correia	
da Silva	175
George — Ernesto — Compra a Anselmo Braam- camp Freire em 1889 o palácio do Terreiro	
do Paço	97
Gérard. Quadro seu no palácio Sobral	99
Gomes da Mina — Fernão — Arrematante de con-	
tratos e descobridor	21
Gonçalves — André — Pintor notável, autor de um	
quadro nas Mercês	196
Gonçalves Neto — Estêvão — Menciona-se o seu	
célebre Missal iluminado	283
Gonçalves de Sena — Luís — Autor de quadros na	
igreja de Jesus	294
Gouveia. Vide Marquês de Gouveia.	
Gouveia Pacheco - D. Caetano de - Clérigo Re-	
gular. Seus títulos, data da sua vida e fac-si-	
mile da sua assinatura	252
Groizard - D. Alexandre - Homem de Estado	
madrileno	128
Grossi — João — Estucador, autor dos estuques	
do tecto da capela dos Terceiros	297
	26

	Págs.
Guarini — Padre Guarino — Delineou o plano da	
casa dos Teatinos	240
Guiard — M.me — Quadro seu no palácio Sobral	99
Guimarães. Vide Ribeiro Guimarães (José).	
н	
Henrino — Cognomento poético do pintor Henrique	
José da Silva	221
Henrique — Cardeal Rei D. — Arcebispo de Lisboa.	
Menção de um seu retrato	119
Henriques. Vide Miranda Henriques (José Joaquim	
de).	
Henriques - D. Luis - Coronel de um regimento	
em 1755	123
Henriques de Miranda — Henrique — Foi Reitor do	
Colégio dos Clérigos pobres	328
História Natural. Vide Gabinete de História Natural	
na Ajuda.	
Holanda e Prússia. Vide a Nota II a este volume.	
Homem. Vide Melo Homem (D. António José de).	
Horta do Cabra. Onde era	303
Hospital para Clérigos pobres, fundado em 1637	329
Hotel Mata. Esteve no palácio Sobral	101
Hummel — Otto — Sugere ao autor uma belissima	
conjectura histórica sobre Hermano Braam-	
camp	67
— É sua a Nota II deste volume.	
I	
Igreja dos Caetanos. Seu apecto em 1833	261
Igreja de Jesus. Aspecto sobre o largo, com o an-	
tigo adro	276
Igreja dos Mártires. A actual é fundada no sítio	- 7
onde houve um hospício de Teatinos	238

A CONTRACTOR OF THE PARTY OF TH	Págs.
Ilustrados. Vide Academia dos Ilustrados.	
Ilha Grande, Vide Baroneza da Ilha Grande.	
Infante. Vide Pato Infante (João Castano).	
Inglezinhos. Vide Colegio de S. Pedro e S. Paulo.	
Irmandade que mantem o culto na ermida da As-	
censão	191
Irmandade dos Clérigos pobres, na Encarnação	330
Irmandade das «Mères réparatrices» na ermida das	
Mercês	194
Irmandade (Venerável) dos Clérigos pobres, em	
Santa Marta	330
Irmandades (Duas) funcionavam na ermida das	
Mercês	196
Isabel — Santa — Vide Freguesia de Santa Isabel.	
J	
Jardim botânico da Ajuda. Menção dele por um	
viajante em 1796	206
Jesus, Vide Convento de Jesus,	200
Jesus (Senhor) dos impossíveis, da ermida da As-	
censão	189
Jesus (Senhor) do Patrocínio. Sua Imagem nas	100
Mercês	194-A
Jesus — Soror Teresa Perpétua de — Filha de João	104-11
Francisco da Cruz	7
Joannes — Bartolomeu — Amigo del Rei D. Dinis	21
João — O senhor Dom — chamado da Bemposta.	22
Levava um coche na recepção do Marquês de	
Baschi	122
João IV — El-Rei D. — Permite aos Teatinos	
fundem casa em Lisboa	239
João V — El-Rei D. — Vai a uma caçada na	200
quinta do Calhariz, em Azeitão	146
— Visita a casa dos Caetanos em 1735	259
— Toma sob sua protecção o Colégio dos Clérigos	230
pohree	997

	Págs,
Jordão — Levy Maria — Pertence em 1856 a uma	
Comissão da Câmara Municipal Jorge. Vide George (Ernesto).	211
Jorge — Paulo — Entra na empresa do Lazareto José — El-Rei D. — Recebe o Embaixador de	52
França, Marquês de Baschi	120
Agradava-lhe muito a música Depois do terramoto vai habitar umas bar-	207
racas na Ajuda	205 e seg.
— Morre na Ajuda em 1777	207
K	
Kinnoul — Lord — Embaixador inglês, Menção de	
um despacho seu a Sir William Pitt	204
Krus - D. Maria - Mencionam-se as suas recep-	
ções na rua Formosa	198
L	
Lacerda. Vide Galvão de Lacerda (José).	
Lançada. Vide Visconde da Lançada.	
Lancastre - D. João de - Coronel de um regi-	
mento em 1755	123
Lancastre — D. Veríssimo de—Arcebispo de Évora.	
Funda capela para seu jazigo em S. Pedro	
de Alcântara	335
Lara. Antiquissima familia de Espanha	81
Largo de Jesus. Foi destinado em 1863 para mer-	
cado de leite	297
Latino Coelho — José Maria — Faleceu em Sintra,	
morando na rua de S. Pedro de Alcântara,	400
n.º 75, em Lisboa	329
Lavradio, Vide Conde do Lavradio.	2.2
Lazareto. Projecta-se um em 1800	51

LISBOA ANTIGA	405
	Págs.
Leitão Aranha. Possuiu um prédio no Calhariz.	
Onde	112
Apolónia	113
Lima — Padre Luís de — Baptisou a Sebastião José	206
de Carvalho e Melo	200
Seu elogio e fac-simile da sua assinatura	252
Linde, Vide Perry de Linde.	
Lisboa. Fabulosamente fundada por Ulisses	231
— Vista tomada de S. Pedro de Alcântara	350-A
Livraria do Convento de S. Domingos. Franquea-	
vam-na ao público os Dominicanos	280
Livraria do Convento de S. Francisco. Era aberta	
ao público ledor	280
livro que lhe pertenceu	283
— Serviu em 1896 para Câmara dos Deputados	282
— Sua descrição na Mnemosine Lusitana	282
— Era franqueada ao público pelos Frades	281
Livraria dos Oratorianos, no Hospício das Neces-	20.0
sidades. Era pública	282
Lobo — Francisco Fortunato — Director de um	202
colégio no palácio de André Valente em 1820	182
Lobo e Ribafria. Vide Saldanha de Albuquerque	
de Mesquita Lobo e Ribafria (António de).	
Longo. Vide Alto do Longo.	
Lopes Caetano — Prior da Madalena e instituidor	
de capela nas Mercês	196
Lopes Rosa—Duarte—Administrador dos tabacos.	
Seu falecimento	40
Lorena, Vide Carvalho Daun e Lorena (Fran- cisco de).	
Loulé. Vide Duque de Loulé.	
Lourenço — Fernão — Argentário opulento	21
Lousan, Vide Condessa da Lousan.	2.1
Lousan, vide Condessa all Lousan,	

	Pags.
Lucas, Vide Correia Lucas (Rui).	
Luís XIV, Rei de França. Sua morte, comemorada	
com solenidades fúnebres nos Caetanos em	
1716	257
Lumiares, Vide Conde de Lumiares - Condessa de	
Lumiares,	
Lupi — Miguel — Insigne pintor, Por 1860 morou	
na rua do Arco	302
Liceu de Lisboa. Está projectado e começado para	002
ele um belo edifício na cerca do convento de	
Jesus	299
Liceu Politécnico. Colégio estabelecido em 1887 no	200
	100
palácio de André Valente	186
M	
Macedo. Vide Costa de Macedo (Joaquim José da)	
- Sousa de Macedo (Antônio de).	
Machado — António Francisco — Um dos funda-	
dores do Teatro de S. Carlos	41
— Entra na empresa do Lazareto	52
Machado — Policarpo José — Arrematante, com	0.2
Anselmo José da Cruz Sobral, do Contrato	
do Tabaco	40
Machado de Castro — Joaquim — Era sua uma es-	40
tátua no convento de S. Pedro de Alcântara	336
	7.55
Machado Pinto. Familia opulenta no século XVIII	21
Conhecida pela denominação de Os Machadi-	25
nhos. Fundou palácio na rua do Acipreste	25
Magalhães. Vide Coelho de Magalhães (José Es-	
têvão) — Matos e Vasconcelos Barbosa de	
Magalhães (João de).	
Madalena — Frei João da — Franciscano, Adorna	
com belos quadros o templo do convento de	440
Iesus	294

LISBOA ANTIGA	407
	Págs.
Maia - Manuel da - Reconstruiu depois de 1755	
a livraria da casa dos Caetanos — Obras várias que fez em S. Pedro de Alcân-	261
tara	336
grande quadro do Marquês de Pombal Manuel — D. João — Arcebispo de Lisboa. Menção	210
de um seu retrato	118
tėvão Gonçalves	283
- Edificador da capela-mor da igreja de Jesus	296
Marchione, Família de opulentos armadores	21
Mardel. Esta familia descende por varonia do aba-	
lisado engenheiro hungaro Carlos Mardel	199
Mardel - Carlos - Delineou os chafarizes da rua	
Formosa e da Esperança	199
Maria I - Rainha D Aprova os estatutos do	
Colégio dos Clérigos pobres	327
Maria II - Rainha D Visita em 1841 a fábrica	
de lanifícios da travessa da Horta	304
— Seu retrato aos 16 anos	304-B
Marialva, Vide Marqués (1.º) de Marialva, D. An- tónio Luis de Meneses.	
Mariana de Austria - Rainha D Em 1735 vi-	
sita a igreja dos Caetanos	259
Marquês de Baschi. Embaixador de França junto a	
el-Rei D. José	114
— Seus vários títulos nobiliários	114
Habitou temporàriamente na quinta da Mitra	114
Sua entrada solene e pública em Lisboa	121 e seg.
Marquês de Chavigny. Embaixador del-Rei Luis XV	
em Lisboa	113
Marquês de Ficalho, Marido da Marqueza D. Maria	
Luísa Braamcamp	83
Possuia uma Biblia ricamente iluminada	99

	Págs.
Marquês de Gouveia. Levava dois coches na re-	
cepção do Marquês de Baschi	121
Marquês (1.º) de Marialva. D. António Luís de	
Meneses, Funda o convento de S. Pedro de	
Alcântara	332
—— Seu retrato	332-A
- O seu coração foi sepultado junto do corpo	
del-Rei D, João IV	333
Marquês de Pombal, o grande. Sua certidão de	
baptismo	200
Alguns tópicos da sua vida	201
Marquês de Pombal, o grande. Como se empenhou	
em subir ao cargo de Ministro	7
- Seu retrato literário por Jacome Ratton	208
— Digressão sobre a sua vida depois de 1755	205 e seg.
- Depois do terremoto vai habitar na Ajuda	208
— O seu palácio na rua Formosa	199
- Aluga-o a uns comerciantes estrangeiros	208
- Declara o autor o reviramento dos seus antigos	
sentimentos contrários ao grande Ministro	211 e seg.
- São trasladados os seus ossos de Pombal para	0
Lisboa em 1856	211 e seg.
Marquês de Ponte do Lima, Mordomo-mor e ins-	
pector geral das Obras Públicas	40
Marquês da Praia e de Monforte. Possuia um prédio	
ao Moinho de vento, que ardeu	353
Marques de Salamanca. Comprou em 1874 ao Pa-	
triarca de Lisboa a quinta da Mitra no Poço	
do Bispo	128
Marquês de Santa Iria. Possuia um palacete a	140
S. Pedro de Alcântara	153
Marquês de Távora. Menciona-se o seu irmão Nuno,	1.00
autor de uma importante carta ao Marquês de	
Pombal	213
	213
Marquesa de Valença, D. José Miguel João de Por- tugal e Castro. Introdutor do Embaixador de	
França, Marquês de Baschi	120
France, Marques de Daselli	120

A	0	0
4	U	IJ

	Págs.
Marquesa de Nisa, D. Inês de Noronha. Em sua	-
casa reuniu uma congregação de senhoras	
nobres	240
Martins — Gonçalo — Cónego, instituidor de uma	
antiga capela	12
Martins de Sampaio - Dr. Francisco - Advogado	
da Casa da Suplicação em 1791, morador ao	
Calhariz	95
Mártires, Vide Igreja dos Mártires.	
Mascarenhas - D. António de - Fundador em	
1637 de um Hospital para Clérigos pobres	329
Mascarenhas e Ataíde — D. Teresa Teodora de —	
1.ª mulher de Hermano José Braamcamp	66
Mascarenhas Valdez - Aires de - Morador na tra-	
vessa das Mercês	197
Matos e Vasconcelos Barbosa de Magalhães — João	
de — Desembargador. Habitou em 1828 no pa-	
lácio de André Valente	185
Maine - P. M. Frei José de Jesus Maria - Bom	
frade do convento de Jesus. Seus vários em-	
pregos e seus predicados morais e intelectuais	284
Como organisou um curioso e interessante	
Museu	285
— Falecido em 1792	286
O seu Museu é incorporado nos bens da Aca-	
demia Real das Ciências	286
—— As quintas-feiras do Museu da Academia	293
Mellish. Vide Purry, Mellish, e De Visme.	
Melo. Vide Carvalho e Melo (Sebastião José de)	
Melo. Vide Pinheiro de Melo (João Maria).	
Melo - D. Eugénia de - Mulher de D. Vasco de	
Figueiredo Cabral da Câmara	12
Melo — João Manuel de — Secretário da Academia	
dos Ilustrados	202
Melo — D. José Maria de — 2.º Conde de Murça.	
Imediato sucessor de D. Miguel António de	
Melo	182

	Págs.
Melo — D. Miguel António de — Imediato sucessor	7.07
da 1.* Condessa da Figueira	181
D. Pedro José de Melo Homem, Seus títulos,	
e datas da sua vida	180
Melo Homem — D. José António de — Senhor do	
palácio de André Valente em 1791	180
Melo de Meneses da Silva — D. Maria José de —	
Mulher de D. José Maria de Castelo Branco,	
1.º Conde da Figueira	181
Melo da Silva — D. Joana de — Mulher de António	
Correia da Silva	176
Melos. Possuiram no seu palácio da travessa de	025
André Valente bons quadros	184
Memórias das principais providências no terremoto	
de 1755. Menção minuciosa de um notável	205
exemplar dessa obra	207
Mendes — Luísa — Mulher de António Simões de	100
Pina	166
Mendonça—D. António de — Arcebispo de Lisboa.	
Menção de um seu retrato	117
— Caso com ele acontecido na calçada do Combro	11.6
Mendonça — Francisco Xavier de — Irmão do 1.º	
Marquês de Pombal	20
Meneses, Vide Cunha e Meneses (D. Maria Luisa	20
da) — Pais de Faria Pereira do Amaral e Me-	
neses (João)-Vasconcelos e Meneses (D. Fer-	
nando de).	
Meneses — D. Antão de — Mestre sala da Casa	
Real em 1755	123
Meneses de Brito do Rio - D. Pedro de - Marido	
de D. Maria Krus, moradores na rua Formosa	198
Meneses da Silva. Vide Melo de Meneses da Silva	
(D. Maria José de).	
Meninos perdidos. Vide Ermida dos Fieis de Deus,	

	Pags.
Meninos perdidos. Eram entregues no fim do século	
xvi na ermida da Ascensão	187
Mercês. Vide Cemitério das Mercês — Freguesia das Mercês.	
Mesquita. Vide Castro Pereira da Mesquita (Manuel de).	
Mesquita Lobo e Ribafria. Vide Saldanha de Albu- querque de Mesquita Lobo e Ribafria (An- tónio de).	
Miliet — Gabriel — Possui uma fábrica na rua For-	
mosa e vendeu-a a Ratton	270
Ministério dos Negócios Estrangeiros. Esteve de	
1882 a 1892 no palácio Palmela Miranda. Vide Henriques de Miranda (Henrique).	159
Miranda — Martim Afonso de — Cita-se o seu livro	
Triunjos da Cruz	315
de Sandomil. — Vide Conde de Sandomil.	
Miranda Henriques — José Joaquim de — Em 1746 foi nomeado para uma Irmandade nos Cae-	
tanos	268
na Academia Real das Ciências	283
Mercès	197
Mocidade católica — Associação da — Teve a sua	
sede em parte do palácio Olhão	165
para de D. Pedro V	354
Moltke — General Von — Dito a respeito dele	316
Mónica — Santa — Vide Freiras de Santa Mónica.	
Monte do Carmo. Vide Senhora do Monte do Carmo.	
Monteiro Vacondeus — Padre João Adelino—Envia ao autor a certidão obituária do grande Bar-	
tolozzi, Vide a Nota IV.	

	Págs.
Morgado da Alagoa. O 2.º intenta demanda a seu	
tio Joaquim Inácio; porquê. Teve sentença	0.0
contra	36
Moura. Vide Silva Franco de Moura (D. Maria Antónia da).	
Moura - D. Clara Rosa de - Mulher do Desem-	
bargador Carlos António da Silva Franco	71
Mourão e Vasconcelos. Vide Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos (D. José Maria de).	
Mcusinho - Mateus - Vereador no século XVII.	
Opõe-se à ampliação do convento de S. Pedro	
de Alcântara	335
Mumias de Santa Apolónia. Uma delas era Luís de	
Abreu de Freitas	202
Muralha de S. Pedro de Alcântara. Tinha 20 metros	
de altura sobre a rua das Taipas	345
— Foi ai um monturo	343
Murça, Vide Conde de Murça.	
Museu Allen no Porto. Haverá Governo que se	
atreva a vende-lo?	290
Museu Britânico. Começado por Sir Hans Sloane	290
Museu do Padre Mayne. Vide Mayne.	
N	
Napoleão I, Imperador dos Franceses. Teve por	
ajudante de campo o Conde de Narbonne-	
-Lara	80
Narbonne. Vide Conde de Narbonne.	
Narbonne-Lara, Vide Duquesa de Narbonne-Lara.	
Neto. Vide Gonçalves Neto (Estêvão).	
Neto da Silva — Luís António — Informações que	
dá ao autor	109
Neves — Alberto — Comprador do terreno do an-	
tigo cemitério das Mercès em Lisboa	219
— Dono de uma fábrica de carruagens ai	219
Neves Pinto Brandão — Padre Manuel das—Dirige	253
o culto na ermida actual da Ascensão	191

	Págs.
Niza. Vide Marquesa de Niza (D. Inês de Noronha).	-
Nogueira. Vide Sá Nogueira (Aires de).	
Noronha — D. Inês de — Marquesa de Niza. Vide Marquesa de Niza.	
Noronha - D. Miguel de - Conde de Paraty, ma-	
rido da Condessa D. Isabel de Sousa Botelho	74
Noronha e Castro — D. Maria Ana de — Seus pais	
e seu marido que eram	241
— Jaz nos Caetanos. Seu epitátio	240
Nunes — Simão Caetano — Famoso artista, mestre	
de Gaspar José Raposo Nunes da Silva — Padre André — É-lhe concedido	43
um altar nas Mercês	196
O	
Oliveira — Domingos de — Oratoriano, amigo do	
Padre Cruz	8
Oliveira da Silva — Mestre das obras empreendidas	
no profanado cemitério das Mercês	222
— Seus louváveis mas infructuosos esforços para	200
salvar os ossos do grande Bocage Oliveira Zagalo — Rodrigo de — Foi Reitor do	222
Colégio dos Clérigos pobres Ottolini, Vide Sarmento Ottolini (D. Mariana).	328
P	
Pacheco. Vide Gouveia Pacheco (D. Caetano de).	
Paço de Queluz. Para aí se retira a Real Família em 1794, depois do incêndio do paço velho da	
Ajuda	207
Paço velho da Ajuda. Menção dele em 1760 pelo	201
Embaixador de Inglaterra	205
— Incendiado em 1794	207
Pais de Faria Pereira do Amaral e Meneses — João	
- Casado com D. Maria Joana de Barros, Men-	4
cionam-se	318

	Págs.
Page — D. Eusébio — Morou no palácio Palmela	
ao Calhariz	159
Paiva da Gama — João de — Opoente numa de-	
manda de reivindicação de morgado	178
Palácio Niza, em S. Roque. Aí se reuniu uma con-	
gregação de senhoras nobres, chamada da Di-	
vina Providência	240
Palácio Palmela, ao Calhariz. Estuda-se esse edifício	
célebre, desde a sua construção até hoje	141 e seg.
- Descrição exterior, e estampa, 152-B e	155
Palácio Sobral, ao Calhariz. Onde era situado	5
Estudo minucioso dessa importante residência	5 e seg.
— Descrição exterior	24
— Vista do palácio	24
crustada num dos cunhais	26
— Descrição das salas em 1793	44 e seg.
— Pessoas da família aí nascidas e falecidas	100
Palácio Sobral, no Terreiro do Paço. Vários mora-	100
dores que teve	96
- Incendeia-se em 1830; circunstâncias do in-	50
cêndio 96 e	97, nota
	or, nota
Pamela. Vide Duque de Palmela (D. Pedro de	
Sousa-Holstein) — Palácio Palmela.	
Pamplona de Sousa — D. Juliana — Mulher de	70
Geraldo José Braamcamp	72
Paraty. Vide Conde de Paraty.	202
Pascasio. Antigo apelido	253
Passeio de S. Pedro de Alcântara. Descrição dele	2.70
muito rápida	345
Pos-se uma grade na sua alameda superior	0.11
em 1863	350
— Descrição da vista estupenda desse alto	351
- O tanque de cima pertenceu à quinta Real da	
Bemposta	353
— Quatro notas descritivas	343

LISBOA ANTIGA	415
	Págs.
Pato Infante — João Caetano — Informações suas	-
ao autor	158
Patriarcal de Lisboa. Festejou-se a sua criação com	
festa nos Caetanos	258
Pedro II — Imperador D. — (do Brasil) — Assiste	
a uma sessão na Academia Real das Ciências	
de Lisboa em 1872	298
Pedro III — El-Rei D. — Oferece ao Padre Mayne	
um precioso aparelho de louça de Saxonia	292
Penamacor. Vide Conde de Penamacor.	
Pereira, Vide Alves Pereira (Veríssimo).	
Pereira — Diogo — Havia quadros seus no Museu	
do Padre Mayne	291
Pereira do Amaral e Meneses. Vide Pais de Faria	
Pereira do Amaral e Meneses (João).	
Pereira de Araújo — João — Morador a S. Crispim	
em 1690 e tantos	142
Pereira Caldas — João — Um dos fundadores do	
Teatro de S. Carlos	41
Pereira de Castro - Francisco Luís-Entra na em-	
presa do Lazareto	52
Pereira da Mesquita. Vide Castro Pereira da Mes-	
quita (Manuel de).	
Pereira de Sousa Caldas — José — Entra na em-	
presa do Lazareto	52
Peres. Vide Pereira de Sousa Peres (José).	
Peres — Miguel Lourenço — Entra na empresa do	
Lazareto	52
Pery de Linde. Essa família possuiu um palácio na	
travessa das Mercês	197
Perry — Horatio Justus — Diplomata americano.	
Compra em 1874 a quinta da Mitra ao Mar-	
quês de Salamanca	128
Perry — Horatio Justus — Sua rápida biografia	128 e seg.
Perry y Coronado de Torres-Cabrera — D Matilde	
— Filha de Horatio Justus Perry e D. Carolina	1.00
Coronado	198

	Págs.
Petitot. Pintor em esmalte	100
Picardia. Província de França	254
Picotas Falcão. Menciona-se o seu apreciável livro	
O Municipio de Lisboa e a casa da sua Câ-	
mara	338
Pilarick. Apelido alemão	255
Pillement. Havia quadros seus no Museu do Padre	
Mayne	291
Pina. Vide Sampaio e Pina (Manuel de) — Simões de Pina (António).	
Pina - D. Catarina de - Mulher do Desembar-	
gador André Valente	177
- Sucessora dos bens do marido	172
Como se frustaram as suas disposições testa-	
mentárias	173 e seg.
Pindella. Vide Visconde (2.º) de Pindella.	
Pinheiro de Melo - João Maria - Filho do Conde	
de Arnoso e actual senhor do palácio de André	
Valente	183
Pinheiro Salgado — José — Entra na empresa do	
Lazareto	52
Pinheiro da Veiga — Tomé — Jurisconsulto célebre	
e Desembargador. Sepultou-se em Santo An-	
tónio da Sé	312
O seu epitáfio apareceu na rua da Quin-	
tinha (!)	313
Pinto. Vide Machado Pinto.	
Pinto Brandão. Vide Neves Pinto Brandão (Padre	
Manuel das).	
Pinto da Fonseca — Manuel — Habitou no palácio	
Palmela, ao Calhariz	158
Pires — Henrique José — Morou de 1849 a 1854 no	
palácio de André Valente	185
Pires — Conselheiro Joaquim — Dono de um pala-	
cete na rua Direita das Chagas	160
Pombal. Vide Marquês de Pombal.	
Pompeia. Cidade filha de Hercules neta de Juniter	931

10		4	-
1	Ŀ	1	1
n	С	1	

	Págs.
Ponte do Lima. Vide Marquês de Ponte do Lima.	
Porcille — Francisco Xavier — Desembargador	13
Porcille. Quatro notícias desta família. O seu palácio	
ao Socorro	13
Portugal - D. Mariana Joaquina de - Mulher de	
D. António José de Melo Homem	180
Praia. Vide Marquês da Praia e de Monforte.	
Prazeres — Soror Agostinha Maria dos — Filha de	
João Francisco da Cruz	- 7
Princesa da Beira. Seu nascimento em 1793; festejos	
públicos	42
Prussia e Holanda. Vide Nota II.	
Purry, Mellish, e Devismes. Esta firma comercial	
aluga o palácio Pombal depois de 1755; renda	
que pagava	208
Q	
Queluz. Vide Paço de Queluz.	
Quinta do Calhariz, junto a Azeitão. Aí esteve	
el-Rei D. João V	146
- A respeito dela menciona-se um livro de	
Eduardo Montufar Barreiros	146
Quinta da Mitra, no Poço do Bispo. Sua rápida	
descrição	114 e seg.
— Descrição das salas; retratos que ai estiveram	116 e seg.
- Aí se alojaram em 1755 as Freiras de Santa	
Mónica	125
— Aí faleceu em 1845 D. Francisco de S. Luis,	
Patriarca de Lisboa	126
Vendida pelos Prelados ao Marquês de Sala-	
manca	126 e seg.
Quintela. Família opulenta	21
Quintela - Joaquim Pedro - Um dos fundadores	
do Teatro de S. Carlos	41
— Entra na empresa do Lazareto	52
Quintinha — Rua da — Chamou-se da quintinha do	
Saldanha	310

R

	Págs
Raczynski - Conde - Vide Conde Raczynski.	-
Raposo - Gaspar José - Pintor e arquitecto, dis-	
cípulo de Simão Caetano Nunes	43
Ratton - Jacome - Muitas vezes são citados de-	
· poimentos seus acerca dos Cruzes 19 e	passim
- Deixou-nos no seu livro belas apreciações au-	
tênticas do Marquês de Pombal	208 e seg.
— Teve uma fábrica na rua Formosa	270
Notícia do seu palácio na rua Formosa, Restos	
do seu espólio	270
- Morou na esquina da rua da Cruz para os	
Poiais	320
Ravizza — Monsenhor D. Francisco — Arcebispo	
de Sidónia, Nuncio Apostólico, Caso por sua	
causa sucedido	192
Recolhimento do Espírito Santo. Na rua do Arco.	
Noticias dele	301
Recolhimento de mulheres, junto aos Fieis de Deus	234 e seg.
Revolução (A) de Setembro, periódico lisbonense;	
esteve em parte do palácio Olhão	165
Ribafria. Vide Saldanha de Albuquerque de Mes-	
quita Lobo e Ribafria (António de).	
Ribeiro — João Silvestre — Rebate-se uma asserção	
desse douto escritor	324
Ribeiro - Victor - Denuncia ao autor vários do-	
cumentos	333
- Extratam-se trechos da sua História da Mise-	
ricórdia	338 e seg.
Ribeiro Guimarães — José — Menciona-se a sua	
bela biografia de Luísa Todi	354
Ricardes — Leão — Tabelião em Lisboa no século	
XVII	173
Rio. Vide Crasto do Rio (Antão Vaz de).	
Rios. Vide Fernandes de los Rios (D. Angel).	
Rocha - Joaquim Manuel da - Havia quadros	
seus no Museu do Padre Mayne	291

LISBOA ANTIGA	419
	Págs.
Rodrigues - José Júlio - Dirige a secção fotográ-	-
fica da Comissão geodesica	298
Rodrigues — Manuel — Dono de uma casa de	
hóspedes no palácio de André Valente	185
Rodrigues do Alamo — Diogo — Argentario	21
Rodrigues Caldas — João — Arrematante, com An-	
selmo José da Cruz Sobral, do Contrato do	
Tabaco	40
Rodrigues Lima — Padre João Manuel — Prior das	
Mercês actual. Passa ao autor certidão do re-	
gisto obituário de Bocage	225
Roever - Dr. Nicolau de - Citam-se umas suas	
pesquisas genealogicas sobre a família holan-	
deza de Braamcamp	60 e seg.
Rodrigues Tinoco — Marcos — Proprietário antigo	
de um prédio a S. Pedro de Alcântara	335
Rollandelli e Basso. Firma comercial em Génova,	
onde entra Anselmo José da Cruz Sobral	38
Roma. Tem por avó uma loba	231
Rosa. Vide Lopes Rosa (Duarte).	
Rosa — Salvador — Quadro seu no palácio Sobral.	
Destino que teve	98
Rubens. Quadro seu da Ressurreição na igreja de	
Jesus	295
S	
Sá — Duarte de — Director antigo do Conservatório	250
- Menção honrosa dele	267
Sá Nogueira — Aires de — Pertence em 1856 a uma	
comissão da Câmara Municipal	211
- Propõe se coloque uma grade na muralha de	
S. Pedro de Alcântara	346
Sabugosa. Vide Conde de Sabugosa.	
Sacripante, Antigo apelido	254

	rags.
Salamanca. Vide Marquês de Salamanca.	
Saldanha. Vide Duque de Saldanha.	
Saldanha de Albuquerque de Mesquita Lobo e Ri-	
bafria — António de — Em sua casa se reune	
a Academia dos Hustrados em 1720	202
Saldanha e Castro — D. Maria Emilia de — Mulher	
de José Augusto Braamcamp	72
Salema. A essa família pertencia um palacete na	
rua do Moinho de Vento	354
Salgado, Vide Pinheiro Salgado (José).	
Sampaio. Vide Martins Sampaio (Francisco).	
Sampaio e Pina - Manuel de - Avô do Visconde	
da Lançada actual	198
Sandomil. Vide Conde de Sandomil,	
San-Lourenço. Vide Conde de San Lourenço.	
San-Luís - D. Frei Francisco de - Patriarca de	
de Lisboa. Faleceu em 1845 na quinta da Mitra	126
Santa Iria. Vide Marquês de Santa Iria.	
Santarém, Vide Visconde de Santarém.	
Santos - Monsenhor Alfredo Elviro dos - Con-	
seguiu transformar a Irmandade dos Clérigos	
pobres, de Santa Marta, em Associação de so-	
corros mútuos	330
Santos Ala — João dos — Pintou para a igreja de	
Jeus quadros da vida da Virgem	205
Sarmento Ottolini - D. Mariana - Por 1879 e 80	
morou na rua do Arco	302
Sena. Vide Gonçalves de Sena (Luis).	
Senhor dos Passos dos Caetanos, Sua Imagem	258-A
Senhora da Conceição. Quadro do antigo Museu	
Maynense	292-A
Senhora da Divina Providência. Imagem dos Cae-	
tanos	240
Senhora de Jesus. Imagem venerada na sua igreja	274-A
Senhora do Monte do Carmo. Orago da capela do	
Visconde da Lançada na rua Formosa	198

	Págs.
Sena. Vide Silva e Sena (Caetano José da).	070
Sequeira — Domingos António de — Retrata José	
Francisco Braamcamp; essa pintura é des-	
truída num incêndio	71
— O mesmo assunto	354
Shannon — D. Carolina Sofia — 2.ª Baroneza de	
Almeirim	73
Silva. Vide Correia da Silva (António) — Correia	
da Silva (Francisco) — Correia da Silva (Je-	
rónimo) — Melo de Meneses da Silva D. Maria	
da Silva (D. Maria José de) - Melo da Silva	
(D. Joana de)-Neto da Silva (Luís António)	
— Nunes da Silva (André)—Oliveira da Silva	
— Ventura da Silva (José).	
Silva — Agostinho da — Zeloso e gratuito director	
do Passeio de S. Pedro de Alcântara	345
Silva - Henrique José da - (Henrino) pintor,	
irmão do célebre caligrafo Ventura	221
- Pintou o retrato de Bocage no derradeiro pe-	
ríodo da vida	221
— Partiu para o Brasil depois de 1812. Sua des-	
cendência no Rio de Janeiro	221
Silva — Jorge da — Acrescenta com dádivas a li-	
vraria de Frei António Freire	292
Silva — D. Maria da — Instituidora de um vinculo	142
Silva — Possidónio da — Ofereceu ao autor uma	
miniatura de António Holanda	264
Silva Franco — Carlos António da — Desembar-	
gador, instituidor do morgado da Vitória em	
Sacavém	71
Silva Franco — Manuel da — Entra na empresa do	-
Lazareto	52
Silva Franco de Moura — D. Maria Antónia da —	-
Mulher de José Francisco Braamcamp	71
Silva e Sena — Caetano José da — Administrador	
em 1755 de uma capela nas Mercês	196

	Págs.
Silva Tulio — António da — Foi administrador lite-	
rário da Tipografia da Academia	299
Silva Vieira - Carlos Ciryllo da - Foi Director	
técnico da Tipografia da Academia	299
- Prestou esclarecimentos ao autor	300
Silveira - D. Milícia da - Mulher do Brigadeiro	
Rui Correia Lucas (século xvII)	323
Simões de Pina — António — Casado com Luísa	
Mendes; senhor de uma casa na calçada do	
Combro	166
- Fundador da capela da Ascensão em 1578;	
lápide que o memora	190
Sloane - Dr. Hans - Coleccionador do Museu par-	
ticular, que serviu de nucleo ao Museu Bri-	
tânico	290
Sobral. Vide Conde do Sobral - Palácio Sobral -	
Viscondessa do Sobral.	
Sobral de Almeida Castelo Branco. Vide Braam-	
camp do Sobral de Almeida Castelo Branco	
(Hermano José).	
Sociedade promotora das Belas-Artes. Deseja le-	
vantar em S. Pedro de Alcântara um pavilhão	
para exposições	349
Sola. Vide Ferreira Sola (António José).	
Sousa Vide Pamplona de Sousa (D. Juliana).	
Sousa - D. António Caetano de - Menção desse	
ilustre Teatino e fac-simile da sua assinatura	250
Sousa - D. Diogo de - de alcunha o Lambaz.	
Donde proviria a alcunha	140
Sousa — D. Francisco de—(século xvII). Quem era	140 e seg.
Como o avalia o seu amigo Bluteau	141
- Projecta edificar um palácio. Operação finan-	
ceiras	142
— Quando faleceu	144
Sousa - D. Francisco de - Filho do antecedente,	
e mangeho de alto mérito	144

	Págs.
Sousa - D. Francisco Xavier Pedro de - Vedor	-
da Casa Real. Recebe o Marquês de Baschi	
em nome del-Rei D. José	116
— Nova menção dele	123
Sousa — D. Joana Maria de — Mulher de João	
Francisco da Cruz	6
Sousa — D. Luís de — Arcebispo de Lisboa. Refe-	
rência a um seu retrato	117
Sousa Botelho - D. Isabel de - Condessa de Pa-	
raty	74
Sousa Botelho - D. Maria Amália de - Viscon-	
dessa de Pindela	75
Sousa Botelho - D. Maria Inácia de - Casa com	
António Xavier Texeira Homem de Brederode	74
Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos - D. José	
Maria de — Morgado de Mateus	79
Sousa e Brito — Rodrigo Vitorino de — Casa com	
a viúva de Joaquim Inácio da Cruz Sobral,	
que o era já também de José Street de Arriaga	37
Sousa Caldas. Vide Pereira de Sousa Caldas (José).	
Sousa Freire — Manuel de — Entra na empresa do	
Lazareto	52
Sousa de Macedo. Vide Costa de Sousa de Macedo.	
Sousa de Macedo - António de - Jaz no con-	
vento de Jesus com sua mulher. Seu epitáfio	
latino	277
- Mencionam-se vários retratos seus	279
— Foram dele muitos livros da actual livraria	
de Jesus	294
— Sen retrato à pena	278-A
Sousa de Macedo — António — Filho do precedente	
e Barão da Ilha grande de Joanes	279
Sousa Peres. Vide Pereira de Sousa Peres (José).	
Sousas Calharizes. Várias moradas que tiveram em	
Lisboa	141

	Págs.
Street — Guilherme — Marido de D. Bárbara de Nodin de Arriaga, e pai de Guilherme Street	-
de Arriaga	37
Street de Arriaga — José — Filho do antecedente,	
e avô do Conde de Carnide, Foi instituidor de	07
um vínculo	37
— Casa com a viúva de Joaquim Inácio Sobral	37
Suicídios — Foram frequentes da muralha de	0.17
S. Pedro de Alcântara a baixo	347
T	
Távora. Vide Marquês de Távora.	
Távora — Nuno de — Irmão do Marquês de Távora	
justiçado em Belém. Uma carta sua	213
Teate. Sede de um Arcebispado em Itália. Daí o	200
nome de Teatinos	237
Teatinos. Suas obrigações quanto a bens de raiz	600
e a outros bens	240
- O que valiam como trabalhadores indefesos	248
- Tiveram em 1671 um hóspede Real	244
- Várias festas que celebraram no seu convento	256 e seg.
São extintos em 1834	261
Teatro de S. Carlos. Começa-se a sua construção	
Quem foram os fundadores	41
Teixeira de Aragão - Augusto Carlos - Possuia	
uma miniatura de certo livro do convento dos	
Jerónimos	264
Teixeira Homem de Brederode - António Xavier	
- Marido de D. Maria Inácia de Sousa Bo-	
telho	74
Terceiros — Capela dos — Os estuques são de Grossi	297
Therbouché. Quadro seu no palácio Sobral	99
Thiene - S. Caetano de-Auxilia ao Arcebispo Ca-	
raffa na fundação de uma Ordem religiosa	237
Tomás. Vide Fernandes Tomás (Manuel).	
Tinoco, Vide Rodrigues Tinoco (Marcos).	

	. ~	-
18	•,	10

	Págs.
Tivisco (D.) de Nasao Zarco e Colonna. Crypto-	
nymo do genealogista Manuel de Carvalho	
e Ataide	201
Todi — Luísa — Grande cantora portuguesa; canta	
numa serenata dos Cruzes em 1792	49
Morre na travessa da Estrela	354
Tolentino de Almeida — Nicolau—Morreu em 1811,	
na rua dos Cardais de Jesus	310
- Jazia este grandíssimo poeta no cemitério das	
Mercês	223
Torre-Cabrera - D. Pedro de - Filho dos Mar-	
queses de Torres-Cabrera, de Espanha	128
Toscano. Vide Café Toscano.	
Trabuco. Logarejo na Berberia	254
Tullio Vide Silva Tullio (António da).	
Tipografia da Academia Real das Ciências. Fun-	
dada em 1780	298
7 24	
U	
Ulysses. Fabuloso fundador de Lisboa	231
*	
V	
Vacondeus. Vide Monteiro Vacondeus (Padre João	
Adelino).	210
Vaivode. O que significa esta palavra na Valachia	245
Valdevinos. Apelido de família	254
Valdez. Vide Mascarenhas Valdez (Aires de).	
Valença. Vide Marquês de Valença.	
Valente — André — Desembargador, etc. Marido	2.40
de D. Catarina de Pina	167
— Senhor do palácio da calçada do Combro	179
— Aforou um beco à Câmara de Lisboa	169
Possuiu uma quinta em Arroios	169
— Parece faleceu em 1627	171

	Págs.
Vasconcelos. Vide Cabedo de Vasconcelos (Jorge	
de) — Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos	
(D. José Maria de).	
Vasconcelos Barbosa de Magalhães. Vide Matos e	
Vasconcelos Barbosa de Magalhães (João de).	
Vasconcelos e Meneses — D. Fernando de — Arce-	
bispo de Lisboa, Menção de um seu retrato	119
Vaz de Almeida - Martim - Instituidor do mor-	
gado da Paian em 1555	66
Vaz da Costa-D. Martinho-Arcebispo de Lisboa.	
Menção de um retrato seu	120
Vaz Rans de Campos Barreto Froes — Gregório —	
Quando vereador, apadrinhou o desejo da So-	
ciedade de Belas-Artes de um pavilhão em	
S. Pedro de Alcântara	348
Veiga, Vide Estácio da Veiga — Pinheiro da Veiga	
(Tomé).	
Ventura da Silva-José-Caligrafo notável, irmão	
de Henrino	221
Vereação. Determina em 1592 os poisos dos me-	
ninos perdidos	232
Viana. Vide Amorim Viana (João António de).	
Viegas — Simão — Pai de Jerônimo Correia da	
Silva	175
Vieira. Vide Silva Vieira (Carlos Cirilo da).	
Vieira Lusitano — Francisco—Pintor ilustre, amigo	
intimo do seu confrade André Gonçalves	196
Havia desenhos de Vieira no Museu do Padre	
Mayne	291
Vieira Lusitano — Francisco — Era seu o retrato	
de uma senhora Real no convento de Jesus	296
Vigée-Lebrun — M.me — Pintora célebre, autora de	
um retrato da Condessa de Narbone	100
Vilhena. Vide Almeida Manuel de Vilhena (D. To-	
más de).	
Vila Flor, Vide Conde de Vila Flor.	

	Págs.
Vila Franca. Vide Conde de Vila Franca (D. Pedro da Costa).	-
Vila Real. Vide Conde de Vila Real.	
Villemain. Cita-se a sua obra Souvenirs contempo-	
rains	81
Visconde de Alcochete. Herda o palácio de Ratton	-
na rua Formosa	271
Visconde de Almeida Garrett. Coloca nos Caetanos	
o Conservatório em 1836	265
Visconde da Lançada. Senhor de um palácio na rua	
Formosa	197
Visconde (2.º) de Pindella. Marido da Viscondessa	
D. Maria Amália de Sousa Botelho	75
Visconde (1.º) de Santarém. Casou cm D. Maria	
Rita Xavier Porcille	13
Visconde do Zambujal. Teve um palácio na rua dos	
Cardais	309
Viscondessa da Asseca. Em 1903 mora em parte	
do palácio Pombal na rua Formosa	199
Viscondessa do Sobral. Possuia uns valiosos retratos	
dos filhos de Luís XV. Existem	99
Visitas Reais, a estabelecimentos públicos. Quanto	
são úteis	305
Vista, tomada em 1845, da alameda de S. Pedro	
de Alcântara	351
Voluntários Realistas. Aquartelaram-se na casa dos	
Teatinos em tempo do senhor D. Miguel	260
W	
Wellington. Vide Duque de Wellington.	
z	
Zagallo, Vide Oliveira Zagallo (Rodrigo de)	

Lagano.	ide Oliveira Zagano (Roarigo de).	
Zambujal.	Vide Visconde do Zambujal.	
Zanhaga.	Região no Saharah	255

The state of the s

The state of the s

A Company of the all all and the state of th

Page X of the Principal Corp. on the corp. in the corp.

Viscosias de America de 1911 nous de principal de la constanta de la constanta

Vicentical to Storic Principles values in the land

Villet Bloke Complete State Complete Co

the plant of the later of the l

was well as we

with the last the part of the

The second second

Amination with William're Control (States of Long)

RESENHA

DAS

ILUSTRAÇÕES DESTE VOLUME

- Pág. 18-A Retrato de Joaquim Inácio da Cruz Sobral Desenho a lápis sobre pergaminho por J. de C., cópia de uma gravura antiga.
- Pág, 24-A Vista do palácio Sobral no Calhariz Aguarela a tinta da China por J. de C., conjecturalmente feita pelas descrições apresentadas na mesma página, auxiliadas da memória, Na vista do palácio Palmela, a diante colada, na página 152-B, vê-se o cunhal do vizinho palácio, que deu aproximadamente a altura dos andares.
- Pág. 42 Fac-simile da assinatura de Anselmo José da Cruz Sobral O autógrafo foi oferecido ao autor deste livro pelo seu bom amigo o sr. António Cipriano Eleutério da Costa Trancoso.
- Pág. 62-A Retrato do célebre coleccionador holandês de quadros e esculturas, Gerrett Braamcamp Fotogravura de uma bela gravura coeva, em poder de Anselmo Braamcamp Freire.
- Pág. 66-A Retrato de Hermano José Braamcamp, Ministro de Prussia em Lisboa, e o 1.º da familia fixado em Portugal — Fotograyura de um retrato a óleo em poder de Anselmo Braamcamp Freire.
- Pág. 72-A Anselmo José Braamcamp Reprodução de uma litografía, em cujo lado inferior se lê: Lit. N. Gonzalez Madrid.
- Pág. 76 Fac-simile da assinatura de Geraldo Venceslau Braamcamp de Almeida Castel Branco (como ele assinava) — Tem a mesma procedência do fac-simile a pág. 42.
- Pág. 80-A Retrato do Conde de Narbonne-Lara Fotogravura do retrato por Gérard, em poder do seu descendente o actual Conde do Sobral.
- Pág. 86 Fac-simile da assinatura do notável erudito e diplomata o Abade José Correia da Serra, Secretário da Academia Real das Ciências.
- Pág. 94-A O Duque de Wellington Reprodução da grande gravura em cobre que precede o livro raro intitulado Campaigns | of the | British Army | in | Portugal | under the command of | General the Marquis of Wellington, | K. B.... London 1813 Fol. max. A dita gravura traz na parte inferior, à esquerda: Painted and engraved by H. Lévêque. Em baixo: Field Marshal Arthur Duque of Wellington. | Duke of Ciudad Rodrigo in Spain, Duke of Victoria in Portugal, etc. Pub.d 1815 for the Proprietor by Mess.** Colnaghi et C.*

- Pág. 114-A Vista da Quinta da Mitra, ao Poço do Bispo, tomada da estrada ao ir de Xabregas Fotogravura de um desenho do habilíssimo artista o sr. Roque Gameiro, pelo mesmo obsequiosamente oferecido à Lisboa antiga, que muito lho agradece.
- Pág. 122-A Vista do Paço da Ribeira em Lisboa, no século XVIII.
- Pág. 136-A Horatio Justus Perry Reprodução de uma fotogravura publicada num periódico ilustrado de Boston (Estados Unidos da América do Norte).
- Pág. 152-A D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º Conde de Palmela, e depois Duque da mesma vila.
- Pág. 152-B Palácio dos Duques de Palmela no Calhariz, em Lisboa.
- Pág. 188-A O S. Jesus dos impossíveis. Venera-se esta Imagem na Ermida da Ascensão sita na Calçada do Combro — Fotogravura de uma gravura em cobre sem nome do autor.
- Pág. 188-B Ascensão do Senhor Quadro que existiu na sua Ermida na Calçada do Combro. Reprodução de uma litografia assinada Menna — Off. R. de S. Paulo N.º 5.
- Pág. 194-A Sr. Jesus do Patrocínio á Coluna que se venera na Igreja de Nossa Senhora das Mercês — Fotogravura de uma má gravura em cobre assinada Debrie.
- Pág. 194-B Imagem de Nossa Senhora das Mercês na sua capela da rua Formosa.
- Pág. 200-A Retrato do Marquês de Pombal Pintura a óleo sobre tela, atribuído a Josefa do Salitre — Séc. xviii.
- Pág. 210-A O túmulo do Marquês de Pombal, na capela das Mercês Desenho do natural, por J. Cristino.
- Pág. 218-A Frontaria do antigo cemitério da freguesia das Mercês Calco por J. de C., a tinta da China, do desenho arquitectónico levantado pelo sr. Oliveira da Silva.
- Pág. 221 Planta do cemitério das Mercês, contido entre a rua do Carvalho, a travessa das Mercês, a rua dos Caetanos, e os prédios que deitam para a travessa dos Fiéis de Deus. O mesmo que o antecedente.
- Pág. 222-A—Retrato de Manuel Maria Barbosa du Bocage—Gravura de Bartolozzi, cópia do quadro mintado do natural por Henrique José da Silva (Henrino). Vide a Nota III.
- Pág. 222-B Francisco Bartolozzi, o celebérrimo e insígne gravador italiano, Português pelo coração e pela residência. Pertence-nos esta glória. A estampa é reprodução de um desenho á pena por J. de C., em Abril de 1902, cópia da gravura de Bouilliard, a qual mede 36 centímetros de alto sobre 25 e meio de largo. A cópia á pena mede 15 centímetros e meio de alto sobre 11 de largo. Vide a Nota IV.
- Pág. 232 Ermida dos Fiéis de Deus, segundo Braunio.

- Pág, 286-A Nossa Senhora da Divina Providência Reprodução de gravura em cobre; por muito aparada não se vê o nome do gravador.
- Pág. 236-B Gravura em cobre com estes dizeres:

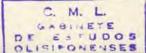
S. Caetano, e N. S. da Divina Providencia.

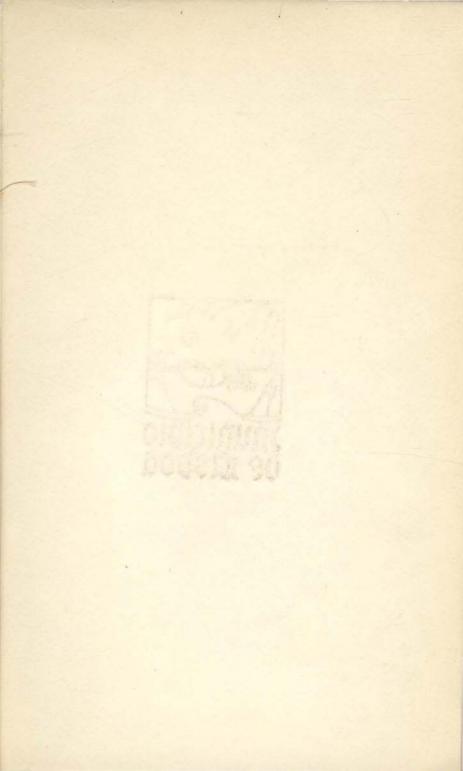
A S. Caetano Rogamos Com fervor e reverencia Que nos de atê a morte A divina Providencia

Sem nome de gravador.

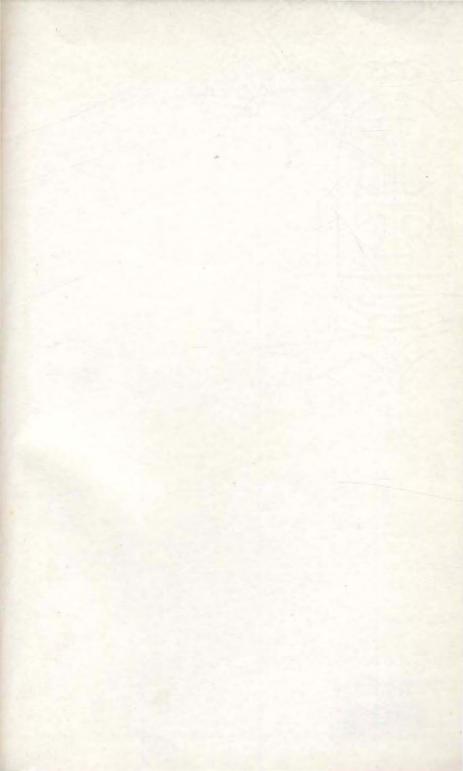
- Pág. 250 Fac simile da assinatura de D. António Caetano de Sousa, Clérigo Regular Teatino, feita em 23 de Janeiro de 1754 no processo do Familiar do Santo Ofício D. António da Silveira e Albuquerque, Tinha então aquele ilustre Theatino 80 anos. Calco tirado por J. de C. na Torre do Tombo.
- Pág. 251 Fac-simile da assinatura do Clérigo Regular Theatino, D. José Barbosa, feita em 31 de Agosto de 1742 no processo do Familiar do Santo Offcio, Padre D. António Luís Vilares, Clérigo Regular. Tinha então D. José 68 anos de idade, e morava no convento dos Cactanos. Calco tirado por J. de C. na Torre do Tombo.
- Pág. 252 Fac-simile da assinatura do Clérigo Regular Theatino, D. Caetano de Gouveia, feita em 31 de Agosto de 1742 no processo do Familiar D. António Luís Vilares, Clérigo Regular. Tinha então D. Caetano 45 anos de idade, e morava no seu convento dos Caetanos. Calco tirado por J. de C. na Torre do Tombo.
- Pág, 252 Fac-simile da assinatura do Clérigo Regular Theatino, D. Luís Caetano de Lima, feita na data e com as mesmas circunstâncias da antecedente. Tinha então D. Luís 70 anos. Calco tirado por J. de C. na Torre do Tombo.
- Pág. 258-A O Senhor dos Passos dos Caetanos Fotogravura de uma gravura em cobre, assinada P. E. 1866 Estamparia, Rua do Ouro, 6, Lx."
- Pág. 262-A Igreja do convento de Nossa Senhora da Divina Providência, dos Clérigos Regulares Theatinos, na actual rua dos Caetanos, tal como era em 1833 segundo desenho de Luís Gonzaga Pereira. Cópia por J. de C.
- Pág. 274-A N. S. de Jesus. A quem diante desta Imagem rezar huma Ave M.* conc. o Em.* S.* Card. Patriarcha 40 dias de Induigencias — Gravura em cobre assinada *Queiroz fez*.
- Pág. 274-B Frontaria da igreja do convento de Jesus, sobre o largo do mesmo nome. Reprodução da Mnemosine Lusitana. Vê-se o antigo adro, com o engraçado feitio que tinha. Pouco obstruia, ou nada, aquela praça pouco concorrida, mas demoliram-no. A gravura é assinada P. A. Cavroé copiou, Fon.ca Filho esculp.

- Pág, 278-A Retrato do Doutor António de Sousa de Macedo Reprodução de um desenho à pena por J. de C. no estilo das antigas gravuras.
- Pág. 278-B Aspecto geral da igreja de Jesus, com uma parte do edificio do convento, hoje Academia Real das Ciências. Ao fundo vê-se o Recolhimento da Ordem Terceira, Reprodução de fotografia tirada taivez da cerca.
- Pág. 292-A Nossa Senhora da Conceição Pintura a óleo de autor desconhecido, e que, segundo os entendedores, mais parece uma boa cópia do que um original. Foi comprado este quadro no leilão que fez a Academia Real das Ciências, em 1864 (pouco mais ou menos) por J. de C., como recordação do Padre Mestre Frei José Mayne. Costou 65000 réis. O quadro mede na sua maior altura metro e meio, sobre noventa centímetros, aproximadamente. Como a reprodução fotográfica não saún nitida, houve necessidade de a retocar; mas a pessoa que o fez não viu o original, e por isso esta estampa deixa de representar com verdade o lindo rosto da Senhora, que é de notável formosura no quadro a óleo.
- Pág, 300-A Imagem de Santo António, o pobre. Venera-se no Convento de Nossa Senhora de Jesus — Reprodução de gravura em cobre assinada João Cardini 1.
- Pág. 304-A A Rainha D. Maria II.
- Pág. 328-A Frontaria do antigo Hospício dos Clérigos pobres, na rua do S. Pedro de Alcântara, tal como era em 1833. Cópia a tinta da China por J. de C. do desenho por Luís Gonzaga Pereira conservado na Biblioteca Nacional.
- Pág. 832-A Retrato do Conde de Cantanhede, 1.º Marquês de Marialva Reprodução de uma fototipia, que (além de outras) o nosso ilustrado Cônsul em Liorne, o sr. Antônio de Portugal de Faria, mandou tirar do quadro original existente em Florença na Galeria degli Uffizzij, e dos quais teve a extrema bondade de me enviar a colecção, brinde que muito lhe agradeço. Ao fundo lê-se M: de Marialva; à direita percebem-se as Armas dos Meneses.
- Pág. 336-A Frontaria da igreja e convento de S. Pedro de Alcântara tal como era em 1833 — Cópia por J. de C. do desenho de Luís Gonzaga Pereira conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Pág. 350-A Vista de uma parte de Lisboa tirada da alameda superior do jardim de S. Pedro de Alcântara.
- Pág. 320-A Reprodução da Imagem de Nossa Senhora da Glória, ainda hoje venerada no altar-mor da capela da Glória, que pertenceu aos Condes de Lumiares. (Para o leitor intercalar no volume II, a pág. 252).











MON 132-P CMLEO 4186



VOL. II

132

